Darren Shan
TOCA DIGITAL
CIRCO DOS
circo dos horrores
HORRORES
Um pesadelo real...
ROCCO
JOVENS LEITORES

Darren Shan

CIRCO DOS HORRORES

A SAGA DE DARREN SHAN
LIVRO 1

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

Rio de Janeiro - 2001

Este espetáculo de monstros jamais viria a público se não fosse pelos esforços dos meus assistentes de laboratório:

Biddy & Liam — “A Dupla Medonha”
A “Diabólica” Domenica de Rosa
A “Rosnadora” Gillie Russell Emma
“Exterminadora” Schlesinger
e
O “Lorde da Noite Rubra — Christopher Little

Agradecimentos também são devidos a meus companheiros de banquete, as Criaturas Horríveis de HarperCollins.
E os pupilos fantasmagóricos da Escola Askeaton (e outras) que serviram voluntariamente como cobaias e enfrentaram pesadelos para que este livro fosse o mais denso, escuro e estarrecedor possível.

PRÓLOGO

Sempre fui fascinado por aranhas. Eu costumava colecioná-las quando era menor. Passava horas procurando no velho barracão empoeirado, no fundo do nosso jardim, caçando as teias à procura das predadoras de oito pernas. Quando encontrava uma, eu a levava para dentro de casa e a soltava no meu quarto.

Isso deixava minha mãe enlouquecida!

Geralmente, as aranhas fugiam depois de um ou dois dias e desapareciam para sempre, mas às vezes ficavam por ali mais tempo. Uma delas fez uma teia acima da minha cama e ficou de sentinela por quase um mês. Quando ia dormir, eu imaginava a aranha descendo da teia, entrando na minha boca, descendo pela minha garganta e depositando uma porção de ovos na minha barriga. Os filhotes de aranha

saíam dos ovos depois de algum tempo e me devoravam vivo, de dentro para fora.

Quando eu era pequeno adorava sentir medo.

Quando eu tinha nove anos, meus pais me deram uma pequena tarântula. Não era venenosa, nem muito grande, mas foi o melhor presente que recebi na vida. Eu brincava com aquela aranha quase todas as horas do dia. Dava a ela todo tipo de guloseimas: moscas e baratas e pequenas minhocas. Eu a estraguei com mimos.

Então, um dia, fiz uma coisa idiota. Eu estava assistindo a um desenho no qual um dos personagens era sugado por um aspira-dor. Não aconteceu nada de mau com ele. Ele saiu do saco, cheio de poeira e lixo, e furioso. Era muito engraçado.

Tão engraçado que tentei fazer o mesmo. Com a tarântula.

Não preciso dizer que as coisas não aconteceram como no desenho animado. A aranha foi feita em pedaços. Eu chorei bas-tante, mas era tarde demais para lágrimas. Meu bicho de estimação estava morto, por

minha culpa, e eu não podia fazer nada a respeito.

Meus pais quase derrubaram o teto, tamanha foi a gritaria quando souberam o que eu tinha feito — a tarântula tinha custado caro. Disseram que eu era um bobo irresponsável e desse dia em diante nunca mais me deixaram ter um bicho de estimação, nem mesmo uma aranha comum do jardim.

Comecei com essa história do passado por dois motivos. Um ficará óbvio neste livro. O outro é:

Esta é uma história verdadeira.

Não espero que acreditem — eu mesmo não acreditaria se não tivesse vivido tudo —, mas é verdadeira. Tudo que descrevo neste livro aconteceu exatamente como eu conto.

O problema com a vida real é que, quando você faz uma coisa idiota, geralmente tem de pagar. Nos livros, os heróis podem cometer erros à vontade. Não importa o que façam, porque tudo acaba bem. Eles espancam os

bandidos e endireitam as coisas e tudo acaba bonitinho.

Na vida real, aspiradores de pó matam aranhas. Se você atravessa uma rua movimentada sem olhar, acaba atropelado por um carro. Se você cai de uma árvore, quebra alguns ossos.

A vida real é horrível. É cruel. Não se importa com heróis e finais felizes e como as coisas devem ser. Na vida real, acontecem coisas más. As pessoas morrem. Lutas são perdidas. O mal sempre vence.

Eu só queria deixar isso bem claro antes de começar.

Mais uma coisa: meu nome não é Darren Shan. Tudo é verdade neste livro, *exceto* os nomes. Tive de mudar porque... bem, quando chegar ao fim, você vai compreender.

Não usei *nenhum* nome verdadeiro, nem o meu, nem o da minha irmã, dos meus amigos ou professores. De ninguém. Nem vou dizer o

nome da minha cidade ou país. Não teria coragem.

De qualquer modo, isso chega para uma introdução. Se você está pronto, vamos começar. Se esta fosse uma história inventada, começaria à noite, com uma tempestade uivando e corujas piando e com barulhos debaixo da cama. Mas é uma história real, portanto tenho de começar onde realmente começou.

Começou num banheiro.

CAPÍTULO UM

EU ESTAVA no banheiro da escola, sentado, cantarolando. Estava com a calça vestida. Eu tive que vir porque senti um enjôo lá pelo fim da aula de inglês. Meu professor, o Sr. Dalton, é muito bom com coisas desse tipo. É inteligente e sabe quando você está fingindo e quando não está. Olhou para mim quando levantei a mão e disse que estava me sentindo mal, depois fez um gesto de assentimento e me disse para ir ao banheiro.

— Jogue fora tudo que o está atrapalhando, Darren — disse ele. — Depois traga seu traseiro de volta para cá.

Eu gostaria que todos os professores fossem tão compreensivos quanto o Sr. Dalton.

No fim, eu não vomitei, mas ainda me sentia enjoado, por isso fiquei no banheiro. Ouvi o sinal para terminar a aula e todo mun-

do saiu correndo para o intervalo do almoço. Eu queria me juntar a eles, mas sabia que o professor não ia gostar de me ver no pátio tão depressa. Ele não fica zangado se a gente o engana, mas fica quieto e não fala com a gente durante um tempo enorme, o que é quase pior do que se ele gritasse.

Então, lá estava eu, cantarolando, consultando meu relógio, esperando. Ouvi alguém me chamar.

— Darren! Ei, Darren. O que aconteceu, você caiu no vaso?

Eu sorri. Era Lucas Leopardo, meu melhor amigo. O sobrenome verdadeiro de Lucas era Leonardo, mas todos o chamavam de Lucas Leopardo. E não só porque as palavras são parecidas. Lucas costumava ser o que minha mãe chama de “uma criança selvagem”. Ele arranjava encrenca aonde quer que fosse, começava brigas, roubava nas lojas. Um dia — ele ainda estava no carrinho de bebê — arranjou uma vareta aguda e espetava as mulheres que passavam (nenhum prêmio por adivinhar onde ele enfiava a vareta!).

Lucas era temido e desprezado em qualquer lugar aonde ia. Mas não por mim.

Sou seu melhor amigo desde a escola Montessori, onde nos conhecemos. Minha mãe diz que fiquei seu amigo por ele ser bagunceiro, mas eu achava que ele era um grande cara e ótima companhia. Tinha um temperamento esquentado e crises assustadoras quando se irritava. Eu simplesmente fugia de perto quando isso acontecia e só voltava quando Lucas estivesse mais calmo.

A fama de Lucas foi melhorando com a idade — sua mãe o levou a uma porção de conselheiros que o ensinaram a se controlar —, mas ele era ainda uma pequena lenda no pátio da escola e não uma pessoa com quem você ia querer se meter, mesmo que você fosse maior e mais velho.

— Ei, Lucas — respondi. — Estou aqui. — Bati na porta para indicar o cubículo em que eu estava.

Ele entrou correndo e abriu a porta. Sorriu quando me viu sentado com minha calça vestida.

— Você vomitou? — perguntou ele.

— Não — disse eu.

— Acha que vai vomitar?

— Talvez. — Então me inclinei de repente e fiz um barulho de quem vomita. Mas Lucas Leopardo me conhece muito bem para se deixar enganar.

— Vou engraxar os sapatos enquanto você está aí — disse ele, e riu quando fingi cuspir nos seus sapatos e limpar com um pedaço de papel higiênico.

— Perdi alguma coisa na aula? — perguntei, sentando outra vez.

— Nada — disse ele. — A baboseira de sempre.

— Você fez o dever de história? — perguntei.

— É só para amanhã, não é? — perguntou, preocupado. Lucas estava sempre esquecendo o dever de casa.

— Para depois de amanhã — disse eu.

— Oh — disse Lucas, relaxando. — Melhor ainda. Pensei... — parou, franzindo a testa. — Espere um pouco — disse ele. — Hoje é quinta-feira. Depois de amanhã é...

— Te peguei! — gritei, batendo com a mão fechada no ombro dele.

— Ai! — gritou ele. — Isso doeu. — Esfregou o braço, mas eu sabia que não estava

machucado de verdade. — Você vai sair dar? — perguntou ele então.

— Pensei em ficar aqui e admirar a vista — disse eu, recostando, sentado no vaso.

— Deixe de besteira — disse Lucas. — Estávamos perdendo de cinco a um quando vim para cá. Agora já devemos estar perdendo de seis ou sete a um. Precisamos de você. — Ele estava falando de futebol. Sempre jogamos uma partida na hora do almoço. Meu time geralmente ganha, mas tínhamos perdido muitos dos nossos melhores jogadores. Davi quebrou a perna. Samuel foi transferido para outra escola quando sua família se mudou. E Dani parou de jogar futebol para passar a hora do almoço com Sheila, a garota de quem ele gosta. Otário!

Eu sou nosso melhor atacante. Há melhores defensores e meios-de-campo e Tom Jones é o melhor goleiro da escola, mas eu sou o único que pode jogar na frente e marcar quatro ou cinco vezes em um dia, sem falhar.

— Tudo bem — disse eu, ficando de pé. — Vou salvá-los. Fiz gol todos os dias da semana. Seria uma pena parar agora.

Passamos pelos caras mais velhos — fumando em volta dos lavatórios como sempre — e corremos para meu armário, para calçar meu tênis. Eu tinha um par legal ganho em um concurso de redação, mas os cordões estavam arrebentados havia alguns meses e a borracha dos lados começava a cair. Além disso, meus pés tinham crescido. O par que tenho agora também é legal, mas não é a mesma coisa.

Estávamos perdendo de oito a três quando entrei no campo. Não era um campo de verdade, apenas uma longa faixa do pátio com as traves do gol pintadas nas duas extremidades. Quem as pintou era um completo idiota. A parte de cima era muito alta de um lado e muito baixa no outro!

— Não tenham medo, Shan, o Maioral, está aqui! — gritei enquanto corria para o campo. Muitos jogadores riram ou rosnaram, mas vi que meus companheiros de time se animaram e os adversários ficaram preocupados.

Comecei bem e marquei dois gols no primeiro minuto. Parecia que íamos virar o placar e vencer. Mas o tempo acabou. Se eu tivesse chegado mais cedo, tudo estaria bem,

mas a campainha tocou quando eu estava tomando velocidade e com isso perdemos de nove a sete.

Quando saíamos do campo, Alan correu para o meio do pátio, ofegante e muito vermelho. Eles são meus três melhores amigos: Lucas Leopardo, Tom Jones e Alan Morris. Devemos ser as quatro pessoas mais estranhas do mundo, porque só um de nós — Lucas — tem apelido.

— Vejam o que encontrei! — gritou Alan, sacudindo um pedaço de papel amassado debaixo do nosso nariz.

— O que é? — perguntou Tom, tentando agarrar o papel.

— É... — Alan começou a dizer, mas parou quando o Sr. Dalton gritou.

— Vocês quatro! Para dentro!

— Estamos indo, Sr. Dalton — gritou Lucas. Ele é o favorito do professor e consegue fazer coisas que nenhum de nós poderia fazer. Como nas vezes em que usa palavrões em suas histórias. Se eu escrevesse algumas das palavras que Lucas usa, teria sido expulso há muito tempo.

Lucas é o preferido porque é especial. Às vezes é brilhante na classe e faz tudo direito, mas outras vezes não consegue nem soletrar o próprio nome. O Sr. Dalton diz que ele é meio *idiot savant*, ou seja, um gênio burro!

De qualquer forma, mesmo sendo o queridinho do professor, nem Lucas pode chegar atrasado na classe. Portanto, fosse o que fosse que Alan tivesse encontrado, teria de esperar. Voltamos para a classe, suados e cansados depois do jogo, e começamos a nossa próxima aula.

Eu nem imaginava que o misterioso pedaço de papel de Alan logo mudaria minha vida para sempre. Para pior!

CAPÍTULO DOIS

TIVEMOS O Sr. Dalton outra vez depois do almoço, para a aula de história. Estávamos estudando a Segunda Guerra Mundial. Eu não gostava muito, mas Lucas achava formidável. Gostava de tudo que tinha a ver com matança e com guerra. Muitas vezes dizia que queria ser um soldado mercenário — que luta por dinheiro — quando crescesse. E falava sério!

Depois de história, tivemos matemática e — incrivelmente — o Sr. Dalton pela terceira vez. Nosso professor de matemática estava doente, por isso outros tinham de substituí-lo do melhor modo possível.

Lucas estava nas nuvens. Três aulas seguidas com seu professor favorito! Era a primeira vez que tínhamos o Sr. Dalton para matemática, por isso Lucas começou a se mostrar, dizendo onde estávamos no livro, explicando alguns dos problemas mais com-

plicados, como se falasse com uma criança. O Sr. Dalton não se importou. Estava acostumado com Lucas e sabia exatamente como tratá-lo.

Normalmente, o Sr. Dalton é muito eficiente — suas aulas são divertidas, e sempre saímos sabendo alguma coisa —, mas não era muito bom em matemática. Tentou bravamente, mas dava para perceber que estava fora do seu terreno. Enquanto estava ocupado tentando controlar as coisas — a cabeça enterrada no livro de matemática, Lucas ao seu lado, fazendo sugestões “úteis” —, o resto da turma começou a se impacientar, falando em voz baixa e passando bilhetes.

Mandei um bilhete para Alan pedindo para ver o papel misterioso. Ele recusou a princípio, mas continuei a mandar bilhetes e finalmente ele cedeu. Tom senta a duas carteiras da minha, por isso pegou o papel primeiro. Abriu e começou a examinar. Seu rosto se iluminou enquanto lia e seu queixo caiu devagar. Quando passou o papel para mim — depois de ler três vezes —, logo compreendi.

Era um folheto anunciando uma espécie de circo itinerante. Havia o desenho da cabeça de um lobo na parte de cima. O lobo estava com a boca aberta com saliva pingando dos dentes. Na parte de baixo havia os desenhos de uma aranha e uma cobra, que também pareciam ferozes.

Logo abaixo do lobo, em letras maiúsculas, grandes e vermelhas, estava escrito:

CIRCO DOS HORRORES

Na parte inferior, com letras miúdas:

APENAS UMA SEMANA — CIRCO DOS HORRORES!!
NÃO PERCA:
THORSO E KONTHORSO — OS GÊMEOS CONTORCIONISTAS!
O MENINO-COBRA! O HOMEM-LOBO! DIANA DENTADA!
LARTEN CREPSLEY E SUA ARANHA ARTISTA — MADAME
OCTA!

ALEXANDRE COSTELA! A MULHER BARBADA!
MANO MÃO!
SANCHO DUAS PANÇAS — O HOMEM MAIS GORDO DO
MUNDO!

Debaixo disso tudo o endereço para comprar entradas e ficar sabendo onde seria o espetáculo. E bem no fim, logo acima das fotos da cobra e da aranha:

DESACONSELHADO PARA OS MEDROSOS!
FAZEMOS ALGUMAS RESTRIÇÕES!

"Circo dos Horrores?" — murmurei para mim mesmo. Circo... Seria um *espetáculo só de terror*? Parecia.

Comecei a ler o folheto outra vez, prestando atenção nos desenhos e nas descrições dos artistas. Na verdade eu estava tão absorto que me esqueci do professor. Só me lembrei dele quando percebi que a sala estava silenciosa. Ergui os olhos e vi Lucas de pé, sozinho na frente da turma. Mostrou a língua para mim e sorriu. Senti o cabelo da minha nuca eriçar e olhei para trás. Lá estava

o Sr. Dalton, de pé, atrás de mim, lendo o folheto, com os lábios cerrados.

— O que é isso? — perguntou ele com ar severo, tirando o papel das minhas mãos.

— É um anúncio, senhor — respondi.

— Onde o arranjou? — perguntou ele. Parecia muito zangado. Eu nunca o tinha visto tão furioso. — Onde arranjou isso? — perguntou outra vez.

Passei a língua nos lábios, nervoso. Não sabia como responder. Não ia jogar Alan no fogo — e eu sabia que ele não confirmaria se eu o delatasse. Até os melhores amigos de Alan sabem que ele não é a criatura mais corajosa do mundo — mas minha mente estava funcionando em marcha lenta e eu não conseguia pensar em uma mentira razoável. Por sorte, Lucas interferiu.

— Senhor, é meu — disse ele.

— Seu? — O professor piscou os olhos devagar.

— Encontrei perto do ponto de ônibus, senhor — disse Lucas. — Um coroa o jogou fora. Pensei que era interessante, por isso apanhei. Ia perguntar ao senhor a respeito, mais tarde, no fim da aula.

— Oh. — O professor tentou não parecer lisonjeado, mas vi que estava. — Isso é outra coisa. Nada de errado com uma mente inquisitiva. Sente-se, Lucas. — Lucas se sentou. O professor espetou uma tachinha azul no folheto e o pregou no quadro-negro.

“Há muito tempo”, disse ele, batendo com a mão no folheto, “havia verdadeiros espetáculos de terror. Bandidos gananciosos prendiam pessoas deformadas em jaulas e...”

— Senhor, o que significa *deformadas*? — alguém perguntou.

— Uma pessoa diferente das outras — disse o Sr. Dalton. — Uma pessoa com três braços ou dois narizes, alguém sem pernas, alguém muito baixo ou muito alto. Os homens exibiam essas pobres pessoas que não seriam diferentes para vocês ou para mim, a não ser na aparência, e as chamavam de horrores da natureza. Cobravam entrada para olhar e incitavam o público a rir e a caçoar delas. Tratavam os chamados “horrores da natureza” como animais. Eram muito mal pagos, espancados, vestidos com andrajos e nunca podiam se lavar.

— Isso é cruel, senhor — disse Evelyn, uma menina sentada na frente.

— Sim — concordou ele. — Os espetáculos eram cruéis, criações monstruosas. Por isso fiquei zangado quando vi isto. — Tirou o folheto do quadro. — Foram proibidos há anos, mas de vez em quando se ouvem rumores de que ainda existem.

— O senhor acha que o Circo dos Horrores é mesmo um show de terror? — perguntei.

O Sr. Dalton examinou o folheto outra vez, depois balançou a cabeça.

— Duvido — disse ele. — Provavelmente apenas uma brincadeira cruel. Mesmo se *fosse* real, espero que ninguém aqui sonhe em assistir — acrescentou.

— Oh, não, senhor — todos nós dissemos, rapidamente.

— Porque eram espetáculos terríveis — disse ele. — Fingiam que eram circos de verdade, mas eram redutos de maldade. Quem ia assistir era tão cruel quanto os homens que o faziam.

— Precisa ser muito depravado para ir a um espetáculo desses, senhor — Lucas concordou. E então olhou para mim, piscou

um olho e disse só com o movimento dos lábios. — Nós vamos!

CAPÍTULO TRÊS

LUCAS CONVENCEU o Sr. Dalton a deixar que ele ficasse com o folheto. Disse que queria para a parede do seu quarto. O professor não ia devolver, mas depois mudou de idéia. Rasgou o endereço, na parte inferior e entregou a Lucas o resto.

Depois da aula, nós quatro — eu, Lucas, Alan e Tom — nos reunimos no pátio e examinamos o folheto.

— Tem de ser uma brincadeira — disse eu.

— Por quê? — perguntou Alan.

— Não permitem mais esses espetáculos — ponderei. — Homens-lobo e meninos-cobra estão fora da lei há anos. Pelo menos foi o que o Sr. Dalton disse.

— Não é uma brincadeira! — insistiu Alan.

— Onde você o achou? — quis saber Tom.

— Eu roubei — disse Alan em voz baixa . — É do meu irmão mais velho. — O irmão mais

velho de Alan era Tony, que foi o maior valentão da escola até ser expulso. Ele é grande, malvado e feio.

— Você *roubou* de *Tony*?! — disse eu, espantado. — Você está a fim de morrer?

— Ele não vai saber que fui eu — disse Alan. — Estava no bolso de uma calça que mamãe pôs na máquina de lavar. Eu deixei no bolso da calça uma tolha de papel em branco quando tirei isto. Ele vai pensar que a tinta desbotou.

— Esperto — disse Lucas.

— Onde Tony arranjou? — perguntei.

— Um cara estava distribuindo num beco — disse Alan. — Um dos artistas do circo, um tal de Sr. Crepsley.

— O que tem a aranha? — perguntou Tom.

— Isso mesmo — respondeu Alan. — Só que ele não estava com a aranha. Era noite e Tony estava voltando do bar. — Tony não tem idade para ser servido em um bar, mas ele fica por ali, com caras mais velhos que compram bebida para ele. — O Sr. Crepsley entregou o papel para Tony e disse que faz parte de um circo de horrores itinerante que apresenta espetáculos secretos em cidades de todo o

mundo. Ele disse que é preciso ter um folheto para comprar as entradas e só o dão a pessoas em quem confiam. Não se deve contar para ninguém sobre o espetáculo. Eu só descobri porque Tony estava de bom humor como sempre fica quando bebe e não conseguiu ficar com a boca fechada.

— Quanto custa o ingresso? — perguntou Lucas.

— Quase cinquenta reais cada — disse Alan.

— Cinquenta reais! — nós todos exclamamos.

— Ninguém vai querer pagar cinquenta reais para ver um show de terror! — comentou Lucas com desprezo.

— Eu pagaria — disse eu.

— Eu também — concordou Tom.

— E eu também — acrescentou Alan.

— Tudo bem — disse Lucas. — Só que nós não temos dinheiro para jogar fora. Portanto, é uma questão acadêmica, certo?

— O que quer dizer *acadêmica*? — perguntou Alan.

— Quer dizer que não podemos pagar as entradas, portanto não importa se vamos

comprar ou não — explicou Lucas. — É fácil dizer que você *compraria* alguma coisa quando sabe que não pode.

— Quanto nós temos? — perguntou Alan.

— Duas moedinhas velhas e uma nota rasgada — disse eu, rindo. Era uma coisa que meu pai sempre dizia.

— Eu gostaria de ir — disse Tom tristemente. — Parece ótimo. — Olhou para o folheto outra vez.

— O Sr. Dalton não achou que fosse grande coisa — disse Alan.

— É isso que quero dizer — Tom disse. — Se o Grande Senhor não gosta, então deve ser superlegal. Qualquer coisa que os adultos odeiam é sempre brilhante.

— Vocês têm certeza de que não temos dinheiro suficiente? — perguntei. — Talvez eles tenham desconto para crianças.

— Acho que crianças não podem entrar — disse Alan, mas assim mesmo me disse quanto tinha. — Dezoito reais e dez centavos.

— Eu tenho trinta e oito reais exatos — disse Lucas.

— Eu tenho vinte e um reais e setenta e dois centavos — informou Tom.

— E eu tenho vinte e seis reais e dezesseis centavos — disse eu.

— O total é um pouco mais de cem reais — disse eu, fazendo a soma de cabeça. — Amanhã recebemos nossas semanadas. Se juntarmos nosso...

— Mas os ingressos estão quase todos vendidos — interrompeu Alan. — O primeiro espetáculo foi ontem. O último será na terça-feira. Se formos, terá de ser amanhã à noite ou no sábado, porque nossos pais não vão nos deixar sair outra noite qualquer. O cara que deu o folheto para o Tony disse que os ingressos para essas duas noites estavam quase todos vendidos. Temos de comprar esta noite.

— Muito bem, isso resolve a questão — disse eu, com um ar resignado.

— Talvez não — replicou Lucas. — Minha mãe guarda um maço de dinheiro em um vidro. Posso pegar emprestado e devolver quando recebermos nossa semanada.

— Está falando em roubar o dinheiro? — perguntei.

— Estou falando em pegar *emprestado* — respondeu, zangado. — Só é roubo se você não devolve. O que vocês acham?

— Como vamos comprar as entradas? — perguntou Tom. — É uma noite no meio da semana. Não vão nos deixar sair.

— Eu posso sair sem ser visto — disse Lucas. — Eu compro.

— Mas o Sr. Dalton rasgou o endereço — lembrei. — Como vamos saber onde comprar?

— Eu memorizei — disse ele com um largo sorriso. — Agora, vamos ficar aqui a noite toda arranjando desculpas ou vamos em frente?

Olhamos um para o outro, depois — um por um — assentimos em silêncio.

— Certo — disse Lucas. — Vamos depressa até em casa, pegamos nosso dinheiro e nos encontramos de novo aqui. Digam a seus pais que esqueceram um livro ou coisa parecida. Juntamos o que temos e eu completo com o dinheiro do vidro da minha mãe.

— E se você não puder roubar, quero dizer, pegar emprestado o dinheiro? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Então nada feito. Mas não saberemos se não tentarmos. Agora, depressa!

Com isso, ele saiu correndo. Momentos depois, com o firme propósito de não ficar de fora, Tom, Alan e eu corremos também.

CAPÍTULO QUATRO

NAQUELA NOITE eu só pensava no espetáculo do circo. Tentei esquecer mas não consegui, nem mesmo quando estava assistindo a meus programas favoritos na televisão. Parecia tão impressionante: um menino-cobra, um homem-lobo, uma aranha artista. Eu estava especialmente entusiasmado com a aranha.

Mamãe e papai não notaram nada, mas Joana notou. Joana é minha irmã mais nova. Ela pode ser um pouco chata mas a maior parte do tempo é legal. Não corre para mamãe contando as coisas erradas que eu faço e sabe guardar segredo.

— O que há de errado com você? — perguntou ela, depois do jantar. Estávamos sozinhos na cozinha, lavando a louça.

— Nada de errado — disse eu.

— Há sim — insistiu ela. — Você se comportou de modo estranho a noite toda.

Eu sabia que ela ia ficar perguntando até saber a verdade, por isso contei sobre o espetáculo de terror.

— Parece legal — concordou Joana. — Mas vocês não vão poder entrar.

— Por que não? — perguntei.

— Aposto que não deixam entrar crianças. Parece um espetáculo de gente grande.

— Provavelmente não deixariam entrar uma pirralha como você — disse eu com desdém. — Mas eu e os outros, tudo bem. — Isso a deixou zangada. Pedi desculpas. — Sinto muito, não queria dizer isso. Só estou chateado porque provavelmente você tem razão. Joana, eu daria qualquer coisa para ir!

— Tenho um kit de maquiagem que posso emprestar — disse ela. — Pode fazer rugas e coisas assim. Vai fazer com que pareça mais velho.

Sorri e dei um grande abraço em Joana, o que é raro.

— Obrigado, maninha — disse. — Está tudo bem. Se a gente entrar, maravilha. Se não, paciência.

Não falamos muito depois disso. Acabamos de enxugar os pratos e corremos para a sala da televisão. Papai chegou em casa alguns minutos depois. Ele trabalha em construções por toda parte, por isso geralmente volta tarde para casa. Às vezes é rabugento, mas estava de bom humor nessa noite e segurou as mãos de Joana e a rodopiou no ar.

— Alguma coisa especial aconteceu hoje? — perguntou, depois de dar um beijo na mamãe.

— Eu fiz mais um gol na hora do almoço — disse eu.

— Foi mesmo? Isso é ótimo. Muito bem.

Desligamos a televisão enquanto papai jantava. Ele gosta de paz e silêncio quando come e geralmente nos faz perguntas ou nos fala sobre seu trabalho.

Mais tarde, mamãe foi para o quarto trabalhar nos seus álbuns de selos. Ela leva muito a sério sua coleção de selos. Eu também colecionava quando era mais novo e precisava de pouca coisa para me divertir.

Subi para ver se minha mãe tinha alguns selos novos com animais exóticos ou aranhas.

Não tinha. Aproveitei para sondar sobre espetáculos de terror.

— Mamãe, alguma vez você foi a um show de terror?

— Um o quê? — perguntou ela, concentrada nos selos.

— Espetáculo de terror — repeti. — Com mulheres barbadas, homens-lobo e meninos-cobra.

Ela olhou para mim e piscou os olhos.

— Um menino-cobra? — perguntou. — Que diabo é um menino-cobra?

— É um... — parei quando percebi que eu não sabia. — Tudo bem, não faz mal. Já assistiu a algum?

Ela balançou a cabeça.

— Não. São ilegais — disse ela.

— Se não fossem proibidos e um estivesse na cidade, você iria? — perguntei.

— Não — disse ela, estremecendo. — Esse tipo de coisa me assusta. Além disso, não acho que seja justo para as pessoas que aparecem no espetáculo.

— Por quê? — perguntei.

— Como *você* se sentiria se fosse preso em uma jaula e exibido para os outros?

— Minha aparência não causa espanto às pessoas — disse eu, ofendido.

— Eu sei — mamãe riu e beijou o alto da minha cabeça. — Você é meu anjinho.

— Mamãe, não faça isso! — resmunguei, passando a mão na testa.

— Bobo — sorriu ela. — Mas imagine se você tivesse duas cabeças ou quatro braços e alguém o prendesse em uma jaula para que os outros caçoassem de você. Não iria gostar disso, não é?

— Não — disse eu, arrastando os pés no chão.

— Afinal, por que esse interesse todo por espetáculos de horror? — perguntou ela. — Por acaso, você tem ficado acordado assistindo a filmes de terror?

— Não — disse eu.

— Você sabe que seu pai não gosta que você assista a essas coisas...

— Não fiquei acordado assistindo a filmes de terror, está bem? — gritei. É chato quando os pais não ouvem o que dizemos.

— Muito bem, Senhor Rabugento — disse ela. — Não precisa gritar. Se não gosta da

minha companhia, vá para baixo e ajude seu pai a tirar as ervas daninhas do jardim.

Eu não queria ir, mas mamãe estava contrariada porque gritei com ela, por isso desci para a cozinha. Papai estava voltando do jardim e me viu.

— Então, foi aqui que você se escondeu — disse ele, sorrindo. — Muito ocupado para ajudar seu velho esta noite?

— Eu estava indo para o jardim — disse eu.

— Tarde demais — disse ele, tirando as botas. — Já acabei.

Eu o vi calçar os chinelos. Seus pés eram enormes. Ele usa sapatos tamanho 44! Quando eu era mais novo, ele me fazia ficar de pé sobre seus pés e andava. Era como andar em duas compridas pranchas de skate.

— O que vai fazer agora? — perguntei.

— Vou escrever — disse ele. Meu pai se corresponde com pessoas do mundo todo, na América, Austrália, Rússia e China. Ele diz que gosta de manter contato com seus vizinhos globais, mas eu acho que é só uma desculpa para tirar um cochilo no seu escritório!

Joana estava brincando com bonecas. Perguntei se ela queria ir ao meu quarto para um jogo de tênis de cama, usando uma meia como bola e sapatos como raquetes, mas ela estava muito ocupada arrumando suas bonecas para um piquenique.

Fui para meu quarto e peguei minhas revistinhas. Tenho uma porção de revistas em quadrinhos muito legais: *Super-homem*, *Batman*, *Homem-aranha* e *Spawn*. *Spawn* é o meu favorito. É um super-herói que tinha sido demônio no inferno. Algumas das revistas do *Spawn* são assustadoras. É por isso que gosto delas.

Passei o resto da noite lendo as revistas e pondo todas em ordem. Eu costumava trocar com Tom, que tem uma coleção enorme, mas ele sempre derramava refrigerante nas capas e deixava migalhas entre as folhas, por isso parei.

Em geral me deito às dez horas, mas mamãe e papai me esqueceram e fiquei acordado até quase dez e meia. Então meu pai viu a luz no meu quarto e subiu. Fingiu que estava zangado, mas não estava. Papai não se

importa muito se fico acordado até mais tarde. Mamãe é que insiste para que eu durma cedo.

— Para a cama! — disse ele. — Do contrário, nunca vou conseguir acordar você de manhã.

— Só um minuto, papai — disse eu. — Tenho que guardar as minhas revistas e escovar os dentes.

— Tudo bem. Mas seja rápido.

Guardei as revistas na caixa que ficava na estante atrás da minha cama.

Vesti o pijama e fui escovar os dentes. Não me apressei. Escovei devagar e eram quase onze horas quando fui para a cama. Deitei de costas, sorrindo. Estava muito cansado e sabia que ia dormir dentro de poucos segundos. Fiquei pensando no Circo dos Horrores. Imaginei como seria o menino-cobra, e qual seria o comprimento da barba da mulher barbada e o que Mano Mão e Diana Dentada faziam. Mais do que tudo, sonhei com a aranha.

CAPÍTULO CINCO

NA MANHÃ seguinte, Tom, Alan e eu esperamos por Lucas fora dos portões da escola. Mas não vimos nem sinal dele quando a sineta tocou para começar a aula e tivemos de entrar.

— Aposto que ele está fazendo hora — disse Tom. — Não conseguiu as entradas e agora não quer nos dizer.

— Lucas não é assim — disse eu.

— Espero que ele traga o folheto — disse Alan. — Mesmo que a gente não vá, eu gostaria de ficar com o folheto. Vou pregar na parede do meu quarto e...

— Não pode fazer isso, seu burro — riu Tom.

— Por que não?

— Porque o Tony vai ver — expliquei.

— Ah, é mesmo — disse Alan, tristonho.

Eu me sentia péssimo durante a aula. Tivemos geografia na primeira hora e, sempre que a Dona Dóris me perguntava alguma coisa, eu respondia errado. Normalmente geografia é minha melhor matéria. Eu sei muita coisa por causa da época em que colecionava selos.

— Foi dormir tarde, Darren? — perguntou ela quando dei a quinta resposta errada.

— Não, professora — menti.

— Acho que foi, sim — sorriu. — Tem mais bolsas sob seus olhos do que no supermercado. — Todos riram. A Dona Dóris raramente fazia piada e eu ri também, embora fosse o objeto da piada.

A manhã se arrastou como acontece quando nos sentimos desapontados ou enganados. Passei o tempo pensando no espetáculo de terror. Fingi que eu era um deles e o dono do circo era um cara cruel que espancava todos, mesmo quando faziam as coisas direito. Todos o odiavam, mas ele era tão grande e tão malvado que ninguém reclamava. Até o dia em que eu achei demais e me transformei em lobo e arranquei a cabeça

dele com os dentes! Todos aplaudiram e eu passei a ser o novo dono.

Era um devaneio muito bom.

Então, alguns minutos antes do intervalo, a porta se abriu e adivinhe quem entrou? Lucas! Sua mãe estava atrás dele e ela disse alguma coisa para a professora, que assentiu e sorriu. Então a mãe dele foi embora e Lucas foi para sua carteira e sentou-se.

— Onde você estava? — perguntei, num murmúrio furioso.

— No dentista — disse. — Eu me esqueci de avisar a vocês que tinha hora marcada.

— E como foi...

— Agora chega, Darren — avisou a professora. Calei a boca imediatamente.

No intervalo, Tom, Alan e eu quase sufocamos Lucas. Estávamos gritando e puxando sua roupa ao mesmo tempo.

— Você comprou as entradas? — perguntei.

— Estava mesmo no dentista? — quis saber Tom.

— Onde está meu folheto? — perguntou Alan.

— Calma, meninos, calma — disse Lucas, nos empurrando e rindo. — A pressa é inimiga da perfeição.

— Ora, vamos, Lucas, não brinque com a gente — disse eu. — Comprou ou não?

— Sim e não — disse ele.

— O que significa *isso*? — perguntou Tom, irritado.

— Significa que tenho algumas boas notícias, algumas más e algumas malucas — disse ele. — Quais vocês querem ouvir primeiro?

— Notícias *malucas*? — perguntei, intrigado.

Lucas nos levou para um canto do pátio, verificou se não havia ninguém por perto, então começou a falar em voz baixa.

— Eu consegui o dinheiro e saí de fininho às sete horas, quando minha mãe estava falando no telefone — disse ele. — Atravessei a cidade correndo até a bilheteria. Mas sabem quem estava lá quando cheguei?

— Quem? — perguntamos.

— O Sr. Dalton! — disse ele. — Estava lá com dois policiais, arrastando um cara pequeno da bilheteria, que na verdade era

apenas um pequeno barracão, quando de repente houve um grande estouro e uma nuvem de fumaça cobriu todo mundo. Quando a fumaça desapareceu, o homenzinho tinha desaparecido também.

— O que o Sr. Dalton e os policiais fizeram? — perguntou Alan.

— Examinaram a bilheteria improvisada, olharam em volta um pouco, depois foram embora.

— Eles não viram você? — perguntou Tom.

— Não — Lucas disse. — Eu estava bem escondido.

— Então você não comprou os ingressos — disse eu, com tristeza.

— Eu não disse isso — respondeu ele.

— Você comprou? — perguntei, admirado.

— Eu me virei para ir embora e encontrei o homenzinho atrás de mim. Ele era pequeno e vestia uma capa longa que o cobria dos pés à cabeça. Viu o folheto na minha mão, apanhou e me deu os ingressos. Eu dei o dinheiro e...

— Você comprou! — gritamos, encantados.

— Sim — sorriu. Então, tez uma cara triste. — Mas há um problema. Eu disse que tinha más notícias, lembram-se?

— O que é? — perguntei, pensando que ele havia perdido os ingressos.

— Ele só me vendeu dois — disse Lucas. — Eu tinha o dinheiro para quatro, mas ele não aceitou. Não disse nada, só bateu com a mão no folheto onde diz “fazemos algumas restrições”, então me entregou um cartão onde estava escrito que o Circo dos Horrores só vendia dois ingressos por cada folheto. Ofereci mais dinheiro. Eu tinha quase duzentos e trinta reais, mas ele não aceitou.

— Ele só vendeu *duas* entradas? — perguntou Tom desanimado.

— Mas isso quer dizer... — começou Alan.

— ... que só dois podem entrar — Lucas completou a frase. Olhou para nós muito sério. — Dois terão de ficar em casa.

CAPÍTULO SEIS

ERA A NOITE de sexta-feira, o fim da semana de aulas, o começo do fim de semana e todo mundo estava rindo e correndo para casa o mais depressa possível, satisfeitos com a liberdade. *Exceto* quatro alunos tristonhos que ficaram no pátio da escola, parecendo que tinha chegado o fim do mundo. Seus nomes? Lucas Leonardo, Tom Jones, Alan Morris e eu, Darren Shan.

— Não é justo — gemeu Alan. — Quem já ouviu falar de um circo que só deixa você comprar dois ingressos? É burrice!

Nós todos concordamos com ele, mas não podíamos fazer nada a não ser ficar por ali, cutucando o chão com a ponta do pé, com cara triste.

Finalmente, Alan fez a pergunta que estava na cabeça de todos.

— Então, quem fica com os ingressos?

Olhamos uns para os outros balançando a cabeça, incertos.

— Bem, Lucas *tem* de ficar com um — disse eu. — Ele pôs mais dinheiro do que o resto de nós e foi comprar, por isso ele tem de ficar com um ingresso.

— Concordo — disse Tom.

— Concordo — disse Alan. Acho que ele gostaria de discutir essa solução, mas sabia que ia perder.

Lucas sorriu e apanhou um ingresso.

— Quem vai comigo? — perguntou ele. — Eu trouxe o folheto — disse Alan, rapidamente.

— Bobagem — disse eu. — Lucas tem o direito de escolher.

— De jeito nenhum! — riu Tom. — Você é o melhor amigo de Lucas. Se deixarmos que ele escolha, vai optar por você. Acho que devemos lutar pelos ingressos. Tenho luvas de boxe em casa.

— Nada disso! — exclamou Alan. Ele é pequeno e nunca se mete em brigas.

— Eu também não quero lutar — disse eu. Não sou covarde mas não teria a mínima chance contra Tom. O pai dele o ensina a lutar

boxe e eles têm um saco para dar socos. Tom me poria no chão no primeiro assalto.

“Vamos tirar a sorte”, disse eu. Mas Tom não quis. Ele tem um azar danado e jamais ganha coisa alguma.

Discutimos um pouco mais, e então Lucas teve uma idéia.

— Já sei o que vamos fazer — disse ele, abrindo sua pasta da escola. Rasgou as duas páginas do meio de um caderno de exercícios usando uma régua, cortou cuidadosamente em pedaços pequenos, do tamanho dos ingressos. Então apanhou a sua lancheira vazia e jogou os papéis dentro dela.

“O negócio funciona assim”, prosseguiu Lucas, levantando o segundo ingresso. “Ponho isto aqui dentro e sacudo a lancheira, certo?” Nós assentimos. “Vocês ficam lado a lado e eu jogo os pedaços de papel por cima das suas cabeças. Quem ficar com a entrada, ganha. Eu e o ganhador devolveremos o dinheiro para os outros quando pudermos. Acham que é justo ou alguém tem uma idéia melhor?”

— Para mim parece bom — disse eu.

— Eu não sei — resmungou Alan. — Eu sou o mais moço. Não posso pular tão alto quanto...

— Pare de choramingar — disse Tom. — *Eu sou* o menor e não me importo. Além disso, o ingresso pode ficar no fundo da pilha, flutuar baixo exatamente no lugar certo para a pessoa mais baixa.

— Tudo bem, então — disse Alan. — Mas nada de empurrar.

— Combinado — disse eu. — Nada de violência.

— Combinado — concordou Tom.

Lucas fechou a lancheira e sacudiu demoradamente.

— Preparem-se — disse ele.

Nós nos afastamos de Lucas e ficamos enfileirados. Tom e Alan ficaram um perto do outro, mas eu me afastei um pouco. Queria espaço para mover os dois braços.

— Tudo bem — disse Lucas. — Vou jogar tudo para o ar quando contar três. Todos prontos? — Dissemos que sim, inclinando a cabeça. — Um — disse Lucas e vi Alan enxugando o suor em volta dos olhos. — Dois — prosseguiu Lucas e os dedos de Tom

tremeram. — Três! — gritou Lucas, abriu a tampa e jogou os papéis para o ar.

Uma brisa soprou e levou os pedaços de papel diretamente para nós. Tom e Alan começaram a gritar, movendo as mãos desesperadamente no ar. Era impossível ver o ingresso entre os pedaços de papel.

Eu ia agarrar um deles quando de repente me deu vontade de fazer uma coisa estranha. Parece loucura, mas sempre acreditei em obedecer a meus impulsos ou palpites.

O que eu fiz foi fechar os olhos, estender as mãos como um cego e esperar que alguma coisa mágica acontecesse.

É claro que vocês sabem que, quando a gente tenta uma coisa que viu em um filme, geralmente não funciona. Como tentar dar uma pirueta com a bicicleta ou saltar bem alto com o skate. Mas uma vez ou outra, quando você menos espera, alguma coisa encaixa.

Por um segundo, senti um papel passando por minhas mãos. Eu ia agarrar, mas alguma coisa me dizia que não era a hora. Então, um segundo depois, uma voz dentro de mim gritou: “AGORA!”

Fechei as mãos rapidamente.

O vento parou e os pedaços de papel começaram a cair no chão. Abri os olhos e vi Alan e Tom de joelhos, procurando o ingresso.

— Não está aqui! — disse Tom.

— Não encontro o ingresso em lugar nenhum! — gritou Alan.

Pararam de procurar e olharam para mim. Eu não me mexi. Fiquei imóvel, com as mãos fechadas.

— O que você tem nas mãos, Darren? — perguntou Lucas em voz baixa.

Olhei para ele, sem poder responder. Era como se eu estivesse em um sonho onde não podia me mover ou falar.

— Não está com ele — disse Tom. — Não pode estar. Ele estava com os olhos fechados.

— Talvez — disse Lucas. — Mas há alguma coisa nas mãos dele.

— Abra as mãos — disse Alan, me empurrando. — Vamos ver o que você está escondendo.

Olhei para Alan, depois para Tom e depois para Lucas. Então, lentamente, abri a mão direita primeiro.

Não havia nada nela.

Meu coração e meu estômago se contraíram. Alan sorriu e Tom começou a procurar outra vez no chão.

— E na outra mão? — perguntou Lucas.

Olhei para minha mão esquerda. Quase tinha me esquecido dela! Devagar, mais devagar do que da primeira vez, eu a abri.

Vi um pedaço de papel verde no meio da minha mão, mas estava virado para baixo e, como não tinha nada escrito na parte de trás, tive de virar para ter certeza. E lá estava, com letras vermelhas e azuis, o nome mágico:

CIRCO DOS HORRORES.

Estava comigo. O ingresso era meu. Eu ia ao Circo dos Horrores com Lucas.

— OBAAAAAAAA! — gritei e dei um soco no ar. — Eu ganhei!

CAPÍTULO SETE

OS INGRESSOS eram para sábado, o que era bom para mim, pois me dava oportunidade de falar com meus pais e pedir para passar a noite na casa de Lucas.

Eu não disse nada sobre o show de terror porque sabia que eles não iam deixar. Não me senti muito bem por não dizer a verdade mas, ao mesmo tempo, não disse uma mentira, apenas fiquei de boca fechada.

O sábado parecia nunca mais passar para mim. Tentei me manter ocupado porque é o melhor modo de fazer passar o tempo. Mas continuei a pensar no Circo dos Horrores e a desejar que estivesse na hora de ir. Fiquei de mau humor, o que é raro acontecer num sábado, e minha mãe deu graças a Deus quando saí para a casa de Lucas.

Joana sabia que eu ia ao circo e me pediu para trazer alguma coisa de lá, uma foto, se

fosse possível. Eu disse que máquinas fotográficas não eram permitidas (dizia no folheto) e que nem tinha dinheiro para comprar uma camiseta. Eu prometi comprar um broche, se eles tivessem, ou um pôster, mas ela teria de esconder e não dizer para nossos pais onde tinha conseguido se eles descobrissem.

Papai me deixou na casa de Lucas às seis horas. Perguntou a que horas eu queria que me apanhasse na manhã seguinte. Eu disse que ao meio-dia estava bem.

— Não assista a filmes de terror, está bem? — disse antes de ir embora. — Não quero que volte para casa e tenha pesadelos.

— Ora, papai — resmunguei. — Todos da minha turma assistem a filmes de terror.

— Escute — disse ele. — Não me importa se for um filme de Vincent Price ou um dos de Drácula, menos horrorosos, mas nada desses novos, está certo?

— Tudo bem — prometi.

— Ótimo — disse ele e foi embora.

Corri para a casa e toquei a campainha quatro vezes, meu sinal secreto para Lucas. Ele devia estar esperando atrás da porta, por-

que a abriu imediatamente e me puxou para dentro.

— Não é sem tempo — resmungou, apontando para a escada. — Está vendo aquela colina? — perguntou, como um soldado num filme de guerra.

— Sim, senhor — respondi, batendo os calcanhares.

— Temos de tomá-la ao amanhecer.

— Vamos usar rifles ou metralhadoras, senhor? — perguntei.

— Está louco? — exclamou ele. — Nunca passaríamos por toda aquela lama carregando uma metralhadora. — Indicou o carpete com uma inclinação da cabeça.

— Rifles então, senhor — concordei.

— E se formos apanhados, guarde a última bala para você — avisou ele.

Começamos a subir a escada como dois soldados, disparando armas imaginárias contra inimigos imaginários. Era infantil, mas divertido. Lucas “perdeu” uma perna no caminho e tive de ajudá-lo até o topo da colina.

— Vocês tiraram a minha perna e podem tirar a minha vida, mas jamais tomarão meu país — gritou ele do patamar.

Foi um discurso em voz bem alta. Tão alta que sua mãe saiu da sala de estar para ver o que estava acontecendo. Ela sorriu quando me viu e perguntou se eu queria comer ou beber alguma coisa. Eu recusei. Lucas disse que gostaria de um pouco de caviar e champanhe, mas não foi engraçado o modo como ele falou e não me fez rir.

Lucas não se dá bem com a mãe. Ele mora só com ela — o pai os deixou quando ele era muito pequeno — e estão sempre discutindo e gritando. Não sei por quê. Nunca perguntei a ele. Certas coisas não se discutem entre meninos. Meninas podem falar dessas coisas. Mas, se você é um menino, tem de falar sobre computadores, futebol, guerra e coisas assim. Falar sobre pais não é legal.

— Como vamos sair esta noite? — perguntei em voz baixa quando a mãe de Lucas voltou para a sala de estar.

— Está tudo bem — disse Lucas. — Ela vai sair. — Geralmente ele dizia *ela* e não *mamãe*.

— Quando voltar vai pensar que estamos na cama.

— E se ela for verificar?

Lucas deu um sorriso desagradável.

— Entrar no meu quarto sem ser convidada? Ela não ousaria.

Eu não gostava quando Lucas falava daquele modo, mas não disse nada com medo de que ele tivesse uma de suas crises. Eu não queria fazer nada que pudesse estragar nossa ida ao circo.

Lucas apanhou algumas das suas revistas em quadrinhos de horror que lemos em voz alta. Lucas tem revistas formidáveis, só para adultos. Meus pais subiriam pelas paredes se soubessem!

Lucas tem também uma porção de revistas antigas e livros sobre monstros, vampiros, lobisomens e fantasmas.

— A estaca tem de ser de madeira? — perguntei quando acabei de ler a revista de Drácula.

— Não — disse ele. — Pode ser de metal ou marfim, até de plástico, desde que seja bastante dura para atravessar o coração.

— E isso mata o vampiro? — perguntei.

— Sempre — disse ele.

— Mas você disse que é preciso decapitar, encher a cabeça com alho e jogar no rio — disse eu, franzindo a testa.

— Alguns livros afirmam isso — concordou ele. — Mas é para matar o espírito do vampiro junto com seu corpo, para que ele não possa voltar como um fantasma.

— Um vampiro pode voltar como fantasma? — perguntei, arregalando os olhos.

— Provavelmente não — disse Lucas. — Mas se você tivesse tempo e quisesse ter certeza, valeria a pena cortar fora a cabeça e se livrar dela. Você não quer arriscar nada com vampiros, quer?

— Não — disse eu, estremecendo. — E os lobisomens? Precisamos de balas de prata para matar?

— Acho que não — disse Lucas. — Acho que as balas normais podem fazer o serviço. Tem de usar uma porção, mas funcionam.

Lucas sabe tudo sobre fatos horríveis. Leu todos os livros de terror que existem. Ele diz que cada história tem pelo menos um pouco de verdade, mesmo as que são inventadas.

— Você acha que o homem-lobo do circo é um lobisomem?

Lucas balançou a cabeça.

— Pelo que eu li, os homens-lobo nos espetáculos de circo são apenas homens muito cabeludos. Alguns deles são mais como um animal do que as pessoas comuns e comem galinhas vivas e coisas assim, mas não são lobisomens. Um lobisomem não serviria para um espetáculo porque só pode virar lobo nas noites de lua cheia. Nas outras noites, ele é um cara normal.

— Entendo — disse eu. — E o menino-cobra? Você...

— Ei — riu. — Deixe a pergunta para mais tarde. Os espetáculos antigos eram terríveis. Os donos deixavam os atores com fome, mantinham-nos presos em jaulas e os tratavam como lixo. Mas não sei como vai ser este. Podem nem ser horripilantes. Podem ser apenas pessoas fantasiadas.

O show de terror era no outro lado da cidade. Tivemos de sair um pouco depois das nove para chegar a tempo. Podíamos ter tomado um táxi, mas tínhamos usado quase todo o

dinheiro da semana. Além disso, era mais divertido andar. Era mais impressionante!

Contamos histórias de fantasmas no caminho. Lucas falou quase o tempo todo porque ele sabe mais histórias do que eu. Ele estava em perfeita forma. Às vezes esquecia o fim das histórias, ou confundia os nomes, mas não nessa noite. Era melhor do que estar com o escritor Stephen King!

Foi uma longa caminhada, mais longa do que tínhamos imaginado. Tivemos de correr no último meio quilômetro. Ofegávamos como cachorros quando chegamos.

O local era um antigo teatro onde costumavam passar filmes. Passei por ali uma ou duas vezes, no passado. Lucas me disse certa vez que foi fechado porque um garoto caiu do balcão e morreu. Disse que a sala era mal-assombrada. Perguntei a meu pai e ele disse que era tudo mentira. Às vezes é difícil saber se devemos acreditar nas histórias do nosso pai ou nas do nosso melhor amigo.

Não havia nenhum nome no lado de fora, nenhum carro estacionado por perto e nenhuma fila. Paramos na frente e olhamos para o prédio. Era alto e escuro, revestido de

pedras cinzentas. Muitas das janelas estavam quebradas e a porta parecia a boca aberta de um gigante.

— Tem certeza de que é aqui? — perguntei, tentando esconder o medo.

— É o que está escrito no ingresso — disse Lucas, e verificou outra vez. — Isso mesmo, é aqui.

— Talvez a polícia tenha descoberto e o circo teve que ir embora — disse eu. — Talvez não haja nenhum espetáculo esta noite.

— Pode ser — disse Lucas.

Olhei para ele e passei a língua nos lábios, nervosamente.

— O que acha que devemos fazer? — perguntei.

Lucas olhou para mim e hesitou antes de responder.

— Acho que devemos entrar — disse, finalmente. — Já que viemos até aqui. Seria bobagem voltar agora, sem ter certeza.

— Concordo — disse eu, balançando a cabeça. Então olhei para cima, para o prédio assustador, e engoli em seco. Parecia o tipo de lugar que a gente vê nos filmes de horror, onde uma porção de gente entra mas não sai.

— Você está com medo? — perguntei para Lucas.

— Não — disse ele, mas eu podia ver seus dentes batendo e sabia que ele estava mentindo. — E *você*? — perguntou ele.

— É claro que não — disse eu. Olhamos um para o outro e sorrimos. Sabíamos que estávamos apavorados, mas pelo menos estávamos juntos. É muito ruim estar apavorado quando se está sozinho.

— Vamos entrar? — perguntou Lucas, tentando parecer animado.

— Acho melhor — disse eu.

Respiramos fundo, cruzamos os dedos, subimos os degraus (eram nove até a porta, todos rachados e cobertos de musgo) e entramos.

CAPÍTULO OITO

ENTRAMOS NUM corredor escuro e frio. Eu estava com minha jaqueta, mas tremia assim mesmo. Estava congelando.

— Por que é tão frio? — perguntei para Lucas. — Lá fora estava quente.

— Casas velhas são assim mesmo — ele respondeu.

Começamos a andar. Havia uma luz na extremidade do corredor, de modo que, quanto mais avançávamos, mais forte ela ficava. Fiquei satisfeito com isso. Não sei se teria aguentado de outro modo. Seria por demais assustador.

As paredes eram rachadas e rabiscadas e a tinta do teto estava descascando. Era um lugar pavoroso. Seria péssimo durante o dia, mas eram dez horas, faltavam duas horas para a meia-noite!

— Tem uma porta aqui — disse Lucas e parou. Empurrou a porta, que rangeu ruidosamente. Eu quase fiz meia-volta e saí correndo. Parecia a tampa de um caixão sendo aberta.

Lucas não demonstrava medo e enfiou a cabeça para dentro da sala. Não disse nada por alguns segundos, enquanto seus olhos se ajustavam ao escuro, depois recuou.

— É a escada para o balcão — disse ele.

— De onde o garoto caiu? — perguntei.

— Sim.

— Acha que devemos subir? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Acho que não. Está escuro lá em cima, nem sinal de luz. Vamos ver se encontramos outra entrada, mas creio que...

— Posso ajudá-los, meninos? — disse alguém atrás de nós e quase morremos de susto.

Viramos devagar e vimos o homem mais alto do mundo ali parado olhando para nós como se fôssemos dois ratos. Ele era tão alto que sua cabeça quase tocava o teto. Suas mãos eram enormes e ossudas e os olhos tão

escuros que pareciam dois pedaços de carvão enfiados no meio do rosto.

— Não é tarde para dois garotos como vocês estarem acordados? — perguntou ele. Sua voz era profunda e áspera como de um sapo, mas os lábios quase não se moviam. Teria sido um ótimo ventríloquo.

— Nós... — começou Lucas, mas teve de parar e passar a língua nos lábios. — Estamos aqui para ver o Circo dos Horrores.

— *Estão?* — O homem inclinou a cabeça lentamente. — Têm ingressos?

— Temos. — Lucas mostrou seu ingresso.

— Muito bem — resmungou o homem. Então virou para mim e disse: — E você, Darren, tem um ingresso?

— Tenho — disse eu, enfiando a mão no bolso. Então parei, atônito. *Ele sabia meu nome!* Olhei para Lucas e vi que ele estava tremendo.

O homem alto sorriu. Tinha dentes escuros — faltavam alguns — e a língua tinha uma cor amarela suja.

— Meu nome é Sr. Altão — disse ele. — Sou dono do Circo dos Horrores.

— Como sabe o nome do meu amigo? — perguntou Lucas corajosamente.

O Sr. Altão riu e se inclinou para a frente, ficando com os olhos na altura dos de Lucas.

— Eu sei muitas coisas — disse ele, suavemente. — Sei seus nomes. Sei onde moram. Sei que você não gosta da sua mãe nem do seu pai. — Virou para mim e eu recuei. Seu hálito fedia. — Sei que não disse a seus pais que vinha aqui. E sei como ganhou seu ingresso.

— *Como?* — perguntei. Meus dentes batiam tanto que fiquei sem saber se ele tinha me ouvido ou não. Se ouviu resolveu não responder, endireitou o corpo e afastou-se de nós.

— Precisamos nos apressar — disse ele, começando a andar. Eu pensei que ele daria passos gigantescos, mas eram curtos. — O espetáculo vai começar. Todos já estão sentados. Vocês estão atrasados, meninos. Tiveram sorte de não termos começado sem vocês.

Virou o canto do corredor. Estava só uns dois ou três passos na nossa frente, mas quando chegamos ao fim do corredor, ele

estava sentado atrás de uma mesa comprida coberta com um pano preto que ia até o chão. Usava agora um chapéu alto vermelho e luvas.

— Ingressos, por favor — disse ele. Estendeu a mão, apanhou os ingressos, pôs na boca e mastigou e engoliu!

— Muito bem — disse. — Podem ir agora. Normalmente não aceitamos crianças, mas vejo que são dois jovens ótimos e corajosos. Faremos uma exceção.

Na nossa frente havia duas cortinas azuis. Lucas e eu olhamos um para o outro e engolimos em seco.

— A gente entra direto? — perguntou Lucas.

— É claro — disse o Sr. Altão.

— Não tem uma senhora com uma lanterna? — perguntei.

Ele riu.

— Se você quer alguém para segurar sua mão, devia ter trazido uma babá! — disse ele.

Isso me fez ficar zangado e por um momento esqueci o medo.

— Tudo bem — disse eu, irritado, caminhando para a frente, surpreendendo

Lucas. — Se é assim... — Andei rapidamente e abri a cortina.

Não sei do que eram feitas aquelas cortinas, mas pareciam teias de aranha. Assim que passei por elas, parei. Eu estava num corredor curto e mais cortinas pendiam das paredes alguns metros a minha frente. Ouvi um barulho atrás de mim e na mesma hora Lucas estava ao meu lado. Ouvíamos ruídos atrás das cortinas.

— Você acha que é seguro? — perguntei.

— Acho mais seguro ir para a frente do que para trás — respondeu. — Acho que o Sr. Altão não ia gostar se voltássemos.

— Como acha que ele sabe tudo aquilo sobre nós? — perguntei.

— Ele deve ler as mentes das pessoas — respondeu Lucas.

— Ah — disse eu e pensei sobre isso por alguns momentos. — Ele quase me matou de medo — admiti.

— A mim também — disse Lucas.

Então seguimos em frente.

Era uma sala enorme. As poltronas tinham sido tiradas do teatro havia muito tempo, mas havia cadeiras de armar. Procuramos lugares

vazios. O teatro estava lotado, mas nós éramos as únicas crianças. Vi que as pessoas olhavam para nós e comentavam em voz baixa. Os únicos lugares eram na quarta fileira, a partir da frente. Tivemos de passar por cima de muitas pernas e as pessoas resmungavam. Quando sentamos vimos que eram bons lugares porque estávamos bem no meio e não havia ninguém alto na nossa frente. Tínhamos uma visão perfeita do palco. Podíamos ver tudo.

— Será que eles vendem pipoca? — perguntei.

— Num espetáculo de terror? — caçoou Lucas. — Caia na real! Eles podem vender ovos de serpente e olhos de lagarto, mas aposto o que você quiser que não vendem pipoca.

A platéia era variada. Alguns estavam bem vestidos, outros com roupa de trabalho. Alguns eram extremamente velhos, outros pouco mais velhos do que Lucas e eu. Alguns conversavam calmamente com seus companheiros e pareciam estar num jogo de futebol, outros estavam quietos e olhavam em volta nervosamente.

O que todos compartilhavam era uma expressão de expectativa. Dava para ver nos seus olhos a mesma luz que brilhava nos olhos de Lucas e nos meus. De algum modo tínhamos certeza de que veríamos algo especial, coisas que jamais víramos antes.

Então soaram as cornetas e tudo ficou silencioso. As cornetas soaram por um longo tempo, cada vez mais fortes, e todas as luzes se apagaram, até o teatro ficar na mais completa escuridão. Comecei a ficar apavorado outra vez, mas era tarde para ir embora.

De repente, as cornetas pararam de tocar e fez-se silêncio. Meus ouvidos zumbiam e por alguns segundos fiquei atordoado. Então, me refiz e sentei ereto na cadeira.

Em algum lugar no alto, alguém ligou uma luz verde iluminando o palco. Era fantasmagórico! Durante mais ou menos um minuto, nada aconteceu. Então entraram dois homens puxando uma jaula. Tinha rodas e estava coberta com o que parecia um enorme tapete de pele de urso. Quando chegaram no meio do palco pararam, soltaram as cordas e correram para os bastidores.

Por alguns segundos mais — silêncio. Então as cornetas soaram outra vez, três toques curtos. O tapete voou da jaula e apareceu a primeira atração.

Foi quando começaram os gritos.

CAPÍTULO NOVE

NÃO HAVIA necessidade de gritar. Mas o visual era chocante. Estava acorrentado dentro da jaula. Acho que as pessoas gritaram por divertimento, como gritamos na montanha-russa, não por medo.

Era o homem-lobo. Ele era muito feio, o corpo todo peludo. Vestia apenas uma tanga, como Tarzan, e podíamos ver as pernas cabeludas, a barriga, as costas e os braços. Tinha uma barba longa e despenteada que cobria quase todo o rosto. Os olhos eram amarelos e os dentes vermelhos.

Ele sacudiu as barras da jaula e urrou. Era realmente assustador. Mais pessoas gritaram quando ele urrou. Eu quase gritei, mas não queria parecer um bebê.

O homem-lobo continuou a sacudir as barras da jaula, pulando, e finalmente se

acalmou. Quando estava sentado como um cachorro, o Sr. Altão entrou no palco e disse:

— Senhoras e senhores... — começou e, embora sua voz fosse baixa e áspera, todos podiam ouvir o que estava dizendo. — Bem-vindos ao Circo dos Horrores, moradia dos seres humanos mais notáveis do mundo.

“Somos um circo antigo”, continuou ele. “Há quinhentos anos fazemos turnês, trazendo o grotesco para geração após geração. Nosso programa mudou várias vezes, mas nunca nosso objetivo, que é de espantar e apavorar! Apresentamos atos assustadores e bizarros, atos que não encontram em nenhum outro lugar do mundo.

“Os que se assustam facilmente devem sair agora”, avisou. “Tenho certeza de que muitos vieram aqui esta noite pensando que é uma brincadeira. Talvez pensassem que nossas atrações de terror fossem pessoas mascaradas ou desajustados inofensivos. *Não é esse o caso!* Cada ato que verão esta noite é real. Cada personagem é único. E nenhum é inofensivo.”

Terminou o discurso e saiu do palco. Duas belas mulheres com roupas brilhantes

entraram a seguir e abriram a porta da jaula do homem-lobo. Algumas pessoas pareciam assustadas, mas ninguém saiu do teatro.

O homem-lobo saiu latindo e uivando, até que uma das mulheres o hipnotizou com um movimento dos dedos. A outra mulher falou para a platéia:

— Vocês devem ficar muito quietos — disse ela, com um sotaque estrangeiro. — O homem-lobo não poderá machucá-los enquanto eu o estiver controlando, mas ele pode acordar com um som mais alto e então se torna implacável!

Depois de prontas, desceram do palco. Elas caminharam com o homem-lobo por todo o teatro. O pêlo dele parecia sujo e ele andava curvado, com os dedos em volta dos joelhos.

A mulher ficou ao lado do monstro, dizendo para todos ficarem quietos. Deixavam que o acariciasse se a pessoa quisesse, mas tinha de fazer isso gentilmente. Lucas o acariciou quando ele passou por nós, mas eu não, com medo de que ele acordasse.

— Qual é a sensação? — perguntei, com a voz mais baixa possível.

— Espetado — respondeu Lucas. — Parece um porco-espinho. — Levou os dedos ao nariz e cheirou. — Tem um cheiro estranho também, como borracha queimada.

O homem-lobo e as mulheres estavam no meio da passagem quando ouviu-se um grande BANG! Não sei o que fez o barulho, mas de repente o homem-lobo começou a rugir e empurrou as mulheres para longe.

A platéia gritou e os que estavam perto dele saltaram das cadeiras e correram. Uma mulher não foi bastante rápida e o homem-lobo saltou na direção dela e a jogou no chão. Ela gritava como uma louca, mas ninguém tentou ajudar. Ele a virou de costas no chão e arreganhou os dentes. Ela ergueu uma das mãos para empurrá-lo, mas ele ferrou os dentes na mão da mulher e a *arrancou*!!

Algumas pessoas desmaiaram quando viram isso e muitas começaram a gritar e a correr. Então, saído do nada, o Sr. Altão apareceu atrás do homem-lobo e passou os braços em volta dele. O homem-lobo lutou para se libertar durante alguns segundos, mas o Sr. Altão murmurou alguma coisa no seu ouvido e ele se acalmou. Enquanto o Sr. Altão

o levava de volta para o palco, as duas mulheres acalmaram a platéia, mandando que todos voltassem a seus lugares.

Enquanto todos hesitavam, a mulher com a mão arrancada continuava a gritar. O sangue jorrava do seu pulso, cobrindo o chão e outras pessoas. Lucas e eu olhávamos espantados para ela, boquiabertos, imaginando se ela ia morrer.

O Sr. Altão voltou do palco, apanhou a mão arrancada e assobiou. Duas pessoas com mantos azuis e capuzes correram para a mulher. Eram pequenas, não muito maiores do que eu e Lucas, mas tinham braços e pernas musculosos. O Sr. Altão fez a mulher se sentar e murmurou alguma coisa no seu ouvido. Ela parou de gritar e ficou imóvel.

O Sr. Altão segurou o pulso da mulher e tirou do bolso um pequeno saco de couro marrom. Abriu-o com a mão livre e borrifou um pó rosado no pulso que sangrava. Então apertou a mão arrancada contra o pulso e fez um sinal com a cabeça para as duas pessoas de azul. Eles mostraram duas agulhas e metros e metros de um fio cor de laranja.

Então, para espanto de todos, começaram a costurar a mão no pulso!

As duas pessoas com mantos azuis costuraram durante cinco minutos. A mulher não sentiu nenhuma dor, embora as agulhas entrassem e saíssem da sua carne, dando a volta no pulso. Quando terminaram, guardaram as agulhas e a linha não usada e voltaram para o lugar de onde tinham vindo. Os capuzes em nenhum momento escorregaram das suas cabeças, portanto não era possível dizer se eram homens ou mulheres. Quando se foram, o Sr. Altão soltou a mão da mulher e deu um passo para trás.

— Mexa os dedos — disse ele. A mulher olhou para ele sem compreender. — Mexa os dedos! — repetiu, e dessa vez ela obedeceu.

Ela moveu os dedos!

Todos deixaram escapar uma exclamação abafada. A mulher olhou para os dedos como se não acreditasse que estivessem ali. Mexeu outra vez. Então levantou-se e levou a mão acima da cabeça. Ela a balançou com a maior força possível. Estava nova em folha! Podiam-se ver os pontos mas não saía mais sangue e

os dedos pareciam estar funcionando perfeitamente.

— A senhora vai ficar bem — disse o Sr. Altão. — Os pontos cairão depois de alguns dias. Depois disso tudo estará bem.

— Talvez isso não seja suficiente! — alguém gritou e um homem grande e vermelho se adiantou. — Sou o marido dela — disse ele. — Acho que devíamos ir a um médico e depois à polícia! Não pode deixar um animal selvagem como esse solto no meio do povo! E se ele tivesse arrancado a cabeça dela?

— Então ela estaria morta — disse o Sr. Altão calmamente.

— Escute aqui, cara — começou o marido, mas o Sr. Altão interrompeu.

— Diga-me, senhor — disse ele. — Onde estava quando o homem-lobo a atacou?

— *Eu?* — perguntou o homem.

— Sim — disse o Sr. Altão. — O senhor é o marido. Estava sentado ao lado dela quando a fera escapou. Por que não procurou salvá-la?

— Bem, eu... Não tive tempo... eu não podia... eu não estava...

Não importa o que dissesse, o marido não podia vencer porque a resposta verdadeira era

que ele estava correndo para longe, tratando de se proteger.

— Escute — disse o Sr. Altão. — Eu avisei. Eu disse que este espetáculo podia ser perigoso. Não estamos em um circo seguro, onde nenhum mal pode acontecer. Enganos podem acontecer e acontecem e às vezes as pessoas acabam em pior estado do que sua mulher. Por isso este é um espetáculo proibido. Por isso devo trabalhar em velhos teatros no meio da noite. A maior parte das vezes, tudo corre bem e ninguém se machuca. Mas não podemos garantir sua segurança.

O Sr. Altão girou o corpo e parecia estar olhando para todos diretamente.

— Não podemos garantir a segurança de ninguém — rugiu. — Outro acidente como este é pouco provável, mas pode acontecer. Mais uma vez eu digo, se estão com medo, vão embora. Vão agora, antes que seja tarde demais!

Umas poucas pessoas foram embora. Mas a maioria ficou para ver o resto do espetáculo, até mesmo a mulher que quase perdeu a mão.

— Você quer ir? — perguntei para Lucas, mais ou menos esperando que ele dissesse

sim. Eu estava entusiasmado, mas morrendo de medo também.

— Está louco? — disse ele. — Isto é o máximo. Você não quer ir embora, quer?

— De jeito nenhum — menti e consegui um sorriso trêmulo.

Se eu não tivesse tanto medo de parecer covarde, eu teria ido embora e tudo ficaria bem. Mas não. Tive de agir como um grande homem e ficar até o fim. Se vocês soubessem quantas vezes desejei ter fugido a toda velocidade sem olhar para trás...

CAPÍTULO DEZ

ASSIM QUE o Sr. Altão saiu do palco e todos sentaram outra vez, a segunda atração de terror, Alexandre Costela, entrou. Ele era mais um comediante do que uma pessoa horrorosa. Era exatamente o que precisávamos para nos acalmar, depois daquele começo apavorante. Eu olhei para trás quando ele estava no palco e vi duas pessoas com mantos azuis de joelhos, limpando o sangue do chão.

Alexandre Costela era o homem mais magro que vi em toda a minha vida. Parecia um esqueleto. Parecia não ter carne alguma. Seria assustador se não fosse seu sorriso largo e amistoso.

Tocaram uma música engraçada e ele dançou no palco. Estava com roupa de bale e parecia tão ridículo que logo todo mundo estava rindo. Depois de algum tempo, ele parou de dançar e começou a se alongar.

Disse que era contorcionista (uma pessoa com ossos como borracha, que pode se dobrar de muitos modos).

Primeiro, ele inclinou a cabeça para trás. Parecia que tinha sido cortada. Virou de lado para que pudéssemos ver seu rosto virado ao contrário, depois começou a se inclinar para trás até a cabeça tocar o chão! Então, pôs as mãos em volta da parte de trás das pernas e enfiou a cabeça no meio delas até aparecer na sua frente. Parecia que ele estava saindo da própria barriga!

Recebeu um aplauso sonoro, endireitou o corpo e começou a se torcer como um pedaço de palha. Girou e girou, deu cinco voltas inteiras até seus ossos começarem a estalar. Ficou parado por um momento, depois começou a se desenrolar rapidamente.

Em seguida, ele apanhou duas varetas com as pontas peludas e com uma delas começou a bater numa das suas costelas. Abriu a boca e uma nota musical saiu dela! Era como um piano. Fechou a boca e bateu numa costela no outro lado do corpo. Dessa vez o que saiu foi uma nota mais alta e mais aguda.

Depois de mais algum tempo, manteve a boca aberta e começou a tocar canções! Tocou *London Bridge Is Falling Down*, algumas canções dos Beatles e os temas de alguns espetáculos musicais conhecidos.

O homem magro deixou o palco debaixo de gritos pedindo mais. Mas nenhuma das atrações de terror voltou para um bis.

Depois de Alexandre Costela veio Sancho Duas Panças, tão gordo quanto Alexandre era magro. Ele era eNORme! As tábuas do assoalho rangeram quando ele entrou no palco.

Caminhou até a frente do palco, fingindo que estava caindo. Eu via que as pessoas na primeira fila ficaram preocupadas e algumas saltaram para trás quando ele chegou mais perto. Eu não as culpo: ele as teria esmagado como uma panqueca se caísse em cima delas.

Ele parou no meio do palco.

— Oi — disse. Tinha uma voz agradável, baixa e sonora. — Meu nome é Sancho Duas Panças e tenho duas barrigas de verdade! Nasci com elas, como alguns animais. Os médicos ficaram espantados e disseram que

eu era uma aberração. Por isso vim para este circo e estou aqui esta noite.

As mulheres que tinham hipnotizado o homem-lobo apareceram com carrinhos cheios de comida: doces, batatas fritas, hambúrgueres, pacote de balas e repolhos inteiros. Havia coisas ali que eu nunca tinha visto antes, muito menos experimentado!

— Nham, nham — disse Sancho. Apontou para um relógio enorme que descia do teto, pendurado em cordas. Parou três metros acima da sua cabeça. — Quanto tempo acham que eu levo para comer tudo isso? — perguntou ele, apontando para a comida. — Ganha um prêmio quem chegar mais perto na adivinhação.

— Uma hora! — alguém gritou.

— Quarenta e cinco minutos — disse outro.

— Duas horas, dez minutos e 33 segundos — gritou outra pessoa. Logo todos estavam gritando seus palpites. Eu disse uma hora e três minutos. Lucas disse 29 minutos. O palpite mais baixo foi de dezessete minutos.

Quando terminamos, o relógio começou a tiquetaquear e Sancho começou a comer.

Comia como o vento. Seus braços se moviam tão depressa que quase ficavam invisíveis. Sua boca não parecia fechar nunca. Ele enfiava a comida na boca, engolia e continuava.

Todos estavam espantados. Fiquei enjoado só de olhar. Algumas pessoas chegaram a vomitar! Finalmente Sancho devorou o último pãozinho e o relógio acima da sua cabeça parou de funcionar.

Quatro minutos e 56 segundos! Ele comeu toda aquela comida em menos de cinco minutos! Eu não podia acreditar. Não parecia possível, mesmo para um homem com duas barrigas.

— Isso foi muito bom — disse Sancho. — Mas eu gostaria de uma sobremesa.

Enquanto aplaudíamos e ríamos, as mulheres com roupas brilhantes tiraram os carrinhos do palco e trouxeram outro, cheio de estátuas de vidro e garfos e facas e colheres e pedaços de metal.

— Antes de começar, devo avisar que não devem fazer isso em casa! — alertou Sancho. — Eu posso comer coisas que matariam pessoas normais. Não tentem me imitar. Se fizerem, podem morrer.

Ele começou a comer. Começou com algumas porcas e parado fusos que devorou sem piscar. Depois de alguns punhados, sacudiu a barriga e podíamos ouvir o barulho do metal dentro dela.

Contraiu a barriga e cuspiu as porcas e parafusos! Se fosse um ou dois, eu pensaria que ele estava escondendo debaixo da língua ou nos lados da boca, mas nem mesmo a boca de Sancho Duas Panças tinha tamanho suficiente para esconder tudo aquilo!

Em seguida ele comeu as estátuas de vidro. Quebrou o vidro em pedaços pequenos antes de engolir com um gole de água. Então comeu as colheres e os garfos. Dobrou com as mãos, formando círculos, enfiou na boca e deixou que descessem por sua garganta. Disse que seus dentes não tinham força para quebrar metal.

Depois disso, engoliu uma longa corrente de metal, depois fez uma pausa para tomar fôlego. Sua barriga começou a roncar e sacudir. Eu não sabia o que estava acontecendo até ele fazer força e então vi uma ponta da corrente saindo da sua boca.

Quando a corrente começou a sair, vi que os garfos e colheres estavam enganchados nela. Ele conseguiu enfiar a corrente nos círculos formados pelos objetos de metal, dentro da barriga. Era inacreditável.

Quando Sancho saiu do palco, pensei que ninguém poderia superar seu ato.

Estava enganado!

CAPÍTULO ONZE

DEPOIS QUE Sancho saiu, duas das pessoas com mantos azuis apareceram vendendo presentes. Havia coisas legais, como porcas e parafusos de chocolate, iguais aos que Sancho tinha comido, e bonecos de borracha iguais a Alexandre Costela, que podiam ser dobrados e esticados. E havia pêlo do homem-lobo. Comprei um pouco de pêlo, duro como arame e agudo como uma faca.

— Mais tarde teremos outras novidades — o Sr. Altão anunciou do palco. — Portanto não gastem todo o seu dinheiro agora.

— Quanto custa a estátua de vidro? — perguntou Lucas. Era igual às que Sancho Duas Panças tinha comido. A pessoa com manto azul não disse nada, mas levantou uma placa com o preço. — Não sei ler — disse Lucas. — Pode me dizer o preço?

Olhei espantado para Lucas imaginando por que ele estaria mentindo. A pessoa com capuz continuou calada. Dessa vez (ele ou ela) balançou a cabeça rapidamente e passou por nós, antes que Lucas pudesse perguntar mais alguma coisa.

— Qual foi a jogada? — perguntei.

Lucas deu de ombros.

— Eu queria ouvir o cara falar — disse ele. — Era para ver se é humano ou não.

— É claro que é humano — disse eu. — O que mais podia ser?

— Eu não sei — disse ele. — Por isso perguntei. Não acha estranho que mantenham o rosto coberto o tempo todo?

— Talvez sejam tímidos — disse eu.

— Talvez — disse ele, mas vi que não acreditou.

Quando as pessoas que vendiam os presentes terminaram, entrou a atração seguinte. Era a mulher barbada. A princípio pensei que fosse uma piada porque ela não tinha barba!

O Sr. Altão ficou atrás dela e disse:

— Senhoras e senhores, este é um ato muito especial. Truska é nova na nossa

família. É uma das mais incríveis artistas que já vi, com um talento verdadeiramente único.

O Sr. Altão saiu do palco. Truska era muito bonita, vestia um manto folgado vermelho com muitas aberturas e cortes. Vários homens no teatro começaram a tossir e a se remexer nas cadeiras.

Truska chegou bem na frente do palco para que a víssemos bem, depois disse alguma coisa parecida com o latido de uma foca. Levou as mãos ao rosto, uma de cada lado, e as passou levemente na pele. Então, fechou o nariz com dois dedos e coçou o queixo com a outra mão.

Aconteceu uma coisa extraordinária. A barba começou a nascer. Os pêlos apareceram primeiro no queixo, depois sobre o lábio superior, depois nos lados, e finalmente em todo o rosto. Era uma barba longa, loura e lisa.

Cresceu cerca de dez ou onze centímetros e parou. Ela tirou os dedos que tampavam o nariz e desceu para o meio da platéia, onde começou a andar, deixando que as pessoas puxassem e acariciassem sua barba.

A barba continuou a crescer enquanto ela andava, até chegar a seus pés! Quando chegou ao fundo da sala, ela virou e voltou para o palco. Não havia nenhuma brisa no teatro, mas seus pêlos se moviam de um lado para o outro, fazendo cócegas nas pessoas mais próximas.

Quando voltou ao palco, o Sr. Altão perguntou se alguém tinha uma tesoura. Muitas mulheres tinham. O Sr. Altão convidou algumas para subir ao palco.

— O Circo dos Horrores dará uma barra de ouro maciço a quem puder cortar um pedaço da barba de Truska — disse ele e levantou um pequeno lingote de ouro para mostrar que não estava brincando.

Isso animou todo mundo e durante dez minutos quase todos no teatro tentaram cortar a barba de Truska. Mas não conseguiram! Nada podia cortar os pêlos da mulher, nem mesmo uma tesoura de jardim que o Sr. Altão trouxe com ele. O mais engraçado era que os pêlos da barba continuavam macios como os de uma barba comum.

Quando todos admitiram o fracasso, o Sr. Altão esvaziou o palco e Truska ficou no meio

outra vez. Passou as mãos no rosto como antes e fechou as narinas com dois dedos, mas dessa vez a barba voltou para dentro dela novamente. Levou uns dois minutos para que todos os pêlos desaparecessem. Ela parecia exatamente como tinha surgido no início do show. Truska saiu do palco debaixo de aplausos e a atração seguinte veio logo depois.

Seu nome era Mano Mão. Ele começou falando sobre seu pai, que tinha nascido sem pernas. O pai de Mano aprendeu a andar sobre as mãos, como outras pessoas andam sobre os pés, e ensinou seu segredo aos filhos.

Mano então sentou-se, levantou as pernas e passou os pés em volta do pescoço. Andou de um lado para o outro com as mãos no chão, depois deu alguns pulos e desafiou quatro homens — escolhidos ao acaso — para uma corrida. Eles podiam correr normalmente usando os pés, ele ia correr usando as mãos. Ele prometeu uma barra de ouro a quem ganhasse dele.

Usaram como pistas de corrida a passagem central e as laterais do teatro e, apesar da sua desvantagem, Mano ganhou facilmente dos quatro homens. Disse que

podia correr cem metros em oito segundos usando somente as mãos e ninguém duvidou. Depois disso, ele fez alguns impressionantes números de ginástica, provando que uma pessoa pode funcionar tão bem com as pernas quanto sem elas. Seu ato não foi especialmente estimulante, mas foi agradável.

Houve uma curta pausa depois que Mano saiu, então o Sr. Altão apareceu outra vez.

— Senhoras e senhores — disse ele. — Nosso próximo ato é também espantoso e único. Pode ser também muito perigoso, por isso peço que não façam barulho e não aplaudam antes de serem avisados de que podem aplaudir com segurança.

O teatro ficou silencioso. Depois do que aconteceu com o homem-lobo, ninguém precisava ser avisado duas vezes.

Quando tudo se acalmou, o Sr. Altão saiu do palco. Gritou o nome do novo monstro enquanto saía, mas foi um grito suave:

— Sr. Crepsley e Madame Octa.

As luzes diminuíram e um homem de aparência horrível entrou no palco. Era alto e magro, com pele muito branca e apenas um tufo de cabelo ruivo no alto da cabeça. Tinha

uma grande cicatriz na face esquerda, que ia até os lábios e dava a impressão de que a boca se esticava para o lado do rosto.

Vestia uma roupa vermelho-escura e carregava uma pequena gaiola de madeira, que pôs sobre uma mesa. Quando estava pronto, virou para nós. Fez uma mesura e sorriu. Parecia mais assustador quando sorria, como um palhaço louco em um filme de horror a que assisti certa vez! Então começou a explicar seu ato.

Eu perdi a primeira parte do discurso porque não estava olhando para o palco. Estava olhando para Lucas. Quando o Sr. Crepsley entrou, o silêncio era total, exceto por uma ou outra exclamação abafada.

Lucas.

Olhei intrigado para meu amigo. Ele estava quase tão branco quanto Crepsley c seu corpo todo tremia. Até deixou cair o modelo de Alexandre Costela que tinha comprado.

Seus olhos estavam fixos no Sr. Crepsley, como que grudados nele, e enquanto eu o via olhar para o homem, o pensamento que me ocorreu foi: “Parece que ele viu um fantasma.”

CAPÍTULO DOZE

— NÃO É verdade que todas as tarântulas são venenosas — disse o Sr. Crepsley. Tinha uma voz profunda. Consegui desviar os olhos de Lucas e olhei para o palco. — A maior parte é inofensiva, como as aranhas que encontramos em todas as partes do mundo. E aquelas que *são* venenosas normalmente só têm veneno suficiente para matar criaturas muito pequenas.

“Mas algumas são mortais”, continuou. “Algumas podem matar um homem com uma picada. São raras e só encontradas em áreas extremamente remotas, mas existem.”

“Eu tenho uma dessas aranhas”, prosseguiu, abrindo a porta da gaiola. Por alguns segundos nada aconteceu, mas então a maior aranha que eu já tinha visto saiu. Era verde, púrpura e vermelha com pernas longas e peludas e corpo grande e gordo. Eu não

tinha medo de aranhas, mas aquela parecia pavorosa.

A aranha andou devagar para a frente. Então suas pernas se curvaram e ela abaixou o corpo, como se estivesse à espera de uma mosca.

— Madame Octa está comigo há vários anos — disse o Sr. Crepsley. — Ela vive muito mais do que as aranhas comuns. O monge que a vendeu disse que algumas da sua espécie vivem vinte ou trinta anos. É uma criatura incrível, tão venenosa quanto inteligente.

Enquanto ele falava, uma das pessoas com manto azul entrou no palco puxando uma cabra que não parava de balir e fazia esforços para se soltar. A pessoa com capuz azul a amarrou na perna da mesa e saiu.

A aranha começou a se mover quando viu e ouviu a cabra. Foi até a beirada da mesa e parou, como se esperasse ordens. O Sr. Crepsley tirou do bolso um apito fino — que ele chamou de flauta — e assoprou algumas notas. Madame Octa imediatamente saltou no ar e aterrissou no pescoço da cabra.

A cabra deu um pulo quando sentiu a aranha e começou a balir mais alto. Madame

Octa não tomou conhecimento e se moveu alguns centímetros para mais perto da cabeça do animal. Quando estava pronta, arreganhou as presas e as enfiou profundamente no pescoço da cabra!

A cabra ficou imóvel e arregalou os olhos. Parou de balir e, alguns segundos depois, caiu para a frente. Pensei que estivesse morta, mas então percebi que ainda respirava.

— É com esta flauta que eu controlo Madame Octa — disse o Sr. Crepsley, e desviou os olhos da cabra caída. Sacudiu a flauta lentamente acima da cabeça. — Embora estejamos juntos há tanto tempo, ela não é um animal de estimação e me mataria se eu perdesse esse controle.

"A cabra está paralisada", disse ele. "Treinei Madame Octa para não matar com a primeira mordida. A cabra morreria no fim se nós deixássemos — não há cura para a mordida de Madame Octa —, mas terminaremos tudo rapidamente." Assoprou a flauta e Madame Octa se moveu no pescoço da cabra até chegar à orelha. Arreganhou as presas outra vez e mordeu. A cabra

estremeceu, depois ficou completamente imóvel.

Estava morta.

Madame Octa saiu de cima da cabra e andou para a frente do palco. As pessoas na primeira fila, alarmadas, levantaram de um salto. Mas ficaram imóveis a um comando do Sr. Crepsley.

— Não se movam! — sibilou. — Lembrem-se do aviso que já foi dado: Um ruído repentino pode significar a morte!

Madame Octa parou na frente do palco, depois levantou-se apoiada nas duas pernas de trás, como um cão! O Sr. Crepsley tocou a flauta suavemente e ela começou a andar para trás, sempre nas duas pernas. Quando chegou à perna da mesa, voltou-se e subiu.

— Estarão seguros agora — disse o Sr. Crepsley, e as pessoas da primeira fila sentaram, o mais silenciosa e lentamente possível. — Mas, por favor, não façam nenhum barulho porque ela pode *me* atacar.

Eu não sei se o Sr. Crepsley estava realmente com medo, ou se era parte do ato, mas ele parecia apavorado. Passou a manga do braço direito na testa, depois levou a flauta

à boca outra vez e tocou uma melodia estranha.

Madame Octa fez um sinal com a cabeça. Andou por cima da mesa até ficar na frente do Sr. Crepsley. Ele abaixou a mão direita e ela subiu no seu braço. A idéia daquelas pernas longas e peludas subindo no braço me fez suar. E eu *gostava* de aranhas! As pessoas que tinham medo delas deviam estar mastigando nervosamente a parte interna das suas bochechas.

Ela chegou à parte superior do braço, passou pelo ombro, subiu no pescoço, só parou quando chegou no alto da cabeça e abaixou o corpo. Parecia um chapéu engraçado na cabeça do Sr. Crepsley.

Depois de algum tempo, o Sr. Crepsley começou a tocar a flauta outra vez. Madame Octa desceu pelo outro lado do rosto dele, passou pela cicatriz e foi até o queixo, onde ficou de cabeça para baixo. Então soltou um fio de teia e desceu por ela.

Estava dependurada a uns dez centímetros abaixo do queixo do Sr. Crepsley e começou a balançar de um lado para o outro. Logo ela estava balançando de orelha a

orelha. Suas pernas estavam encolhidas e de onde eu estava parecia uma bola de lã.

Então, quando ela balançou para cima, o Sr. Crepsley inclinou a cabeça para trás e ela saltou no ar. A teia se partiu e ela rolou várias vezes. Eu a vi subir e descer no ar. Pensei que ia cair no chão ou na mesa, mas não foi o que aconteceu. Ela aterrissou na boca do Sr. Crepsley!

Quase vomitei quando pensei em Madame Octa descendo pela garganta do homem até o estômago. Estava certo de que ela ia morder e matar o Sr. Crepsley. Mas a aranha era muito mais inteligente do que eu pensava. Quando estava caindo, esticou as pernas e elas pousaram nos lábios dele.

O Sr. Crepsley levou a cabeça para a frente, para que pudéssemos ver seu rosto. Estava com a boca escancarada e Madame Octa pendurada entre seus lábios. O corpo dela pulsava para dentro e para fora da boca do Sr. Crepsley e ela parecia um balão enchendo e esvaziando.

Imaginei onde estaria a flauta e como ele iria controlar a aranha agora. Então o Sr. Altão apareceu com outra flauta. Ele não

tocava tão bem quanto o Sr. Crepsley, mas o suficiente para chamar a atenção de Madame Octa. Ela ouviu, depois balançou de um lado para o outro na boca do Sr. Crepsley.

No começo, eu não sabia o que ela estava fazendo, por isso estiquei o pescoço para ver. Quando eu vi os pedaços brancos nos lábios do Sr. Crepsley compreendi. Ela estava tecendo uma teia!

Quando terminou, ela desceu para o queixo dele, como tinha feito antes. Na boca do Sr. Crepsley havia uma larga teia. Ele começou a mastigar e lamber a teia! Comeu-a toda, depois passou a mão no estômago (tendo cuidado para não encostar em Madame Octa) e disse:

— Delicioso. Nada mais gostoso do que teia fresca de aranha. No lugar de onde venho, é um petisco.

Ele fez Madame Octa empurrar uma bola na mesa, depois se equilibrar em cima dela. Arrumou miniaturas de aparelhos de ginástica, pequenos pesos e cordas e anéis, e a fez trabalhar com eles. Ela podia fazer tudo que um ser humano faz, como levantar peso

acima da cabeça e subir pelas cordas e saltar por dentro dos arcos.

Então ele arrumou um pequeno aparelho de jantar. Pratos em miniatura cheios de moscas mortas e outros pequenos insetos. Não sei o que havia nos copos.

Madame Octa jantou quase com elegância. Sabia segurar as facas e os garfos, quatro de cada vez, e comia com eles. Havia até sal, num saleiro de mentira, que ela borrifou em um dos pratos! Foi mais ou menos quando ela bebia no copo que decidi que a Madame Octa era o mais extraordinário animal de estimação do mundo. Eu daria tudo que tinha para ter Madame Octa. Sabia que seria impossível — mamãe e papai nunca me deixariam ficar com ela, nem que eu pudesse comprá-la —, mas isso não me impediu de desejar.

Quando o ato terminou, o Sr. Crepsley pôs a aranha de volta na gaiola e agradeceu os aplausos com uma mesura. Ouvi uma porção de gente dizer que não era justo matar a pobre cabra, mas que foi impressionante. Virei para Lucas para dizer que achava a aranha formidável, mas ele olhava para o Sr.

Crepsley. Não parecia assustado, mas também não parecia normal.

— Lucas, qual é o problema? — perguntei.

Ele não respondeu.

— Lucas?

— Psssiu — retrucou ele irritado e não disse mais nada até o Sr. Crepsley sair do palco. Quando viu o homem estranho desaparecer nos bastidores, virou para mim com uma exclamação abafada. — Isto é espantoso!

— A aranha? — perguntei. — *Foi* mais do que legal. Como você acha que...

— Não estou falando da aranha! — disse ele. — Quem se importa com uma aranha velha e boba? Estou falando do Sr... Crepsley. — Fez uma pausa antes de dizer o nome do homem, como se fosse dizer um nome diferente.

— O Sr. Crepsley? — perguntei, confuso. — O que ele tem de tão espantoso? Tudo que ele fez foi tocar a flauta.

— Você não compreende — disse Lucas, zangado. — Você não sabe quem ele é realmente.

— E *você* sabe? — perguntei.

— Sim — disse ele. — Para falar a verdade, eu sei. — Passou a mão no queixo e começou a parecer preocupado outra vez. — Só espero que ele não saiba que eu sei. Se ele souber, jamais sairemos vivos daqui...

CAPÍTULO TREZE

HOUVE OUTRO intervalo depois do ato do Sr. Crepsley e de Madame Octa. Tentei fazer com que Lucas me dissesse mais sobre quem era aquele homem, mas seus lábios estavam selados. Tudo que ele disse foi:

— Tenho de pensar no assunto. — Então fechou os olhos, abaixou a cabeça e se concentrou.

Estavam vendendo mais coisas legais: barbas como a da mulher barbada, modelos de Mano Mão e, o melhor de tudo, aranhas de borracha que pareciam com Madame Octa. Comprei duas, uma para mim e outra para Joana. Não eram tão boas quanto a verdadeira, mas serviam.

Estavam vendendo também teias de doce. Comprei seis, usando o resto do dinheiro que tinha, e comi duas enquanto esperava a entrada do monstro seguinte. Tinham gosto de

fios finos de açúcar. Eu grudei alguns nos meus lábios e lambi, como o Sr. Crepsley tinha feito.

As luzes diminuíram e todo mundo sentou-se. Diana Dentada entrou no palco. Ela era grande, tinha pernas grossas, braços grossos, pescoço grosso e cabeça grande.

— Senhoras e senhores, eu sou Diana Dentada — disse ela. Parecia severa. — Tenho os dentes mais fortes do mundo! Quando eu era bebê, meu pai pôs os dedos na minha boca, brincando comigo e eu arranquei dois deles!

Algumas pessoas riram, mas ela os fez parar com um olhar furioso.

— Não sou comediante — disse, irritada. — Se rirem de mim outra vez, eu desço daqui e arranco o nariz de cada um de vocês com os dentes. — Isso parecia engraçado, mas ninguém riu.

Ela falava muito alto. Cada frase era um grito e terminava com um ponto de exclamação (!).

— Dentistas do mundo todo ficaram assombrados com meus dentes — disse ela. — Fui examinada em todos os maiores centros

odontológicos, mas ninguém descobriu por que são tão fortes. Ofereceram-me enormes quantias de dinheiro para me submeter a experiências de laboratório, mas eu gosto de viajar e por isso recusei.

Apanhou quatro barras de aço, cada uma com cerca de trinta centímetros de comprimento, mas espessuras diferentes. Pediu voluntários e quatro homens subiram no palco. Deu uma barra a cada um e disse para tentar dobrá-las. Eles fizeram o maior esforço, mas não conseguiram. Então ela apanhou a mais fina, pôs na boca e a partiu com os dentes.

Devolveu as duas partes para um dos homens. Ele as olhou, chocado, depois levou uma à boca e mordeu, para verificar se era mesmo de aço. Seus gritos quando ele quase quebrou os dentes provaram que era de aço.

Diana fez a mesma coisa com a segunda e a terceira barra, cada uma mais grossa que a outra. Quando chegou à quarta, a mais grossa de todas, ela a mastigou, fazendo-a em pedaços, como se fosse uma barra de chocolate.

Então dois assistentes com capuzes azuis entraram com um grande radiador e ela fez buracos nele com os dentes! Depois lhe deram uma bicicleta e ela a mastigou até transformá-la em uma pequena bola, pneus e tudo. Acho que não existe nada no mundo que Diana Dentada não possa mastigar se quiser.

Ela chamou mais voluntários. Deu a um deles uma marreta e uma talhadeira grande, para outro um martelo e uma talhadeira menor e para o terceiro uma serra elétrica. Deitou de costas no chão e pôs a talhadeira grande na boca. Fez um sinal para o primeiro voluntário bater com a marreta na talhadeira.

O homem ergueu a marreta bem alto e a desceu com toda a força. Pensei que ele ia partir o rosto dela em duas partes, como pensaram muitos, a julgar pelas exclamações e pelas pessoas que cobriam os olhos com as mãos.

Mas Diana não era tola. Virou o corpo, e a marreta bateu no chão. Ela se sentou e cuspiu a talhadeira.

— Ah! — caçoou. — Pensam que sou louca?

Um dos “capuzes azuis” entrou no palco e tirou a marreta da mão do homem.

— Eu só os chamei aqui para mostrar que a marreta é de verdade — disse para o homem. — Agora — virou-se para a platéia —, vejam isto!

Deitou de costas outra vez e pôs a talhadeira na boca. O “capuz azul” esperou um momento, então ergueu a marreta bem alto e abaixou mais depressa do que o voluntário. A marreta bateu no alto da talhadeira com um ruído feroz.

Diana sentou-se e eu esperava ver seus dentes caindo da boca, mas quando ela a abriu e tirou a talhadeira, não se via nem uma pequena rachadura! Ela riu e disse:

— Ah! Vocês pensaram que eu tinha mordido mais do que posso mastigar!

Deixou o segundo voluntário fazer o trabalho, o que tinha uma talhadeira menor e um martelo. Disse-lhe para ter cuidado com a gengiva dela, depois deixou que ele arrumasse a talhadeira entre seus dentes e batesse nela com o martelo. O braço do homem quase caiu com tanto esforço, mas ele não conseguiu danificar os dentes de Diana.

O terceiro voluntário tentou serrar os dentes com a serra elétrica. Passou a serra de um lado para o outro da boca de Diana e fagulhas saltavam por toda parte, mas, quando ele largou a serra e a poeira baixou, os dentes de Diana estavam tão brancos, tão brilhantes e tão sólidos quanto antes.

Os Gêmeos Contorcionistas, Thorso e Konthorso, vieram a seguir. Eram gêmeos idênticos e contorcionistas como Alexandre Costela. Seu ato consistia em enrolar o corpo de um em volta do outro, de modo que pareciam uma pessoa com duas frentes, sem costas, ou dois torsos sem pernas. Eram hábeis e foi muito interessante, mas sem graça, comparado ao resto dos artistas.

Quando Thorso e Konthorso terminaram, o Sr. Altão apareceu e agradeceu nossa presença. Pensei que os monstros iam aparecer outra vez enfileirados, mas não aconteceu. O Sr. Altão disse que podíamos comprar mais coisas nos fundos do saguão de entrada. Pediu que mencionássemos o espetáculo aos nossos amigos. Então, agradeceu outra vez e disse que o show tinha terminado.

Era um pouco desapontador ter terminado com um número tão fraco, mas era tarde e acho que os artistas estavam cansados. Levantei da cadeira, apanhei o que tinha comprado e virei para falar com Lucas.

Ele estava olhando para trás de mim, para o balcão lá em cima, e, quando me virei para ele, as pessoas começaram a gritar. Olhei para cima e descobri por quê.

Uma cobra enorme no balcão, uma das mais compridas que vi em toda a vida, estava descendo por uma das colunas, na direção dos espectadores lá embaixo!

Capítulo catorze

A LÍNGUA da cobra entrava e saía da boca e ela parecia estar com muita fome. Não tinha cores muito brilhantes — verde-escuro, com algumas pintas de cores mais vivas aqui e ali —, mas parecia mortal.

As pessoas correram de volta, na direção das cadeiras, gritando e deixando cair o que tinham na mão. Algumas desmaiaram e foram pisoteadas. Lucas e eu tivemos sorte de não estar perto da frente: éramos os menores no teatro e teríamos sido pisoteados se fôssemos apanhados na fuga.

A cobra estava chegando ao chão quando uma luz forte se acendeu na cabeça dela. O réptil ficou imóvel e olhou para a luz, sem piscar. As pessoas pararam de correr e o pânico desapareceu. Os que tinham caído se levantaram. Felizmente ninguém parecia muito machucado.

Ouvimos um ruído atrás de nós. Virei para o palco. Um garoto estava lá em cima. Tinha uns catorze ou quinze anos, era muito magro, com cabelo comprido amarelo-esverdeado. Seus olhos tinham uma forma estranha, estreitos como os de uma cobra. Ele vestia um longo manto branco.

O menino assobiou e levantou um braço acima da cabeça. O manto caiu e todos que olhavam para ele deixaram escapar uma exclamação de surpresa. O corpo do menino era coberto de escamas.

Ele cintilava da cabeça aos pés, verde, dourado, amarelo e azul. Vestia um short, nada mais. Virou para que pudéssemos ver suas costas, que eram iguais à frente, como uma cobra.

Quando virou de frente outra vez, deitou de bruços e deslizou no palco, como uma cobra. Foi quando me lembrei do menino-cobra do folheto e compreendi.

Ele levantou e caminhou de volta para o teatro. Quando ele passou, vi suas mãos e pés, os dedos eram ligados por uma pele fina. Parecia um pouco com um monstro que vi num filme de horror, o que vivia numa lagoa negra.

Parou a alguns metros da coluna e se agachou. A luz que cegava a cobra se apagou e ela começou a se mover outra vez e acabou de descer a coluna. O menino assobiou outra vez e a cobra parou. Lembrei-me de ter lido certa vez que as cobras não podem ouvir, mas podem sentir a vibração dos sons.

O menino-cobra se afastou um pouco para a esquerda, depois para a direita. A cobra o seguiu mas não ficou parada. O menino se aproximou mais dela até ficar dentro do seu ângulo de visão. Supus que a cobra fosse atacar e matar o menino e tive vontade de gritar para ele fugir.

Mas o menino-cobra sabia o que estava fazendo. Quando chegou perto o bastante da cobra, estendeu o braço e passou a mão com os dedos estranhos debaixo do queixo do animal. Então se inclinou para a frente e beijou o nariz da cobra!

A cobra se enrolou no pescoço do menino. Deu duas voltas no corpo dele e deixou a cauda dependurada nas costas, como uma echarpe.

O menino acariciou a cobra e sorriu. Pensei que ele fosse caminhar no meio da

platéia deixando que nós a tocássemos, mas não foi o que fez. Andou para o lado do teatro, longe da passagem, na direção da porta. Desenrolou-a do pescoço, pôs a cobra no chão e passou outra vez os dedos debaixo do queixo dela.

Dessa vez a cobra abriu a boca e eu vi suas presas. O menino-cobra deitou de costas um pouco afastado da cobra e começou a rastejar para ela.

— Não — disse eu em voz baixa, para mim mesmo. — Certamente ele não vai...

Mas sim, ele enfiou a cabeça na boca escancarada da cobra!

O menino-cobra ficou com a cabeça dentro da boca da cobra alguns segundos, depois tirou, vagarosamente. Enrolou a cobra no corpo outra vez, depois girou o corpo até ficar completamente coberto por ela, menos o rosto. Conseguiu se levantar e sorrir. Parecia um tapete enrolado!

— E isso, senhoras e senhores — disse o Sr. Altão, no palco, atrás de nós. — É realmente o fim. — Ele sorriu e saltou do palco, desaparecendo no ar numa baforada de fumaça. Quando a fumaça sumiu, eu o vi nos

fundos do teatro, segurando as cortinas de saída abertas.

As belas mulheres e os assistentes com capuzes azuis estavam de pé nos dois lados dele, carregando bandejas cheias de doces. Senti não ter guardado algum dinheiro.

Lucas não disse nada enquanto esperávamos. Seu ar sério dizia que ele estava ainda pensando e por experiência eu sabia que não adiantava tentar conversar. Quando Lucas ficava naquele estado, nada podia fazer com que ouvisse ou falasse.

Quando as fileiras atrás de nós ficaram vazias, andamos para a saída. Eu carregava tudo que tinha comprado. Apanhei também as compras de Lucas, porque, do modo que estava, ele as teria deixado cair ou esquecido na cadeira.

O Sr. Altão estava de pé, segurando a cortina, sorrindo para todos. O sorriso se alargou quando nos aproximamos.

— Muito bem, meninos — disse ele. — Gostaram do espetáculo?

— Foi fabuloso — disse eu.

— Não ficou com medo? — perguntou ele.

— Um pouco — admiti. — Tanto quanto todos os outros.

Ele riu.

— Vocês são durões — disse ele.

Havia pessoas atrás de nós, por isso nos apressamos. Lucas olhou em volta quando entramos no corredor curto entre as duas cortinas, depois se inclinou para mim e murmurou no meu ouvido:

— Volte sozinho.

— O quê? — perguntei, parando. As pessoas atrás de nós estavam conversando com o Sr. Altão, por isso não havia pressa.

— Você ouviu — disse Lucas.

— Mas por quê? — perguntei.

— Porque cu não vou embora agora — disse ele. — Vou ficar. Não sei o que vai acontecer, mas tenho de ficar. Vou para casa mais tarde, depois de... — Não terminou a frase e me empurrou para a frente.

Passamos pelas segundas cortinas e entramos no corredor com a mesa coberta com uma longa toalha negra. As pessoas na nossa frente estavam de costas para nós. Lucas olhou para trás, para se certificar de

que ninguém estava vendo, e entrou debaixo da mesa, escondendo-se sob a toalha.

— Lucas! — sussurrei, pensando que fosse nos criar problemas.

— Vá embora! — sussurrou ele também.

— Mas você não pode... — comecei a dizer.

— Faça o que estou mandando! — disse ele, irritado. — Vá em silêncio antes que nos apanhem.

Eu não gostei, mas o que podia fazer? Lucas parecia que ia ter uma de suas crises se eu não obedecesse. Já tinha visto Lucas enraivecido muitas vezes antes e não era uma coisa em que eu quisesse me envolver.

Comecei a andar e entrei no longo corredor que levava à porta da frente. Eu andava devagar, pensando, e as pessoas na minha frente já iam longe. Olhei para trás e vi que ainda não havia ninguém me seguindo.

Então eu vi a porta.

Era a mesma na qual tínhamos parado quando entramos, que dava para o balcão. Parei quando cheguei e olhei para trás outra vez. Ninguém.

“Tudo bem”, disse para mim mesmo, “eu vou ficar! Não sei o que Lucas pretende, mas ele é meu melhor amigo. Se tiver problemas, quero estar lá para ajudá-lo.”

Antes que eu tivesse tempo de mudar de idéia, abri a porta, fechei rapidamente depois de entrar e fiquei parado no escuro, com o coração disparado.

Fiquei ali por séculos, ouvindo as pessoas saírem do teatro. Ouvia seus murmúrios, falando sobre o espetáculo, cheias de medo, mas excitadas. Então todos saíram e o lugar ficou silencioso. Pensei que fosse ouvir ruídos de dentro do teatro, pessoas fazendo a limpeza, arrumando as cadeiras, mas todo o prédio estava silencioso como um túmulo.

Subi a escada. Meus olhos tinham se acostumado com o escuro e eu estava enxergando muito bem. A escada era velha e barulhenta e tive medo que se quebrasse sob meus pés e eu caísse para a morte, mas ela aguentou.

Quando cheguei ao fim da escada, vi que estava no meio do balcão. Tudo estava cheio de poeira e de sujeira e fazia muito frio. Tremendo, desci para a frente.

Era ótima a vista do palco. As luzes ainda estavam acesas e eu via todos os detalhes. Não havia ninguém, nem os monstros, nem as belas mulheres, nem os capuzes azuis — nem Lucas. Sentei e esperei.

Mais ou menos cinco minutos depois, vi uma sombra andando devagar para o palco. Subiu no palco e andou para o centro, onde parou e virou de frente para mim.

Era Lucas.

Ele se encaminhou para o lado esquerdo do palco, parou e foi para a direita. Parou outra vez. Ele estava roendo as unhas, tentando resolver para que lado devia ir.

Então uma voz soou acima da sua cabeça.

— Está *me* procurando? — perguntou. Um vulto saltou no palco com os braços abertos para os lados e um manto longo e vermelho flutuando como um par de asas.

Lucas quase morreu de susto quando o vulto saltou no palco e rolou como uma bola. Eu caí para trás, apavorado. Quando me levantei sobre os joelhos, o vulto estava de pé e eu via sua roupa vermelha, o cabelo cor de laranja e a enorme cicatriz.

O Sr. Crepsley!

Lucas tentou falar, mas seus dentes batiam demais.

— Eu vi você me observando — disse o Sr. Crepsley. — Você deixou escapar uma exclamação em voz alta quando me viu. Por quê?

— P-p-porque eu s-s-s-sei quem você é — gaguejou Lucas, encontrando a voz finalmente.

— Eu sou Larten Crepsley — disse o homem medonho.

— Não — disse Lucas. — Eu sei quem você é *realmente*.

— Sabe? — O Sr. Crepsley sorriu, mas não havia humor no sorriso. — Diga-me, menininho... — zombou. — Quem eu sou, *realmente*?

— Seu nome verdadeiro é Vur Horston — disse Lucas, e o Sr. Crepsley abriu a boca, assombrado.

Então Lucas disse mais alguma coisa e eu também fiquei de boca aberta.

— *Você é um vampiro* — disse ele, e o silêncio que se seguiu foi longo e apavorante.

Capítulo quinze

O SR. CREPSLEY (ou Vur Horston, se era esse seu nome verdadeiro) sorriu.

— Então fui descoberto — disse ele. — Não devia ser surpresa para mim. Tinha de acontecer mais cedo ou mais tarde. Diga-me, menino, quem o mandou?

— Ninguém — disse Lucas.

O Sr. Crepsley franziu a testa.

— Olha aqui menino — rosnou ele. — Não brinque comigo. Para quem você trabalha? Quem descobriu onde estou e o que eles querem?

— Não trabalho para ninguém — insistiu Lucas. — Tenho uma porção de livros e revistas em casa sobre vampiros e monstros. Vi um retrato seu em um deles.

— Um *retrato*? — perguntou o Sr. Crepsley, desconfiado.

— Uma pintura — respondeu Lucas. — Feito em 1903, em Paris. Você estava com uma mulher rica. A história dizia que os dois quase se casaram, mas ela descobriu que você era um vampiro e acabou com o namoro.

O Sr. Crepsley sorriu.

— Uma razão tão boa quanto outra qualquer. Seus amigos pensaram que ela estava inventando uma história fantástica para chamar a atenção.

— Mas não era uma história, era? — perguntou Lucas.

— Não — admitiu o Sr. Crepsley. — Mas teria sido melhor para *você* se fosse — disse em voz alta.

Se eu estivesse no lugar de Lucas, teria fugido quando ele disse isso. Mas Lucas nem piscou.

— Você não vai me machucar — disse ele.

— Por que não? — perguntou o Sr. Crepsley.

— Por causa do meu amigo — disse Lucas. — Contei para ele tudo sobre você e, se alguma coisa acontecer comigo, ele vai contar para a polícia.

— Eles não vão acreditar — caçoou o Sr. Crepsley.

— Provavelmente não — concordou Lucas. — Mas, se eu aparecer morto ou se desaparecer, eles terão de investigar. Você não vai gostar disso. Uma porção de policiais fazendo perguntas, vindo aqui *durante o dia*...

O Sr. Crepsley balançou a cabeça com desprezo.

— Crianças! — zombou. — Odeio crianças. O que você quer? Dinheiro? Jóias? Os direitos para publicar minha história?

— Quero me juntar a você — disse Lucas.

Eu quase caí do balcão quando ouvi isso. *Juntar-se a ele?*

— Como assim? — perguntou o Sr. Crepsley, tão espantado quanto eu.

— Quero ser vampiro — disse Lucas. — Quero que você faça de mim um vampiro e me ensine o que devo fazer.

— Você está louco? — rugiu o Sr. Crepsley.

— Não — disse Lucas. — Não estou.

— Não posso transformar uma criança num vampiro — disse o Sr. Crepsley. — Eu

seria assassinado pelos Generais Vampiros se fizesse isso.

— O que são os Generais Vampiros?

— Deixe para lá — disse o Sr. Crepsley. — Tudo que você precisa.saber é que não pode ser feito. Não sangramos crianças. Cria muitos problemas.

— Então, não me transforme de uma vez — disse Lucas. — Tudo bem. Não me importo de esperar. Posso ser um aprendiz. Sei que os vampiros geralmente têm assistentes, que são metade vampiros, metade humanos. Deixe-me ser um deles. Vou trabalhar com afinco e provar do que sou capaz e quando tiver idade suficiente...

O Sr. Crepsley olhou para Lucas e pensou no assunto. Estalou os dedos enquanto pensava e uma cadeira da primeira fila voou para o palco. Ele se sentou e cruzou as pernas.

— Por que você quer ser um vampiro? — perguntou ele. — Não é muito divertido. Só podemos sair à noite. Os seres humanos nos desprezam. Temos de dormir em lugares velhos e sujos como este. Nunca podemos nos casar ou ter filhos ou nos instalar na vida. É uma vida horrível.

— Não me importo — disse Lucas teimosamente.

— É porque quer viver para sempre? — perguntou o Sr. Crepsley. — Nesse caso devo dizer que isso não é verdade. Vivemos muito mais do que os seres humanos, mas morremos do mesmo modo, mais cedo ou mais tarde.

— Não me importo — repetiu Lucas. — Quero me juntar a você. Quero aprender. Quero ser um vampiro.

— E os amigos? — insistiu o Sr. Crepsley. — Não vai poder vê-los outra vez. Terá de deixar a escola e sua casa para nunca mais voltar. E seus pais? Não vai sentir falta deles?

Lucas balançou a cabeça tristemente e olhou para o chão.

— Meu pai não mora conosco — disse, em voz baixa. — Eu quase não o vejo. E minha mãe não me ama. Ela não se importa com o que eu faço. Provavelmente nem vai perceber que desapareci.

— Por isso quer fugir? Porque sua mãe não o ama?

— Em parte — disse Lucas.

— Se você esperar alguns anos, terá idade para sair de casa — disse o Sr. Crepsley.

— Não quero esperar — respondeu Lucas.

— E seus amigos? — perguntou o Sr. Crepsley outra vez. Ele parecia bastante bondoso naquele momento, embora ainda assustador. — Não vai sentir falta do menino que veio com você esta noite?

— Darren? — perguntou Lucas e inclinou a cabeça assentindo. — Sim, vou sentir falta dos amigos, especialmente de Darren. Mas não faz mal. Quero ser um vampiro mais do que quero estar com eles. E, se não me aceitar, vou contar para a polícia e me tornar um caçador de vampiros quando crescer.

O Sr. Crepsley não riu. Apenas inclinou a cabeça afirmativamente, muito sério.

— Você pensou bem no assunto?

— Pensei — disse Lucas.

— Tem certeza de que é o que quer?

— Tenho — foi a resposta.

O Sr. Crepsley respirou fundo.

— Venha cá — disse ele. — Tenho de testar você primeiro.

Lucas ficou de pé na frente do Sr. Crepsley. Seu corpo bloqueava minha visão do vampiro, portanto não vi o que aconteceu em seguida. Tudo que sei é que eles conversaram

em voz muito baixa, depois ouvi um ruído como de um gato tomando leite.

Vi Lucas recuar trêmulo e pensei que ele fosse cair, mas ele conseguiu se manter de pé. Não posso nem começar a dizer o quanto fiquei assustado. Eu queria gritar: “Não. Lucas, pare!”

Mas estava assustado demais para me mover, com medo de que, se o Sr. Crepsley soubesse que eu estava ali, nada o impediria de matar e devorar nós dois.

De repente, o vampiro começou a tossir. Empurrou Lucas e levantou cambaleante. Para meu horror vi que sua boca estava vermelha, coberta de sangue, que ele cuspiu rapidamente.

— Qual o problema? — perguntou Lucas, passando a mão no braço.

— Você tem sangue ruim! — gritou o Sr. Crepsley.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Lucas. Sua voz tremia.

— Você é malvado! — berrou o Sr. Crepsley. — Posso sentir o gosto da maldade no seu sangue. Você é selvagem.

— Isso é mentira! — gritou Lucas. — Retire o que disse!

Lucas correu para o Sr. Crepsley e tentou acertar um soco nele, mas o vampiro o atirou no chão com uma das mãos.

— Não é bom — rosnou ele. — Seu sangue é ruim. Você nunca poderá ser um vampiro.

— Por quê? — perguntou Lucas. Ele estava chorando.

— Porque os vampiros não são os monstros malvados da lenda — disse o Sr. Crepsley. — Nós respeitamos a vida. Você tem instintos assassinos, mas nós não somos assassinos.

“Não farei de você um vampiro”, insistiu o Sr. Crepsley. “Você deve esquecer isso. Vá para casa e continue sua vida.”

— Não! — gritou Lucas. — Não vou esquecer! — Levantou-se trêmulo e apontou um dedo para o feio vampiro. — Vou pegar você por isso — prometeu. — Não importa o tempo que precise. Um dia, Vur Horston, vou descobrir você e vou matá-lo por me rejeitar.

Lucas saltou do palco e correu para a saída do teatro.

— Um dia — repetiu ele, olhando para trás, e eu o ouvi rindo enquanto corria, com uma risada de louco.

Então ele se foi e fiquei sozinho com o vampiro.

O Sr. Crepsley ficou sentado no palco por longo tempo, cuspindo o resto do sangue no chão. Limpou os dentes com um dedo, depois com um lenço grande.

— Crianças — disse em voz alta, com desprezo, depois ficou imóvel, ainda limpando os dentes, olhou pela última vez para as cadeiras do teatro (eu me abaixei com medo de que me visse), depois virou e foi para os bastidores. Eu podia ver gotas de sangue pingando dos seus lábios.

Fiquei onde estava por muito tempo. Não foi fácil. Nunca senti tanto medo como ali naquele balcão. Eu queria sair correndo o mais depressa possível.

Mas fiquei. Eu me obriguei a esperar até ter certeza de que nenhum dos monstros ou dos assistentes estava por perto, depois silenciosamente subi os degraus do balcão, desci a escada para o corredor e finalmente saí para a noite.

Fiquei do lado de fora do teatro por alguns segundos, olhando para a lua, para as árvores, até ter certeza de que ninguém estava escondido atrás delas. Então, o mais silenciosamente possível, corri para casa. Para a *minha* casa, não para a de Lucas. Eu não queria ver Lucas naquele momento. Estava quase com tanto medo dele quanto do Sr. Crepsley. Quero dizer, ele *queria* ser vampiro. Que espécie de lunático *quer* ser vampiro?

CAPÍTULO DEZESSEIS

NÃO TELEFONEI para Lucas naquele domingo. Disse para meus pais que tínhamos discutido e que por isso voltei para casa mais cedo. Eles não gostaram muito, especialmente porque voltei para casa a pé e sozinho, tarde da noite. Meu pai disse que ia diminuir minha semanada e ia me deixar de castigo por um mês. Não reclamei. Na minha opinião, eu tinha saído facilmente da enrascada. Imagine o que eles teriam feito se soubessem do Circo dos Horrores!

Joana adorou os presentes. Comeu todas as balas rapidamente e brincou com a aranha de borracha durante horas. Ela me fez contar o espetáculo inteiro. Queria saber como era cada monstro e o que tinham feito. Arregalou os olhos quando falei do homem-lobo e como ele arrancou a mão da mulher.

— Você está brincando — disse ela. — Isso não pode ser verdade.

— Mas é — jurei.

— Palavra de honra? — perguntou.

— Palavra de honra.

— Jura por seus olhos?

— Juro por meus olhos — garanti. — Que ratos roam meus olhos se estou mentindo.

— Uau! — disse ela, encantada. — Eu queria estar lá. Se você for outra vez, me leva?

— Claro — disse eu. — Mas não acho que o espetáculo dos monstros passe por aqui muitas vezes. Eles viajam muito.

Não contei para Joana que o Sr. Crepsley era vampiro, nem que Lucas queria ser vampiro também, mas pensei nos dois o dia inteiro. Eu queria telefonar para Lucas, mas não sabia o que dizer. Ele podia perguntar por que eu não voltei para sua casa e eu não queria dizer que tinha ficado no teatro e vi o que ele fez.

Imagine: um vampiro de verdade! Eu antes acreditava que eles eram reais, mas meus pais e professores me convenceram de que não eram. É isso que vale a sabedoria dos adultos.

Eu me perguntava como eram realmente os vampiros, se podiam fazer tudo que os livros contavam e os filmes mostravam. Eu vi o Sr. Crepsley fazer uma cadeira voar para o palco e o vi tomar um pouco de sangue de Lucas. O que mais ele podia fazer? Podia se transformar num morcego, em fumaça, em um rato? Podia ser visto num espelho? A luz do sol o matava?

Tanto quanto pensei no Sr. Crepsley, pensei na Madame Octa. Outra vez desejei ter uma aranha igual a ela, que eu pudesse controlar. Eu podia trabalhar num espetáculo de monstros se tivesse uma aranha como aquela e viajar por todo o mundo, tendo aventuras maravilhosas.

O domingo chegou e se foi. Eu assisti à TV, ajudei papai no jardim e mamãe na cozinha (parte do meu castigo por voltar para casa sozinho e tarde da noite), dei uma longa caminhada à tarde e sonhei com vampiros e aranhas.

Então era segunda-feira e dia de aula. Eu estava nervoso, sem saber o que dizer para Lucas ou o que ele podia me dizer. Além disso, eu não tinha dormido muito naquele fim de

semana (é difícil dormir depois de ter visto um vampiro de verdade) e me sentia cansado e atordoado.

Lucas estava no pátio quando cheguei, o que não era comum. Geralmente chego antes. Ele estava separado do resto dos meninos, esperando por mim. Respirei fundo, e me encostei no muro, ao lado dele.

— Bom-dia — disse eu.

— Bom-dia — respondeu ele. Lucas estava com olheiras e aposto que tinha dormido menos do que eu nas duas últimas noites. — para onde você foi depois do espetáculo? — perguntou.

— Fui para casa — disse eu.

— Por quê? — perguntou ele, olhando atentamente para mim.

— Estava escuro na rua e eu não via para onde estava indo. Entrei em algumas ruas erradas e me perdi. Quando cheguei a um lugar vagamente familiar, estava mais perto da minha casa do que da sua.

Fiz a mentira parecer o mais convincente possível e via que Lucas tentava imaginar se era verdade ou não.

— Você deve ter tido problemas — disse ele.

— Nem queira saber! — gemi. — Nada de dinheiro da semana, de castigo por um mês e papai disse que vou ter de fazer uma porção de tarefas em casa. Mesmo assim — disse eu, com um largo sorriso —, valeu a pena, certo? Quero dizer, o Circo dos Horrores foi ou não foi bárbaro?

Lucas olhou para mim por mais alguns momentos, depois decidiu que eu estava dizendo a verdade.

— É — disse ele, sorrindo também. — Foi o máximo.

Tom e Alan chegaram e tivemos de contar tudo. Fomos dois ótimos atores, Lucas e eu. Ninguém teria adivinhado que ele tinha falado com um vampiro na sexta-feira ou que eu o tinha visto.

Durante o dia, percebi que as coisas jamais seriam do mesmo jeito entre Lucas e mim. Mesmo acreditando no que eu tinha dito, uma parte dele ainda duvidava. Eu o surpreendi olhando para mim de modo estranho uma vez ou outra, como se eu o tivesse magoado.

Quanto a mim, não queria mais chegar muito perto dele. O que Lucas disse para o Sr. Crepsley me assustou e também o que o vampiro tinha dito. Lucas era malvado, segundo o Sr. Crepsley. Isso me preocupava. Afinal, Lucas estava preparado para ser um vampiro e matar gente para sugar o sangue. Como eu podia ser amigo de uma pessoa dessas?

Mais tarde falamos sobre Madame Octa. Lucas e eu não tínhamos falado muito sobre o Sr. Crepsley e sua aranha. Tínhamos medo de falar dele, temendo deixar escapar alguma coisa. Mas Tom e Alan não nos deixavam em paz e finalmente falamos sobre o ato da aranha.

— Como você acha que ele controla a aranha? — perguntou Tom.

— Talvez fosse uma aranha de mentira — disse Alan.

— Não era de mentira — disse eu com desprezo. — Nenhum deles era de mentira. Por isso foi tão brilhante. Dava para ver que tudo era real.

— Então, como ele controlava a aranha? — perguntou Tom outra vez.

— Talvez a flauta seja mágica — disse eu. — Ou talvez o Sr. Crepsley saiba como encantar aranhas, como os indianos encantam as serpentes.

— Mas você disse que o Sr. Altão também controlou a aranha quando ela estava na boca do Sr. Crepsley.

— Ah, sim, eu tinha esquecido — disse eu. — Bem, acho que isso significa que eles devem ter usado flautas mágicas.

— Não usaram flautas mágicas — disse Lucas. Ele tinha ficado quieto o dia inteiro, falando muito menos do que eu sobre o espetáculo, mas Lucas não resistia à oportunidade de martelar os fatos reais.

— Então, o que eles usaram? — perguntei.

— Telepatia — disse Lucas.

— Isso tem a ver com telefone? — perguntou Alan.

Lucas sorriu e Tom e eu demos gargalhadas (embora eu não tivesse muita certeza do que significava “telepatia”, e aposto que Tom também não tinha).

— Seu bobo! — disse Tom rindo e dando um soco de brincadeira em Alan.

— Continue, Lucas — disse eu. — Diga a ele o que é telepatia.

— Telepatia é quando você pode ler a mente de outra pessoa — explicou Lucas — ou enviar pensamentos sem falar. É assim que eles controlam a aranha, com a mente.

— Então, para que as flautas? — perguntei.

— Ou são só para mostrar — disse Lucas — ou, mais provavelmente, precisam delas para atrair a atenção da aranha.

— Quer dizer que qualquer um pode controlar Madame Octa? — perguntou Tom.

— Qualquer pessoa com cérebro, sim — disse Lucas. — O que exclui você, Alan — acrescentou, mas sorriu para mostrar que não falava sério.

— Não é preciso flautas mágicas ou treinamento especial ou coisa assim? — perguntou Tom.

— Acho que não — respondeu Lucas.

A conversa passou para outro assunto depois disso — futebol, eu acho —, mas eu não estava ouvindo. Porque de repente um novo pensamento passou por minha mente,

incendiando meu cérebro com idéias. Esqueci-me de Lucas e de vampiros e de tudo o mais.

“Quer dizer que qualquer pessoa pode controlar Madame Octa?”

“Qualquer pessoa com um cérebro, sim.”

“Não é preciso flautas mágicas nem treinamento especial ou coisa parecida?”

“Acho que não.”

As palavras de Tom e Lucas não saíam da minha cabeça, repetindo-se como num CD quebrado.

Qualquer pessoa pode controlar Madame Octa. Essa pessoa podia ser *eu*. Se eu puder pôr as mãos em Madame Octa e me comunicar com ela, pode ser meu animal de estimação e posso controlá-la e...

Não, era bobagem. Talvez eu pudesse controlar, mas ela jamais seria minha. Era do Sr. Crepsley e nada no mundo o faria se separar da aranha, nem dinheiro, nem jóias, nem...

A resposta veio de repente, como um clarão. O modo de tirar a aranha dele. Um meio de fazer com que ela fosse minha. *Chantagem!* Se eu ameaçasse o vampiro — podia dizer que ia contar para a polícia quem

ele era —, o Sr. Crepsley teria de me dar a aranha.

Mas a idéia de ficar face a face com o Sr. Crepsley me apavorava. Sabia que não seria capaz disso. O que deixava apenas outra opção. Eu tinha de *roubar* Madame Octa!

CAPÍTULO DEZESSETE

DE MANHÃ bem cedo seria a melhor hora para roubar a aranha. Depois do espetáculo até tão tarde da noite, a maioria dos membros do Circo dos Horrores provavelmente dormiria até oito ou nove horas. Eu entrava no acampamento, roubava Madame Octa e fugia correndo. Se isso não fosse possível — se houvesse atividade no acampamento —, eu simplesmente voltava para casa e esquecia o assunto.

A parte difícil era a escolha do dia. Quarta-feira seria ideal: o último espetáculo era na noite anterior, portanto o circo provavelmente sairia da cidade antes do meio-dia, seguindo para sua próxima parada antes que o vampiro acordasse e descobrisse o roubo. Mas se eles saíssem logo depois do espetáculo, no meio da noite? Então eu perderia minha grande oportunidade.

Tinha de ser no dia seguinte — terça-feira. Isso queria dizer que o Sr. Crepsley teria toda a noite de terça-feira para procurar pela aranha — procurar por mim —, mas era um risco que eu tinha de correr.

Fui para a cama um pouco mais cedo que de costume. Estava cansado e pronto para dormir, mas tão aceso que achei que não seria capaz. Beijei mamãe e apertei a mão de papai. Eles pensaram que eu estava tentando recuperar meu dinheiro da semana, mas na verdade era para o caso de acontecer alguma coisa comigo no teatro e eu nunca mais ver nenhum dos dois.

Eu tenho um rádio que é também um despertador e o ajustei para cinco horas da manhã, depois ajeitei os fones nos ouvidos e os liguei no rádio. Desse modo, eu podia acordar cedo sem acordar mais ninguém.

Adormeci mais depressa do que esperava e dormi direto até de manhã. Se sonhei, não lembro.

Quando dei por mim o alarme estava tocando. Gemi, desliguei o despertador e sentei na cama, esfregando os olhos. Por alguns segundos não sabia ao certo onde

estava nem por que tinha acordado tão cedo. Então me lembrei da aranha e do plano e sorri satisfeito.

O sorriso não durou muito porque percebi que o alarme do relógio não vinha através dos meus fones de ouvido. Eu devia ter virado de lado e puxado o fio! Saltei da cama, desliguei o alarme, depois sentei na escuridão do começo da manhã, com o coração disparado, atento para qualquer barulho.

Quando tive certeza de que meus pais ainda dormiam, saí da cama e me vesti o mais silenciosamente possível. Fui ao banheiro e ia dar a descarga quando pensei no barulho que faria. Afastei a mão da alavanca e enxuguei o suor da testa. Certamente eles teriam ouvido a descarga! Escapei por pouco. Devia ser mais cuidadoso quando chegasse ao teatro.

Desci a escada e saí de casa. O sol começava a subir no céu e parecia que ia ser um belo dia.

Caminhei rapidamente, cantarolando para me animar. Eu estava uma pilha de nervos e quase voltei para casa uma dezena de vezes. Numa das vezes eu voltei *realmente* e comecei a andar para casa, mas então me lembrei de

como a aranha tinha se dependurado no queixo do Sr. Crepsley e dos truques que ela fazia e dei meia-volta outra vez.

Não posso explicar por que a Madame Octa significava tanto para mim, nem por que eu estava arriscando a vida para que ela fosse minha. Olhando para trás, agora, não tenho mais certeza do que me levou a fazer aquilo. Era simplesmente uma terrível necessidade que eu não podia ignorar.

O prédio velho e dilapidado parecia mais medonho à luz do dia. Dava para ver as rachaduras na frente, os buracos feitos por ratos e camundongos, teias de aranha nas janelas. Eu estremeci e fui correndo para os fundos. Estava deserto. Casas velhas, vazias, depósitos de lixo, montes de sucata. Mais tarde haveria pessoas se movendo por ali, mas naquele momento parecia uma cidade fantasma. Não vi nem um gato nem um cachorro.

Como eu tinha pensado, havia vários modos de entrar no teatro. Eu tinha muitas portas e janelas para escolher.

Alguns carros e vans estavam estacionados no lado de fora do prédio. Não vi nada escrito ou desenhado neles, mas tinha

certeza de que pertenciam ao Circo dos Horrores. Então de repente pensei que os monstros deviam dormir nas vans. Se o Sr. Crepsley morasse em uma delas, meu plano ia por água abaixo.

Entrei no teatro, que estava mais frio do que na noite de sábado, e na ponta dos pés segui por um longo corredor, depois outro, depois outro! Era como um labirinto e comecei a me preocupar com o problema de encontrar a saída depois. Talvez fosse melhor voltar e apanhar um novelo de lã para marcar o caminho e...

Não! Era tarde demais para isso. Se eu saísse nunca mais teria coragem de voltar. Teria de prestar atenção ao caminho do melhor modo possível e fazer uma pequena oração na hora de sair.

Não vi nem sinal dos monstros e comecei a pensar que estava perdendo meu tempo, que estavam todos nas vans ou em hotéis próximos. Estava procurando há vinte minutos e minhas pernas começavam a ficar pesadas. Talvez eu devesse ir embora e esquecer aquele plano louco.

Estava resolvido a desistir quando encontrei a escada que levava ao porão. Parei no alto da escada por uma eternidade, mordendo os lábios, imaginando se devia ou não descer. Eu tinha visto muitos filmes de terror para saber que era o lugar mais provável para um vampiro, mas também tinha visto muitos em que o herói desce para um porão para ser atacado, assassinado e feito em pedaços!

Finalmente respirei fundo e comecei a descer. Meus sapatos faziam muito barulho, por isso eu os tirei e continuei a andar só de meias. Pisei em uma porção de farpas, mas estava tão nervoso que nem senti a dor.

Vi uma jaula enorme perto do fim da escada. Aproximei-me e olhei entre as barras. O homem-lobo estava lá dentro, deitado de costas, roncando. Ele se mexeu e gemeu enquanto eu olhava. Dei um pulo para trás. Se ele acordasse, seus uivos despertariam todos os monstros do circo, que cairiam em cima de mim num segundo!

Quando cambaleei para trás, meu pé bateu em alguma coisa macia e pegajosa. Virei a cabeça devagar e vi que estava pisando no

menino-cobra! Ele estava deitado no chão com a cobra enrolada no corpo e com os olhos arregalados!

Não sei como consegui não gritar ou desmaiar, mas fiquei calado e de pé, e isso me salvou. Porque, embora os olhos do menino-cobra estivessem abertos, ele estava dormindo. Eu sabia por sua respiração: profunda, pesada, regular.

Tentei não pensar no que teria acontecido se eu caísse em cima dele e da cobra e os acordasse.

Para mim chegava. Com um último olhar para o porão escuro, prometi a mim mesmo que iria embora se não encontrasse o vampiro. Por alguns segundos não vi nada e estava pronto para sair, quando notei o que podia ser uma caixa grande perto de uma das paredes.

Podia ser uma caixa grande. Mas não era. Eu sabia muito bem o que era. Era um caixão!

Engoli em seco e caminhei cautelosamente até o caixão. Tinha cerca de dois metros de comprimento e oitenta centímetros de largura. A madeira era escura e manchada. Musgo crescia em vários lugares e vi uma família de baratas num dos cantos.

Eu gostaria de dizer que tive coragem suficiente para levantar a tampa e olhar para dentro do caixão, mas é claro que não tive essa coragem e não fiz isso. Só a idéia de *tocar* no caixão me dava arrepios!

Procurei a gaiola de Madame Octa. Tinha certeza de que não devia estar longe do dono e realmente lá estava ela, no chão, ao lado do caixão, coberta com um pano vermelho.

Olhei para dentro, para ter certeza, e vi sua barriga pulsando, as oito pernas estremecendo. Ela parecia horrível e apavorante, assim de perto, e por um segundo pensei em não levá-la. De repente tudo me pareceu uma idéia idiota. Só de pensar em tocar as pernas cabeludas ou deixar que ela chegasse perto do meu rosto, me enchia de horror.

Mas só um verdadeiro covarde desistiria naquele momento. Por isso, apanhei a gaiola e a levei para o meio do porão. A chave estava dependurada na fechadura e uma das flautas amarrada nas barras da gaiola.

Tirei do bolso o bilhete que tinha escrito em casa, na noite anterior. Era simples, mas levei uma eternidade para escrever. Depois de

ler mais uma vez, eu o grudei em cima do caixão com um pedaço de chiclete.

Sr.Crepsley,

Eu sei quem você é e apanhei Madame Octa e vou ficar com ela. Não a procure. Não volte a esta cidade. Se voltar, direi a todo mundo que você é um vampiro e você será capturado e morto. Não sou Lucas. Lucas não sabe nada disso. Eu tomarei conta da aranha muito bem.

É claro que não assinei o bilhete!

Talvez não fosse uma boa idéia mencionar Lucas, mas eu tinha certeza de que o vampiro pensaria nele de qualquer modo, por isso era melhor deixá-lo fora disso.

Com o bilhete no lugar, estava na hora de ir embora. Apanhei a gaiola e subi as escadas correndo (o mais silenciosamente possível). Calcei os sapatos e encontrei a saída. Foi mais fácil do que eu tinha imaginado. Os corredores pareciam mais claros, depois do porão escuro. Quando cheguei à rua, passei devagar pela

frente do teatro, depois corri para casa, sem parar, deixando o teatro, o vampiro e meu medo para trás. Deixando tudo para trás — menos Madame Octa!

CAPÍTULO DEZOITO

CHEGUEI EM casa vinte minutos antes que meus pais acordassem. Escondi a gaiola com a aranha no fundo do meu guarda-roupa, debaixo de uma pilha de roupas, deixando aberturas para que Madame Octa pudesse respirar. Ela estaria a salvo ali. Mamãe deixava a arrumação do quarto por minha conta e raramente entrava para ver como estava.

Deitei e fingi que dormia. Papai me chamou às quinze para as oito. Me vesti para ir ao colégio e desci, bocejando e espreguiçando como se acabasse de acordar. Tomei café rapidamente e voltei correndo para cima para ver se Madame Octa estava bem. Ela não tinha se mexido. Sacudi um pouco a gaiola, mas ela não se moveu.

Eu gostaria de ficar em casa tomando conta dela, mas era impossível. Mamãe

sempre sabia quando eu fingia estar doente. Ela é muito esperta para ser enganada.

O dia me pareceu uma semana. Os segundos se arrastavam como horas e até o intervalo para almoço passou devagar. Tentei jogar futebol, mas meu coração não estava no jogo. Eu não conseguia me concentrar na sala de aula e estava sempre dando respostas idiotas, até para perguntas simples.

Finalmente as aulas terminaram, corri para casa e subi para o quarto.

Madame Octa estava no mesmo lugar. Tive medo de que ela estivesse morta, mas vi que respirava. Então, achei que ela estava esperando ser alimentada. Já tinha visto aranhas daquele modo antes. Elas podem ficar imóveis durante horas, esperando a próxima refeição.

Eu não sabia ao certo o que dar a ela, mas achei que não era muito diferente das aranhas comuns. Fui até o jardim, parando só para apanhar um vidro vazio da cozinha.

Não demorei muito tempo para juntar algumas moscas mortas, alguns outros insetos e uma minhoca comprida, e voltei correndo com o vidro escondido debaixo da camiseta

para que mamãe não visse e começasse a fazer perguntas.

Fechei a porta do quarto e prendi uma cadeira sob a maçaneta para ninguém entrar, então levei a gaiola de Madame Octa para minha cama e tirei o pano que a cobria.

A aranha abriu os olhos e agachou quando sentiu a luz. Eu ia abrir a porta da gaiola e jogar a comida lá dentro quando lembrei que ela era uma aranha venenosa, que podia me matar com uma ou duas mordidas.

Levantei o vidro, apanhei um dos insetos vivos e joguei na gaiola. Ele caiu de costas, tremeu os pés no ar e conseguiu virar de bruços. Começou a se arrastar para a liberdade mas não foi multo longe.

Assim que ele se moveu, Madame Octa atacou. Num segundo ela estava de pé, imóvel como um casulo no meio da gaiola, no momento seguinte estava sobre o inseto, com as presas arreganhadas.

Ela engoliu o inseto rapidamente. Aquilo teria alimentado uma aranha normal por um ou dois dias, mas para Madame Octa não passava de um aperitivo. Ela voltou para o lugar original e olhou para mim como quem

diz: “Tudo bem, isso foi muito bom. Agora, onde está o prato principal?”

Dei a ela tudo que estava no vidro. A minhoca lutou bravamente, girando e dando voltas como uma louca, mas Madame Octa a partiu ao meio com os dentes, depois em quatro pedaços. Ela parecia ter gostado mais da minhoca.

Tive uma idéia e apanhei meu diário debaixo do colchão. Meu diário é o bem mais valioso que possuo, e é porque tomo nota de tudo que consegui escrever este livro. Lembrava-me de quase toda a história mas, sempre que algo me fugia, bastava abrir o diário e verificar os fatos.

Abri o diário e escrevi tudo que sabia sobre Madame Octa: o que o Sr. Crepsley tinha dito sobre ela, no espetáculo, os truques que ela fazia, a comida de que gostava. Fiz uma marca ao lado da comida de que ela gostava muito, e duas ao lado da comida que ela amava (até aquele momento, só a minhoca). Assim eu poderia alimentá-la do melhor modo e saber o que deveria dar como guloseima para que fizesse um dos seus truques.

Então, levei para o quarto alguma comida da geladeira, queijo, presunto, alface e carne defumada. Ela comeu quase tudo que eu dei. Parecia que eu ia ficar muito ocupado tentando alimentar aquela feia senhora!

A noite de terça-feira foi horrível. Eu imaginava o que o Sr. Crepsley ia pensar quando acordasse, desse pela falta da aranha e encontrasse o bilhete. Será que iria embora, como eu mandei, ou procuraria seu bicho de estimação? Talvez, já que os dois podiam se comunicar telepaticamente, ele pudesse localizá-la em minha casa!

Passei horas sentado na cama, segurando um crucifixo contra o peito. Não tinha certeza se o crucifixo ia funcionar ou não. Sei que funciona nos filmes, mas me lembrei de Lucas ter dito que só a cruz não adiantava. Disse que só adiantava se a pessoa fosse muito boa.

Finalmente adormeci mais ou menos às duas horas da manhã. Se o Sr. Crepsley tivesse vindo eu estaria completamente indefeso, mas felizmente, quando acordei de manhã, não havia sinal da sua presença e Madame Octa ainda estava descansando no guarda-roupa.

Eu me senti muito melhor na quarta-feira, especialmente quando passei pelo velho teatro, depois da aula, e vi que o Circo dos Horrores tinha partido. Os carros e vans não estavam mais lá. Nem sinal do espetáculo.

Eu tinha conseguido! Madame Octa era minha!

Comemorei comprando uma pizza. Presunto e pimentão. Mamãe e papai quiseram saber qual era a ocasião especial. Eu disse que só tive vontade de comer alguma coisa diferente. Ofereci a eles uma fatia, outra para Joana, e eles se contentaram com a explicação.

Dei os restos para Madame Octa e ela adorou. Correu em volta da gaiola lambendo até a última migalha. Anotei no meu diário: “Para uma refeição especial, um pedaço de pizza.”

Passei dois dias procurando acostumar a aranha a seu novo lar. Não a tirei da gaiola, mas a levei por todo o quarto, para que ela pudesse ver cada canto e ficasse conhecendo o lugar. Eu não queria que ela ficasse nervosa quando finalmente eu a soltasse.

Eu falava com ela o tempo todo, sobre minha vida, minha família e meu lar. Dizia o quanto a admirava e falava das coisas que faríamos. Ela talvez não entendesse tudo, mas parecia entender.

Fui à biblioteca, depois da aula, na terça e na sexta-feira, e li tudo que encontrei sobre aranhas. Havia uma porção de coisas que eu não sabia. Como o fato de terem até oito olhos, da sua teia ser feita de um material fluido e viscoso que seca quando exposto ao ar. Mas nenhum dos livros mencionava aranhas que sabiam fazer truques, nem que tivessem poderes telepáticos. E não encontrei nenhum desenho de aranhas como Madame Octa. Parecia que nenhum daqueles escritores jamais tinha visto uma aranha igual a ela. Ela era única!

Quando chegou o sábado, resolvi que estava na hora de tirar Madame Octa da gaiola e tentar alguns pequenos truques. Eu havia ensaiado com a flauta e podia tocar muito bem algumas melodias simples. A parte difícil era enviar pensamentos a Madame Octa enquanto eu tocava. Ia ser complicado, mas achei que podia.

Fechei a porta e as janelas do quarto. Era sábado. Meu pai estava trabalhando e mamãe tinha ido fazer compras com Joana. Eu estava sozinho, portanto, se alguma coisa acontecesse a culpa seria toda minha e eu seria o único a penar.

Levei a gaiola para o meio do quarto. Desde a noite anterior não tinha alimentado Madame Octa. Achei que ela não ia querer fazer nada se estivesse cheia de comida. Os animais podem ser preguiçosos, exatamente como os seres humanos.

Tirei o pano, levei a flauta aos lábios, girei a chave e abri a pequena porta da gaiola. Recuei e agachei no chão para que ela pudesse me ver.

Madame Octa não fez coisa alguma por alguns momentos. Então foi até a porta, parou e farejou o ar. Parecia gorda demais para passar pela pequena abertura e comecei a pensar que eu tinha dado comida demais a ela. Mas ela conseguiu encolher os lados do corpo e saiu.

Ela ficou parada no carpete, na frente da gaiola, a barriga grande e redonda pulsando. Pensei que ia andar em volta da gaiola para

examinar o quarto, mas não demonstrou o menor interesse.

Seus olhos estavam grudados em *mim*!

Eu engoli em seco ruidosamente e tentei evitar que ela percebesse meu medo. Foi difícil mas consegui não tremer nem chorar. Tinha afastado a flauta alguns centímetros da minha boca, enquanto a observava, mas eu ainda a segurava. Estava na hora de começar a tocar. Levei a flauta aos lábios e me preparei.

Foi então que ela atacou. Com um salto gigantesco atravessou o quarto. Voou para a frente, no ar, a boca aberta, as presas preparadas, as pernas cabeludas estremecendo — *direto para meu rosto desprotegido!*

CAPÍTULO DEZENOVE

SE ELA tivesse feito contato, teria ferrado as presas em mim e eu estaria morto. Mas a sorte estava do meu lado e, em vez de aterrissar na minha carne, ela bateu na ponta da flauta e caiu para o lado.

Ela caiu como uma bola, atordoada por alguns segundos. Reagindo rapidamente, sabendo que minha vida dependia da rapidez, levei a flauta aos lábios e toquei como um doido. Minha boca estava seca, mas assoprei assim mesmo, sem ousar parar para molhar os lábios.

Madame Octa inclinou a cabeça para o lado quando ouviu a música. Levantou o corpo e balançou de um lado para o outro, como se estivesse bêbada. Arrisquei uma respirada, depois comecei a tocar uma melodia mais lenta para não cansar meus dedos e meus pulmões.

“Olá, Madame Octa”, pensei, fechando os olhos e me concentrando. “Meu nome é Darren Shan. Já disse isso antes mas não sei se você ouviu. Não tenho nem certeza de que está me ouvindo agora.

“Sou seu novo dono. Vou tratar você muito bem e alimentá-la com uma porção de insetos e de carne. Mas somente se *você* for boa e fizer tudo que eu mandar e se não me atacar outra vez.”

Ela tinha parado de balançar e olhava para mim. Eu não sabia se ela estava ouvindo meus pensamentos ou planejando o próximo ataque.

“Agora quero que você fique de pé nas duas pernas traseiras e faça uma pequena mesura.”

Por alguns segundos ela não reagiu. Continuei tocando e pensando, pedindo, depois mandando que ela ficasse de pé. Finalmente, quando eu estava quase sem fôlego, ela se levantou nas duas pernas traseiras, como eu queria. Então, fez uma pequena mesura e relaxou, esperando a próxima ordem.

Ela estava me obedecendo!

A ordem seguinte foi para voltar para a gaiola. Ela obedeceu e dessa vez só tive de pensar uma vez. Assim que ela entrou, fechei a porta e caí sentado, deixando a flauta cair dos meus lábios.

Que susto quando ela pulou para mim! Meu coração batia tão depressa que tive medo de que subisse pelo meu pescoço e saísse pela boca. Fiquei sentado no chão por uma eternidade, olhando para a aranha, pensando no quanto eu tinha estado perto da morte.

Isso devia ter sido um aviso suficiente. Qualquer pessoa sensata teria deixado a porta fechada e esquecido de brincar com um animal tão letal. Era muito perigoso. E se ela não tivesse batido na flauta? Se mamãe voltasse para casa e me encontrasse morto no chão? Se a aranha então a atacasse, ou ao papai ou Joana? Só a pessoa mais burra do mundo se arriscaria daquele modo outra vez.

Um passo à frente — Darren Shan!

Era loucura, mas eu não podia me controlar. Além disso, do modo como eu via as coisas, não teria adiantado roubar a aranha se eu a fosse manter trancada naquela gaiola velha e idiota.

Fui um pouco mais esperto dessa vez. Destranquei a porta mas não a abri. Comecei a tocar a flauta e a mandei empurrá-la. Ela obedeceu e, quando saiu, parecia mansa como um gatinho e fez tudo que mandei.

Mandei fazer uma porção de truques. Eu a fiz saltar pelo quarto, como um canguru. Depois a fiz ficar dependurada no teto e fazer desenhos com a teia. Depois a mandei levantar pesos (uma caneta, uma caixa de fósforos, uma bola de gude). Então a mandei sentar em um dos meus carros com controle remoto. Liguei o controle e parecia que ela estava dirigindo. Eu fiz o carro bater em uma pilha de livros, mas a mandei saltar para fora no último momento para não se machucar.

Brinquei com ela por uma hora e teria continuado durante toda a tarde, mas ouvi mamãe voltando das compras e sabia que ela ia estranhar se eu ficasse no quarto o dia inteiro. A última coisa que eu queria era que ela ou papai interferissem nos meus negócios particulares.

Fiz Madame Octa voltar para a gaiola e para o guarda-roupa e desci, tentando parecer o mais normal possível.

— Você estava tocando algum CD lá em cima? — mamãe perguntou. Ela e Joana estavam retirando roupas e chapéus de quatro sacolas, em cima da mesa da cozinha.

— Não — respondi.

— Tive a impressão de ouvir música — disse ela.

— Eu estava tocando uma flauta — tentei parecer à vontade.

Ela parou de tirar as roupas da sacola.

— *Você?* — perguntou ela. — Tocando uma flautai

— Eu sei tocar — disse. — Você me ensinou quando eu tinha cinco anos, lembra?

— Sim, eu lembro — riu. — Lembro também que, quando tinha seis anos, você disse que flauta era para meninas e jurou nunca mais sequer olhar para uma flauta.

Dei de ombros, como se aquilo não fosse grande coisa.

— Mudei de idéia — disse. — Encontrei uma flauta quando voltava da escola ontem e fiquei curioso, imaginando se ainda seria capaz de tocar.

— Onde você a encontrou? — ela quis saber.

— Na rua.

— Espero que tenha lavado antes de pôr na boca. Não se pode saber por onde andou.

— Eu lavei — menti.

— Isso é uma surpresa agradável — sorriu, despenteou meu cabelo com a mão e me deu um grande beijo molhado.

— Ei! Pare com isso! — gritei.

— Ainda faremos de você um Mozart — disse ela. — Posso ver você tocando piano em uma enorme sala de concerto, com um belo terno branco, seu pai e eu na primeira fila...

— Caia na real, mamãe — eu ri. — É só uma flauta.

— De grão em grão a galinha enche o papo — disse ela.

— Mas ele tem um papo furado — caçoou Joana.

Mostrei a língua para ela.

Os dias seguintes foram ótimos. Brinquei com Madame Octa sempre que podia, alimentando-a todas as tardes (ela só precisava de uma refeição por dia, desde que fosse grande). E eu não precisei me preocupar em trancar a porta do quarto, porque mamãe

e papai concordaram em não entrar quando me ouviam praticando com a flauta.

Pensei em contar para Joana sobre Madame Octa, mas resolvi esperar um pouco mais. Eu ia bem com a aranha, mas percebia que ela ainda ficava inquieta com minha presença. Não traria Joana para o quarto enquanto não tivesse certeza de que era completamente seguro.

Meu desempenho na escola melhorou na semana seguinte, tanto nos trabalhos como no futebol. Fiz 28 gols entre segunda e sexta-feira. Até o Sr. Dalton ficou impressionado.

— Com suas boas notas e sua habilidade no campo, você pode vir a ser o maior professor e jogador de futebol universitário do mundo — disse. — Um misto de Pelé e Einstein.

Eu sabia que ele estava brincando, mas mesmo assim foi uma gentileza de sua parte.

Levei uma eternidade para conseguir coragem para fazer Madame Octa subir por meu corpo e andar no meu rosto, mas finalmente tentei numa tarde de sexta-feira. Toquei minha melhor canção e só a deixei começar depois de dizer várias vezes o que eu

queria que fizesse. Quando achei que estávamos prontos, fiz um sinal com a cabeça e ela começou a subir por uma das pernas da minha calça.

Tudo ia bem até ela chegar ao meu pescoço. A sensação daquelas pernas peludas e finas quase me fez soltar a flauta. Eu estaria morto se isso tivesse acontecido, porque ela estava no lugar perfeito para enfiar as presas. Felizmente, eu me controlei e continuei a tocar.

Ela passou por minha orelha direita e subiu até o alto da minha cabeça, onde deitou para descansar. Minha cabeça coçava debaixo dela, mas tive o bom senso de não tentar coçar. Olhei no espelho e sorri. Ela parecia um daqueles chapéus franceses, uma boina.

Eu a fiz descer pelo meu rosto e ficar dependurada no meu nariz em um fio da sua teia. Não a deixei entrar na minha boca, mas a fiz balançar de um lado para o outro, como o Sr. Crepsley tinha feito, e fazer cócegas com as pernas no meu queixo.

Não a deixei fazer cócegas por muito tempo. Eu podia começar a rir e deixar cair a flauta.

Quando a fiz voltar para a gaiola, naquela noite de sexta-feira, eu me sentia como um rei, como se nada pudesse dar errado para mim, que minha vida seria perfeita. Eu ia bem na escola e no futebol, e tinha a sorte de ter um animal de estimação, que qualquer garoto daria tudo para ter. Eu não estaria mais feliz se tivesse ganho a loteria ou uma fábrica de chocolate.

Foi então, é claro, que tudo começou a dar errado e o mundo inteiro desabou em cima de mim.

CAPÍTULO VINTE

LUCAS APARECEU para uma visita no fim da tarde de sábado. Durante toda a semana quase não nos falamos e ele era a última pessoa que eu esperava ver. Mamãe o fez entrar e me chamou. Eu o vi quando estava no meio da escada, parei, depois gritei para ele subir.

Ele examinou o quarto como se não o visse há meses.

— Quase me esqueci de como é este lugar — disse ele.

— Não seja bobo — disse eu. — Você esteve aqui há umas duas semanas.

— Parece mais tempo. — Sentou-se na cama e olhou para mim, muito sério e solitário. — Por que está me evitando? — perguntou.

— Como assim? — Fingi que não sabia do que ele estava falando.

— Você me evitou abertamente nas duas últimas semanas — disse ele. — Não foi óbvio no começo, mas cada dia você passa menos tempo comigo. Nem me apanhou quando foi jogar basquete na última quinta-feira.

— Você nunca foi muito bom no basquete — disse eu. Foi a única desculpa que encontrei.

— No começo fiquei confuso — disse Lucas —, mas então procurei entender. Você não se perdeu na noite do espetáculo do circo, não é? Você ficou por lá, talvez no balcão, e viu o que aconteceu entre Vur Horston e mim.

— Não vi nada disso — disse eu, irritado.

— Não? — insistiu ele.

— Não — menti.

— Você não viu nada?

— Não.

— Você não me viu conversando com Vur Hortson?

— Não!

— Você não...

— Olhe, Lucas — interrompi —, seja o que for que aconteceu com você e o Sr. Crepsley, é da sua conta. Eu não estava lá, não vi, não sei do que você está falando. Agora, se...

— Não minta para mim, Darren — disse ele.

— Não estou mentindo — menti.

— Então como sabia que eu estava falando do Sr. Crepsley? — perguntou ele.

— Porque... — Mordi a língua.

— Eu disse que falei com *Vur Horston* — sorriu Lucas. — A não ser que estivesse lá, como você ia saber que Vur Horston e o Sr. Crepsley são a mesma pessoa?

Curvei os ombros e sentei na cama, ao lado de Lucas.

— Tudo bem — disse. — Eu admito. Eu estava no balcão.

— Quanto você ouviu? E viu? — perguntou Lucas.

— Tudo. Não pude ver quando ele sugou seu sangue, nem ouvi o que ele estava dizendo. Mas, fora isso...

— ... tudo — terminou Lucas com um suspiro. — Por isso está me evitando, porque ele disse que eu sou malvado?

— Em parte — disse eu. — Mas principalmente por causa do que *você* disse, Lucas. Você pediu a ele para o transformar num vampiro! E se ele *tivesse* feito isso e você

viesse me pegar? A maioria dos vampiros vai primeiro atrás de pessoas que conhece, não é?

— Nos livros e nos filmes, sim — disse Lucas. — Isto é diferente. Isto é a vida real. Eu não teria feito mal a você, Darren.

— Talvez sim, talvez não — disse eu. — O caso é que eu não quero descobrir. Não quero mais ser seu amigo. Você pode ser perigoso. E se você encontrar outro vampiro e ele fizer sua vontade? Ou se o Sr. Crepsley estava certo e você é realmente malvado e...

— Eu não sou malvado — exclamou Lucas e me empurrou de costas na cama. Saltou sobre mim e pôs os dedos no meu rosto. — Retire isso! — rugiu. — Retire isso ou, que Deus me ajude, vou arrancar sua cabeça e...

— Eu retiro, eu retiro — gritei. Lucas pesava no meu peito, e eu via seu rosto vermelho e furioso. Eu diria qualquer coisa para fazer cessar aquela crise.

Ele ficou sentado no meu peito por mais alguns segundos, depois rosnou e saiu de cima de mim. Eu me sentei, sufocado, passando a mão no rosto onde ele tinha enfiado os dedos.

— Desculpe — disse ele. — Isso foi demais. Mas estou zangado. Fiquei magoado com o

que o Sr. Crepsley disse e com o fato de você me ignorar na escola. Você é meu melhor amigo, Darren, a única pessoa com quem posso falar de verdade. Se você acabar com nossa amizade, não sei o que farei.

Ele começou a chorar. Eu o observei por alguns segundos, dividido entre medo e solidariedade. Então meu eu nobre ganhou a luta e passei o braço pelos ombros dele.

— Está tudo bem — disse eu. — Continuo a ser seu amigo. Vamos, Lucas, pare de chorar, está bem?

Ele tentou mas só depois de algum tempo conseguiu.

— Devo parecer um bobo — finalmente ele fungou.

— Bobagem — disse eu. — *Eu sou* o bobo. Eu devia ter ficado do seu lado. Fui covarde. Não parei para pensar no que você estava passando, eu só pensei em mim e na Madame... — Fiz uma careta e parei de falar.

Lucas olhou para mim intrigado.

— O que você ia dizer? — ele perguntou.

— Nada, foi um lapso.

Lucas grunhiu:

— Você é um péssimo mentiroso, Shan. Sempre foi. O que é que você ia me dizer e interrompeu?

Examinei o rosto dele .imaginando se devia contar. Sabia que não devia, que só ia criar problemas, mas senti pena dele. Além disso, eu precisava contar para alguém. Queria exibir o meu maravilhoso animal de estimação e os truques que Madame Octa sabia fazer.

— Você é capaz de guardar um segredo? — perguntei.

— É claro — disse ele com superioridade.

— É um segredo muito grande. Você não pode contar para ninguém, certo? Se eu contar para você, tem de ficar entre nós dois. Se você falar...

— ...Você conta a minha conversa com o Sr. Crepsley — disse Lucas, com um largo sorriso. — Você me tem na ponta de uma arma. Não importa o que você me contar, sabe que não posso contar para alguém, mesmo que quisesse. Qual é o grande segredo?

— Espere um minuto — disse eu. Saí da cama e abri a porta do quarto. — Mamãe? — gritei.

— Sim? — veio a resposta abafada.

— Vou mostrar minha flauta para Lucas — gritei. — Vou ensinar Lucas a tocar, mas só se não formos perturbados.

— Tudo bem — gritou ela.

Fechei a porta e sorri para Lucas. Ele parecia intrigado.

— Uma flauta? — perguntou. — Seu grande segredo é uma flauta?

— Parte dele — disse eu. — Escute, você se lembra da Madame Octa? A aranha do Sr. Crepsley?

— É claro — disse ele. — Eu não estava prestando muita atenção na aranha quando ele estava no palco, mas acho que ninguém pode esquecer uma criatura como aquela. Aquelas pernas cabeludas, brrr!

Abri a porta do guarda-roupa enquanto ele falava e tirei a gaiola. Lucas apertou os olhos quando a viu, depois arregalou.

— Isso não é o que estou pensando, é? — perguntou.

— Depende — disse eu, tirando o pano que cobria a gaiola. — Se você acha que é uma aranha artista e mortal está certo.

— Caramba! — disse ele, quase caindo da cama, chocado. — Isso é uma... é uma... quando você... Uau!

Encantado com a reação dele, fiquei ao lado da gaiola, como um pai orgulhoso. Madame Octa estava deitada no chão quieta como sempre, sem prestar atenção em nenhum de nós dois.

— Ela é espantosa! — disse Lucas, chegando mais perto para ver melhor. — Parece exatamente com a aranha do circo. Não posso acreditar que você tenha encontrado uma tão igual. Onde a conseguiu? Numa loja de animais? Num zoológico?

Meu sorriso desapareceu.

— Eu a consegui no Circo dos Horrores, é claro — disse eu, constrangido.

— No circo? — perguntou ele, franzindo a testa. — Estavam vendendo aranhas? Eu não vi nenhuma. Quanto custou?

Balancei a cabeça e disse:

— Eu não a comprei, Lucas. Eu... Não adivinha? Não compreende?

— Compreender o quê? — perguntou ele.

— Não é uma aranha *igual* — disse eu. — É a *mesma*. É Madame Octa.

Ele olhou espantado para mim, como se não tivesse ouvido direito. Eu ia repetir, mas ele falou antes.

— A... mesma? — perguntou com a voz lenta e trêmula.

— Sim — disse eu.

— Está dizendo... que essa é... Madame Octa? A Madame Octa?

— Sim — disse eu outra vez, rindo do seu espanto.

— Essa é... a aranha do Sr. Crepsley?

— Lucas, qual o problema? Quantas vezes tenho de dizer para que você...

— Espere um pouco — disse ele, balançando a cabeça. — Se esta é realmente Madame Octa, como você a conseguiu? Você a encontrou no lado de fora? Eles a venderam?

— Ninguém venderia uma aranha grande como esta — disse eu.

— Foi o que pensei — concordou Lucas. — Então como você... — deixou a pergunta no ar.

— Eu a roubei — disse eu, com orgulho. — Voltei ao teatro na manhã de terça-feira, entrei, descobri onde ela estava e a roubei. Deixei um bilhete dizendo ao Sr. Crepsley

para não vir atrás dela, do contrário eu contaria para a polícia que ele é um vampiro.

— Você... você... — Lucas mal podia falar. Ficou muito pálido e parecia que ia desmaiar.

— Você está bem? — perguntei.

— Seu... imbecil — rugiu ele. — Seu lunático. Seu idiota.

— Ei! — gritei, zangado.

— Idiota! Bobo! Cretino! — gritou ele. — Não compreende o que fez? Tem alguma idéia da enrascada em que se meteu?

— O quê? — perguntei, atônito.

— Você roubou a aranha de um vampiro! — gritou Lucas. — Você roubou de um membro dos mortos-vivos! O que acha que ele vai fazer quando o apanhar, Darren? Espancar seu traseiro e passar um pito? Contar aos seus pais e fazer com que o castiguem? Estamos falando de um *vampiro*. Ele vai cortar seu pescoço e dar você para a aranha comer. Ele o fará em pedaços e...

— Não, ele não vai fazer nada disso — disse eu calmamente.

— É claro que vai — disse Lucas.

— Não — disse eu. — *Não vai*. Porque não vai me encontrar. Roubei a aranha na terça-

feira retrasada, portanto ele teve quase duas semanas para me descobrir, mas não vi nem sinal dele. Ele foi embora com o circo e nunca mais vai voltar, não se souber o que é bom para ele.

— Eu não sei — disse Lucas. — Vampiros têm memória longa. Ele pode voltar quando você estiver crescido e tiver filhos.

— Vou me preocupar com isso quando e se acontecer — disse eu. — Por enquanto me saí bem. Eu não tinha certeza se ia conseguir. Pensei que ele fosse me encontrar e me matar. Mas consegui. Portanto, deixe de me xingar, está bem?

— Você é mesmo uma coisa — riu Lucas, balançando a cabeça. — Eu pensei que era ousado, mas roubar a aranha de um vampiro! Nunca pensei que você fosse capaz. O que o fez fazer isso?

— Eu tinha de ter Madame Octa — disse eu. — Eu a vi no palco e sabia que faria qualquer coisa para que ela fosse minha. Então descobri que o Sr. Crepsley era um vampiro e compreendi que podia fazer chantagem. É errado, eu sei, mas ele é um vampiro, portanto não é tão errado, é? Roubar

de alguém que é mau, de certo modo é uma coisa boa, não é?

Lucas riu.

— Não sei se é bom ou mau — disse ele. — Tudo que sei é que, se ele vier procurar a aranha, eu não queria estar no seu lugar.

Ele examinou a aranha outra vez, com o rosto perto da gaiola (mas não tão perto que ela pudesse atacá-lo), olhando para a barriga dela, que pulsava com a respiração.

— Você já a tirou da gaiola? — perguntou ele.

— Tiro todos os dias — disse eu. Apanhei a flauta e assoprei. Madame Octa saltou alguns centímetros para a frente. Lucas gritou e caiu sentado. Eu ri às gargalhadas.

— Você pode controlá-la? — disse ele, admirado.

— Posso fazer com ela tudo que o Sr. Crepsley fazia — disse eu, tentando não parecer orgulhoso demais. — Ela é perfeitamente segura, desde que você se concentre. Mas se deixar os pensamentos descontrolados por um segundo... — Passei um dedo no pescoço e fiz um barulho de quem está sufocando.

— Já a deixou fazer uma teia nos seus lábios? — perguntou Lucas, com olhos brilhantes.

— Ainda não — disse eu. — Não gosto de pensar nela na minha boca. A idéia de ela descer por minha garganta me apavora. Além disso, preciso de alguém para a controlar enquanto ela tece a teia, e até agora estava sozinho.

— Até agora, mas não está mais. — Ele se levantou e batemos nossas mãos abertas no ar. — Vamos fazer isso. Você me ensina como usar a flauta e como me comunicar com ela. Não tenho medo de deixar que ela ande na minha boca. Vamos, vamos em frente, em frente, em FRENTE!

Eu não podia ignorar tanto entusiasmo. Sabia que era arriscado envolver Lucas com a aranha, em tão pouco tempo — eu devia fazer com que ele a conhecesse melhor —, mas ignorei o bom senso e cedi ao seu pedido.

Eu disse que ele não podia tocar a flauta, não sem praticar antes, mas ele podia brincar com Madame Octa enquanto eu a controlava. Ensinei os truques que íamos fazer e certifiquei-me de que ele entendeu tudo.

— O silêncio é vital — disse eu. — Não diga nada. Nem assobie alto. Porque, se você desviar minha atenção e eu perder o controle...

— Certo, certo — suspirou Lucas. — Eu sei. Não se preocupe. Quando quero, posso ficar tão silencioso quanto um ratinho.

Quando ele ficou pronto, destranquei a gaiola de Madame Octa e comecei a tocar. Ela avançou, obedecendo à minha ordem, e ouvi Lucas prender a respiração, um pouco assustado, agora que ela estava livre, mas não deu sinal de querer parar, portanto continuei a tocar e a orientar Madame Octa no seu ato.

Deixei que ela fizesse uma porção de coisas sozinha antes de permitir que chegasse perto de Lucas. Nas últimas semanas, tínhamos desenvolvido uma grande compreensão mútua. A aranha estava acostumada com a minha mente e com meu modo de pensar e sabia obedecer às minhas ordens quase antes de eu terminar de enviá-las. Eu aprendi que ela podia trabalhar com um mínimo de instruções. Bastava eu usar algumas poucas palavras para que ela agisse.

Lucas assistia ao espetáculo em completo silêncio. Ele quase aplaudiu algumas vezes, mas se controlou antes que suas mãos se juntassem e fizessem barulho. Em vez disso, ele erguia o polegar e dizia só com o movimento dos lábios, “Legal”, “Super”, “Maneiro” e assim por diante.

Quando chegou a hora de Lucas tomar parte no espetáculo, fiz um sinal, perguntando se ele queria. Ele engoliu em seco, respirou fundo e fez que sim com a cabeça. Levantou e se adiantou, ficando ao meu lado para que eu não perdesse Madame Octa de vista. Então, ele se ajoelhou e esperou.

Toquei uma nova melodia e enviei novas ordens. Madame Octa ficou imóvel, ouvindo. Quando soube o que eu queria, começou a andar para Lucas. Eu o vi estremecer e molhar os lábios. Eu ia cancelar o ato e mandar a aranha de volta para a gaiola, mas então ele parou de tremer e ficou mais calmo e eu continuei.

Ele estremeceu de leve quando ela começou a subir por sua perna, mas era uma resposta natural. Eu ainda tremia quando sentia as pernas peludas na minha pele.

Fiz Madame Octa subir pela nuca de Lucas fazendo cócegas com as pernas. Ele riu baixinho, e os últimos traços de medo desapareceram. Senti-me mais confiante agora que ele estava mais calmo e fiz a aranha se mover para a frente do seu rosto, onde ela teceu pequenas teias sobre seus olhos, deslizou por seu nariz e saltou sobre seus lábios.

Lucas estava gostando e eu também. Agora, com um companheiro, eu podia fazer uma porção de outras coisas. Ela estava no ombro direito dele, preparando-se para descer pelo braço quando a porta se abriu e Joana entrou.

Normalmente, Joana nunca entra no meu quarto sem bater. Ela é uma boa garota, não é como as outras da sua idade e quase sempre bate educadamente e espera uma resposta. Mas naquela noite, por pura má sorte, ela entrou de repente.

— Ei, Darren, onde está meu... — ela começou a dizer, depois parou. Ela viu Lucas com a monstruosa aranha no ombro, suas presas brilhando como se estivessem preparadas para morder, e fez a coisa natural.

Joana gritou.

O som me alarmou. Virei a cabeça, a flauta escorregou dos meus lábios e lá se foi minha concentração. Meu elo com Madame Octa desintegrou-se. Ela balançou a cabeça, deu alguns passos rápidos para o pescoço de Lucas, depois arreganhou as presas, como se estivesse rindo.

Lucas rugiu de medo e levantou-se de repente. Tentou afastar a aranha com a mão mas não acertou. Antes que ele pudesse tentar outra vez, Madame Octa abaixou a cabeça, rápida como uma cobra, *e enfiou as presas venenosas no pescoço de Lucas!*

CAPÍTULO VINTE E UM

LUCAS FICOU rígido assim que a aranha o mordeu. Parou de gritar, seus lábios ficaram azuis, os olhos se arregalaram. Pelo que pareceu uma eternidade (embora não fossem mais de três ou quatro segundos), ele cambaleou. Então caiu no chão, mole como um espantalho.

A queda o salvou. Como com a cabra do Circo dos Horrores, a primeira mordida de Madame Octa o fez perder a consciência, mas não o matou imediatamente. Eu a vi se movendo no pescoço dele antes que ele caísse, procurando o lugar certo, preparando-se para a segunda e mortal mordida.

A queda a perturbou. Ela saltou do pescoço de Lucas e levou alguns segundos para subir outra vez.

Aqueles segundos eram tudo de que eu precisava.

Eu estava em estado de choque, mas quando a vi aparecer no ombro de Lucas, como um horrível nascer do sol aracnídeo, recuperei a consciência. Abaixei-me para apanhar a flauta, enfiei na boca quase até a garganta e toquei a nota mais alta de toda a minha vida.

“PARE”, gritei mentalmente, e Madame Octa saltou quase meio metro no ar.

“Volte para a gaiola!”, ordenei e ela saltou do corpo de Lucas e correu pelo chão do quarto. Assim que ela passou pela porta da gaiola, avancei e a tranquei.

Com Madame Octa presa, minha atenção se voltou para Lucas. Joana continuava a gritar, mas eu não podia me preocupar com ela enquanto não visse como meu amigo estava.

— Lucas? — perguntei, abaixando perto do seu ouvido, rezando por uma resposta. — Você está bem? Lucas? — Nada. Ele respirava, portanto estava vivo, mas isso era tudo. Ele não podia fazer nada mais. Não podia falar ou mover os braços. Não podia sequer piscar os olhos.

Senti Joana atrás de mim. Tinha parado de gritar mas tremia ainda.

— Ele está... morto? — perguntou ela, com voz fraca.

— É claro que não — disse eu irritado. — Pode ver que está respirando, não pode? Veja sua barriga e seu peito.

— Mas... por que ele não se mexe?

— Está paralisado — disse eu. — A aranha injetou um veneno que impede que seus membros se movam, mas seu cérebro ainda está ativo e ele pode ver e ouvir tudo.

Eu não sabia se isso era verdade. Esperava que fosse. Se o veneno não tivesse chegado ao coração e aos pulmões, podia também ter poupado o cérebro. Mas se tivesse penetrado na cabeça...

Era uma idéia terrível demais para ser considerada.

— Lucas, vou ajudar você a se levantar — disse eu. — Acho que, se você se movimentar, o veneno desaparece.

Passei os braços pela cintura de Lucas e o levantei. Ele era pesado, mas nem percebi. Eu o arrastei pelo quarto, balançando seus braços e pernas, falando com ele, dizendo que ele ia

ficar bem, que não havia veneno suficiente em uma mordida para matar, que ele ia se recuperar.

No fim de dez minutos, não houve nenhuma mudança e eu estava muito cansado de carregar Lucas. Eu o deitei na cama e arrumei seu corpo cuidadosamente para que ele ficasse confortável. Suas pálpebras estavam abertas. Pareciam estranhas e me assustavam, por isso eu as fechei, mas então ele parecia um cadáver, e eu as abri outra vez.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Joana.

— É claro que vai — disse eu, tentando parecer confiante. — O veneno vai desaparecer depois de algum tempo e ele ficará perfeito. É só uma questão de tempo.

Acho que ela não acreditou, mas não disse nada, apenas sentou-se na beirada da cama, observando atentamente o rosto de Lucas. Comecei a imaginar por que mamãe não tinha subido para investigar. Fui até a porta aberta e escutei do alto da escada. Ouvi a máquina de lavar roncando na cozinha. Isso explicava. Nossa máquina de lavar é velha e barulhenta. Da cozinha não se ouve nada quando ela está ligada.

Joana não estava mais sentada na cama quando voltei. Estava sentada no chão, observando Madame Octa.

— É a aranha do Circo dos Horrores, não é? — perguntou ela.

— É — admiti.

— É venenosa?

— É.

— Como você a conseguiu?

— Isso não interessa — disse eu, corando.

— Como ela saiu da gaiola? — quis saber Joana.

— Eu a deixei sair.

— Você fez *o quê*?!

— Não foi a primeira vez — expliquei. — Ela está comigo há quase duas semanas. Já brinquei com ela uma porção de vezes. É perfeitamente seguro desde que não haja nenhum barulho. Se você não tivesse entrado daquele jeito, ela estaria...

— Não, você não vai fazer isso — resmungou ela. — Não vai pôr a culpa em mim. Por que não me falou sobre a aranha? Se eu soubesse não teria entrado de repente no seu quarto.

— Eu ia contar — disse a ela. — Estava esperando ter certeza de que era seguro. Então Lucas apareceu e... — Não consegui continuar.

Guardei a gaiola no fundo do guarda-roupa para não ver Madame Octa. Fiquei ao lado de Joana, perto da cama, e observei o corpo imóvel de Lucas. Ficamos em silêncio por quase uma hora, só olhando.

— Eu acho que ele não vai melhorar — disse ela, finalmente.

— Vamos dar mais tempo — pedi.

— Não acho que o tempo vá ajudar — insistiu ela. — Se ele fosse melhorar, a esta altura devia estar se movendo um pouco.

— O que você sabe sobre isso? — perguntei agressivamente. — Você é uma criança. Você não sabe de nada!

— Tem razão — disse ela, calmamente. — Mas você não sabe mais do que eu, não é? — Balancei a cabeça tristemente. — Então pare de fingir que sabe — disse ela.

Ela pôs a mão no meu braço e sorriu bravamente para mostrar que não estava tentando me fazer sentir mal.

— Temos de contar para mamãe — disse ela. — Temos de trazer mamãe aqui. Ela sabe o que deve fazer.

— E se ela não souber? — perguntei.

— Então temos de levar Lucas para o hospital — disse Joana.

Eu sabia que ela estava certa. Eu sabia o tempo todo. Só não queria admitir.

— Vamos esperar mais quinze minutos — disse eu. — Se ele não se mover até lá, nós chamamos a mamãe.

— Quinze minutos? — disse ela, insegura.

— Nem um minuto mais — prometi.

— Tudo bem — concordou Joana.

Ficamos em silêncio outra vez, observando nosso amigo. Pensei em Madame Octa e em como eu ia explicar para mamãe. Para os médicos. Para a *policia*! Acreditariam em mim quando eu dissesse que o Sr. Crepsley era um vampiro? Eu duvidava. Iam pensar que eu estava mentindo. Podiam me prender. Podiam dizer que, como a aranha me pertence, a culpa é minha. Podiam me acusar de assassinato e me prender pelo resto da vida.

Consultei o relógio. Faltavam três minutos. Nenhuma mudança em Lucas.

— Joana, preciso que me faça um favor — disse eu.

Ela olhou para mim, desconfiada.

— O que é?

— Não quero que mencione Madame Octa.

— Está louco? — exclamou ela. — Como então vai explicar o que aconteceu?

— Não sei — admiti. — Vou dizer que eu não estava no quarto. As marcas da mordida são pequenas. Parecem picadas de abelha e isso acontece o tempo todo. Os médicos talvez nem vejam.

— Não podemos fazer isso — disse Joana. — Eles podem precisar examinar a aranha. Podem...

— Joana, se Lucas morrer, vão pôr a culpa em mim — disse eu, em voz baixa. — Há certas coisas a esse respeito que não posso contar para você, não posso contar para ninguém. Tudo que posso dizer é que, se o pior acontecer, eu fico com a culpa. Sabe o que eles fazem com assassinos?

— Você é muito criança para ser julgado como assassino — disse ela, mas sem muita convicção.

— Não, não sou. Sou muito criança para ir para uma prisão de verdade, mas eles têm lugares especiais para crianças. Vão me prender em um desses lugares até eu completar dezoito anos e então... Por favor, Joana — comecei a chorar. — Eu não quero ir para a prisão.

Ela começou a chorar também. Nós nos abraçamos e soluçamos como dois bebês.

— Não quero que eles levem você — disse ela. — Não quero perder você.

— Então promete que não vai dizer nada? — perguntei. — Quer voltar para seu quarto e fingir que não viu nem ouviu nada disso?

Ela inclinou a cabeça assentindo, tristemente.

— Mas não se eu souber que a verdade pode salvar Lucas — disse ela. — Se os médicos disserem que só podem salvá-lo se souberem o que o mordeu, eu conto. Certo?

— Certo — concordei.

Ela se levantou e foi para a porta. Parou no meio do quarto, virou, voltou e me beijou na testa.

— Eu amo você, Darren — disse ela. — Mas você foi um tolo trazendo a aranha para

cá e, se Lucas morrer, eu acho que a culpa *é sua*.

Então ela saiu do quarto correndo e soluçando.

Esperei alguns minutos, segurando a mão de Lucas, pedindo para ele ficar bom, para dar algum sinal de vida. Como minha prece não foi atendida, levantei-me, abri a janela (para explicar como a misteriosa atacante entrou no quarto), respirei fundo e corri para baixo, gritando por minha mãe.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

OS ENFERMEIROS da ambulância perguntaram à minha mãe se Lucas era diabético ou epiléptico. Ela não tinha certeza, mas achava que não. Perguntaram também sobre alergias e coisas parecidas, mas ela explicou que não era mãe dele e não sabia.

Pensei que fossem nos levar com ele na ambulância, mas disseram que não havia lugar. Anotaram o telefone de Lucas e o nome da mãe dele, mas ela não estava em casa. Um dos enfermeiros perguntou para minha mãe se ela podia levá-los de carro ao hospital para preencher os formulários de internação. Ela concordou e eu e Joana entramos no carro. Papai ainda não estava em casa, e ela telefonou para seu celular avisando onde estávamos. Ele disse que viria imediatamente.

Foi uma viagem horrível. Sentei atrás, tentando não olhar para Joana, sabendo que

devia dizer a verdade, mas cheio de medo. O que piorava as coisas era saber que, se fosse eu quem estivesse em estado de coma, Lucas trataria de mim imediatamente.

— O que aconteceu? — perguntou mamãe, sem deixar de olhar para a frente. Ela dirigia o mais depressa possível, sem ultrapassar o limite de velocidade, por isso não podia olhar para mim. Fiquei satisfeito com isso. Acho que eu não poderia ter mentido olhan123 do para ela.

— Não tenho certeza — disse eu. — Estávamos conversando. Então, tive de ir ao banheiro. Quando voltei...

— Você não viu nada? — perguntou ela.

— Não — menti, sentindo as orelhas quentes de vergonha.

— Eu não compreendo — murmurou ela. — Ele parecia tão rígido e sua pele estava ficando azul. Pensei que estivesse morto.

— Acho que ele foi mordido — disse Joana. Eu quase dei uma cotovelada nela, mas no último momento lembrei que dependia dela para guardar meu segredo.

— Mordido? — perguntou mamãe.

— Havia algumas marcas no pescoço dele — disse Joana.

— Eu vi — disse mamãe. — Mas não acho que seja isso, minha querida.

— Por que não? — perguntou Joana. — Se uma cobra ou uma... *aranha* entrou e o mordeu... — Olhou para mim e corou um pouco, lembrando a promessa.

— Uma aranha? — Mamãe balançou a cabeça. — Não, meu bem, aranhas não andam por aí mordendo pessoas e as deixando em estado de choque, não por aqui.

— Então, o que foi? — perguntou Joana.

— Não tenho certeza — disse mamãe. — Talvez ele tenha comido alguma coisa que fez mal ou teve um ataque cardíaco.

— Crianças não têm ataques cardíacos — disse Joana.

— Têm sim — afirmou mamãe. — É raro, mas pode acontecer. Mas os médicos vão descobrir. Eles sabem mais sobre essas coisas do que nós.

Eu não estava acostumado com hospitais, por isso passei algum tempo olhando enquanto mamãe preenchia os formulários. Era o lugar mais branco que eu já tinha visto: paredes

brancas, chão branco, roupas brancas. Não era muito movimentado, mas havia um som especial, um ruído de molas de cama e de tosse, o zumbido de máquinas, bisturis cortando, médicos falando em voz baixa.

Nós não falamos muito enquanto esperávamos. Mamãe disse que Lucas fora internado e estava sendo examinado, mas que podia demorar algum tempo até que o problema fosse descoberto.

— Eles pareciam otimistas — disse ela.

Joana estava com sede, e mamãe me mandou ir com ela tomar um refrigerante na máquina. Joana olhou em volta enquanto eu inseria as moedas para se certificar de que ninguém podia ouvir.

— Quanto tempo você vai esperar? — perguntou ela.

— Até ouvir o que eles têm a dizer — respondi. — Vamos esperar que o examinem. Se tivermos sorte, vão saber de que veneno se trata e vão curar Lucas.

— E se não descobrirem? — quis saber.

— Então, eu digo — prometi.

— E se ele morrer antes disso? — perguntou ela, em voz baixa.

— Ele não vai morrer.

— Mas e se...

— Ele não vai morrer — repeti, irritado. — Não fale assim. Nem *pense* nisso. Temos de esperar o melhor. Devemos acreditar que ele vai ficar bom. Mamãe e papai sempre nos disseram que bons pensamentos fazem bem às pessoas doentes, não é mesmo? Lucas precisa de que a gente acredite nele.

— Ele precisa mais da verdade — murmurou ela, sem levar o assunto adiante. Pegamos o refrigerante, fomos para a sala de espera e bebemos em silêncio.

Papai chegou logo depois, ainda com a roupa de trabalho. Beijou mamãe e Joana e apertou meu ombro. Suas mãos cheias de graxa deixaram marcas na minha camiseta, mas não me importei.

— Alguma notícia? — perguntou.

— Ainda não — disse mamãe. — Eles o estão examinando. Podem passar horas até que nos digam alguma coisa.

— O que aconteceu com ele, Angela? — perguntou papai.

— Não sabemos ainda — disse mamãe. — Temos de esperar.

— Detesto esperar — resmungou papai, mas, como não tinha escolha, esperou, como todos nós.

Durante umas duas horas nada aconteceu até a mãe de Lucas chegar. Estava branca como o filho e com os lábios apertados. Foi direto para mim, segurou meus ombros e me sacudiu.

— O que você fez com ele? — gritou ela. — Você machucou meu filho? Você matou meu Lucas?

— Espere aí. Pare com isso! — disse papai.

A mãe de Lucas o ignorou.

— O que você fez? — gritou ela outra vez e me sacudiu com mais força. Tentei dizer “nada” mas meus dentes estavam batendo. — O que você fez? O que você fez? — repetiu ela, então parou de repente de me sacudir, me soltou e caiu no chão, chorando como uma criança.

Mamãe levantou do banco e se abaixou ao lado da mãe de Lucas. Acariciou a cabeça dela murmurando palavras gentis, depois a ajudou a se levantar e a fez sentar-se a seu lado. Ela chorava ainda, e agora gemia dizendo que não era uma boa mãe e o quanto Lucas a odiava.

— Vocês dois vão brincar em outro lugar — disse mamãe para Joana e para mim. — Darren — mamãe me chamou. — Não se importe com o que ela disse. Ela não culpa você. Só está com medo.

Fiz sinal de que entendia, sentindo-me péssimo. O que a mamãe diria se soubesse que ela tinha razão e a culpa era minha?

Joana e eu encontramos um fliperama que nos ajudou a passar o tempo. Pensei que não poderia jogar, mas depois de alguns minutos esqueci Lucas e o hospital e me concentrei nos jogos. Era bom fugir das preocupações do mundo real por alguns minutos e, se minhas moedas não tivessem acabado, teria ficado ali a noite toda.

Quando voltamos para a sala de espera, a mãe de Lucas estava mais calma e foi com mamãe acabar de preencher os formulários. Joana e eu sentamos e a espera recomeçou.

Mais ou menos às dez horas, Joana começou a bocejar e eu bocejei também. Mamãe olhou para nós e nos mandou para casa. Comecei a reclamar, mas ela me interrompeu.

— Não adianta você ficar aqui — disse. — Telefono assim que souber de alguma coisa, nem que seja no meio da noite, certo?

Hesitei. Era a minha última chance de mencionar a aranha. Estive muito perto de contar tudo, mas estava cansado e não encontrava as palavras certas.

— Certo — disse eu, tristemente, e saímos.

Papai nos levou de carro para casa. Eu imaginei o que ele teria feito se eu contasse sobre a aranha, sobre o Sr. Crepsley e o resto. Certamente me castigaria, mas não foi por isso que não contei. Fiquei calado porque sabia que ele ficaria envergonhado por eu ter mentido, e por ter pensado mais em mim do que em Lucas. Fiquei com medo de que ele me odiasse.

Joana estava dormindo quando chegamos. Papai a carregou no colo para a cama. Andei vagarosamente para meu quarto e tirei a roupa, o tempo todo me censurando em voz baixa.

Papai foi até meu quarto quando eu estava arrumando minha roupa.

— Você vai ficar bem? — perguntou, e eu assenti. — Lucas vai ficar bom — disse ele. —

Tenho certeza. Os médicos sabem o que fazem. Eles vão curar Lucas.

Inclinei a cabeça outra vez, não confiando em mim mesmo o bastante para dizer alguma coisa. Papai ficou na porta mais um momento, depois suspirou e desceu para seu escritório.

Eu estava dependurando a calça no guarda-roupa quando olhei para a gaiola de Madame Octa. Retirei a gaiola devagar. Ela estava deitada no centro, respirando de leve, mais calma do que nunca.

Fiquei olhando para a aranha colorida sem me impressionar com o que via. Ela era brilhante, sim, mas feia, peluda e má. Comecei a odiá-la. Ela era a verdadeira vilã, a que tinha mordido Lucas sem nenhum motivo. Eu a tinha alimentado, tomado conta dela e brincado com ela. Foi assim que ela me pagou.

— Seu monstro malvado — disse eu, com raiva, sacudindo a gaiola. — Sua ingrata nojenta.

Sacudi a gaiola outra vez. As pernas dela seguraram as barras com força. Isso me deixou mais zangado e eu balancei a gaiola de um lado para o outro, tentando fazer com que ela largasse, esperando machucá-la.

Girei o corpo, girando também a gaiola. Eu estava praguejando, chamando-a de todos os nomes feios que conhecia, desejando que ela estivesse morta, desejando nunca a ter visto, desejando ter coragem para tirá-la da gaiola e amassá-la.

Finalmente, quando minha raiva chegou ao limite, atirei a gaiola para longe, sem olhar para onde, e tomei um choque quando a vi voar pela janela aberta e desaparecer na noite.

Eu a vi voar e corri atrás. Fiquei com medo de que batesse no chão e se abrisse porque sabia que, se os médicos não pudessem salvar Lucas com o que sabiam, talvez pudessem com ajuda de Madame Octa. Se eles a examinassem, poderiam descobri um meio de curar Lucas. Mas se ela escapasse...

Corri para a janela. Era tarde demais para apanhar a gaiola, mas pelo menos eu podia ver onde tinha caído. Eu a vi voar para fora e para baixo, rezando para que não quebrasse. Levou uma eternidade caindo.

Um pouco antes de bater no chão, uma mão apareceu da sombra da noite e a segurou no ar.

Uma mão?!?

Inclinei-me para fora, rapidamente, para ver melhor. A noite estava escura e a princípio não consegui enxergar quem estava lá embaixo. Mas então um vulto se adiantou e eu o vi.

Primeiro vi as mãos nodosas segurando a gaiola. Depois a roupa vermelha. Então o cabelo curto cor de laranja. Depois a cicatriz longa e feia. E, finalmente, o sorriso contundente.

Era o *Sr. Crepsley*. O *vampiro*.

E ele estava sorrindo para mim!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

FIQUEI NA janela, esperando que ele se transformasse num morcego e voasse até onde eu estava, mas a única coisa que fez foi sacudir de leve a gaiola para ver se Madame Octa estava bem.

Então, sempre sorrindo, deu meia-volta e se foi. Em poucos segundos desapareceu na noite.

Fechei a janela e corri para a segurança da minha cama, com milhares de perguntas se agitando em minha mente. Há quanto tempo ele estava lá embaixo? Se ele sabia onde Madame Octa estava, por que não a havia apanhado antes? Pensei que ele ficaria furioso, mas parecia estar se divertindo. Por que não cortou minha garganta, como Lucas disse que ele faria?

Dormir era impossível. Eu estava mais apavorado do que na noite em que roubei a

aranha. Naquela noite eu podia jurar que ele não sabia quem eu era e por isso não podia me encontrar.

Pensei em contar ao papai. Afinal, um vampiro sabia onde morávamos e tinha motivos para estar zangado conosco. Papai devia saber. Devia ser avisado para ter a chance de preparar uma defesa. Mas...

Ele não ia acreditar em mim. Especialmente agora que eu não tinha mais Madame Octa. Pensei em tentar convencê-lo de que o vampiro era real, que tinha estado na frente da nossa casa naquela noite e podia voltar. Meu pai ia pensar que eu estava louco.

Consegui cochilar um pouco, de madrugada, porque sabia que o vampiro não podia atacar até o pôr-do-sol. Não dormi muito, mas o pouco descanso me fez bem e, quando acordei, pude pensar claramente. Compreendi que não tinha motivo para sentir medo. Se o vampiro quisesse me matar, podia ter feito isso na noite passada, quando me pegou desprevenido. Por algum motivo ele não queria que eu morresse, pelo menos não ainda.

Livre dessa preocupação, concentrei o pensamento em Lucas e no meu verdadeiro problema: revelar a verdade ou não. Mamãe tinha passado a noite no hospital, tomando conta da mãe de Lucas, telefonando para amigos e vizinhos para avisar da doença dele. Eu devia ter contado para ela, mas a idéia de contar a papai me enchia de medo.

Nossa casa estava muito silenciosa naquele domingo. Papai preparou ovos e salsichas para o café da manhã e queimou tudo como sempre faz quando cozinha, mas não nos queixamos. Eu comi, mal sentindo o gosto. Não estava com fome. Só comi para fingir que era um domingo comum.

Mamãe telefonou quando terminávamos de comer. Conversou longamente com papai. Ele não falou muito, apenas inclinava a cabeça afirmativamente e rosnava. Joana e eu ficamos imóveis, tentando ouvir o que ele dizia. Quando desligou o telefone, voltou para a cozinha e sentou-se.

— Como ele está? — perguntei.

— Nada bem — disse papai. — Os médicos não sabem o que ele tem. Parece que Joana estava certa. É veneno. Mas um veneno que

eles nunca viram. Enviaram amostras para especialistas em outros hospitais, esperando que alguém saiba do que se trata. Mas... — balançou a cabeça.

— Ele vai morrer? — perguntou Joana.

— Talvez — disse papai com sinceridade, o que me deixou satisfeito. Geralmente os adultos mentem para as crianças sobre coisas sérias. Prefiro saber a verdade sobre uma morte do que ouvir uma mentira.

Joana começou a chorar. Papai a pôs no colo.

— Ora, vamos, não há razão para chorar — disse ele. — Ainda não acabou. Ele ainda está vivo. Está respirando e o cérebro parece não ter sido afetado. Se descobrirem um meio de eliminar o veneno do seu corpo, ele ficará bom.

— Quanto tempo nós temos? — perguntei.

Papai deu de ombros.

— Hoje em dia, eles podem mantê-lo vivo por um longo tempo, com máquinas.

— Quer dizer, assim em estado de coma? — perguntei.

— Exatamente.

— Quanto tempo antes que comecem a usar as máquinas? — perguntei.

— Não podem dizer com certeza, uma vez que não sabem com o que estão tratando. Mas acham que dentro de dois dias mais ou menos seus sistemas respiratório e arterial começarão a falhar.

— Seus o quê? — perguntou Joana, entre soluços.

— Seus pulmões e coração — explicou papai. — Enquanto estiverem funcionando, ele está vivo. Eles têm de alimentá-lo por meio de soro na veia, mas no resto, ele está bem. Quando *e se acontecer* ele parar de respirar sozinho, é que o verdadeiro problema vai começar.

Uns dois dias. Não era muito tempo. No dia anterior, Lucas tinha uma vida inteira pela frente. Agora, tinha uns dois dias.

— Posso ir vê-lo? — perguntei.

— Esta tarde, se você quiser — disse papai.

— Eu quero — garanti.

O hospital estava repleto, cheio de visitantes. Nunca vi tantas caixas de chocolate e flores. Todo mundo parecia carregar uma ou outra. Eu queria comprar alguma coisa para Lucas na loja do hospital, mas estava sem dinheiro.

Pensei que ele estivesse na enfermaria infantil, mas estava sozinho numa sala porque os médicos queriam estudá-lo e também porque não sabiam se o que ele tinha era contagioso. Tivemos de usar máscaras, luvas e avental verde compridos para entrar.

A mãe de Lucas dormia numa cadeira. Mamãe fez sinal para ficarmos quietos. Abraçou nós três e depois foi conversar com papai.

— Chegaram alguns resultados de outros hospitais — disse ela, com a voz abafada pela máscara. — Todos negativos.

— Certamente *alguém* deve saber o que é isso — disse papai. — Quantos tipos diferentes de veneno podem existir no mundo?

— Milhares — disse ela. — Enviaram amostras para hospitais estrangeiros. Esperam que algum deles tenha registro desse

veneno, mas vai demorar algum tempo até que recebam a resposta.

Observei Lucas enquanto eles falavam. Um tubo estava ligado a um braço e fios e outras coisas ao seu peito. Havia marcas de agulha onde os médicos tinham retirado amostras de sangue. Seu rosto estava muito branco e rígido. Sua aparência era horrível!

Comecei a chorar e não podia mais parar. Mamãe me abraçou com força, mas isso só piorou as coisas. Tentei contar a ela sobre a aranha, mas eu chorava tanto que era impossível entender minhas palavras. Mamãe continuou a me abraçar e beijar. Finalmente eu parei de chorar.

Novos visitantes chegaram, parentes de Lucas. Mamãe resolveu deixá-los sozinhos com ele e sua mãe. Ela nos levou para fora, retirou minha máscara e enxugou as lágrimas do meu rosto com um lenço de papel.

— Pronto — disse ela. — Assim está melhor. — Sorriu e me fez cócegas até eu sorrir também. — Ele vai ficar bom — prometeu. — Sei que parece horrível, mas os médicos estão fazendo tudo que podem.

Temos de confiar neles e esperar o melhor, certo?

— Certo. — Suspirei.

— Eu acho que ele parece muito bem — disse Joana, apertando minha mão. Agradeci com um sorriso.

— Você vai para casa agora? — papai perguntou para mamãe.

— Não sei ao certo. Acho que devo ficar mais um pouco para o caso...

— Angela, você já fez bastante por enquanto — disse papai com firmeza. — Aposto que não dormiu nada a noite passada, não é?

— Não muito — admitiu ela.

— E, se ficar aqui agora, não vai dormir hoje também. Vamos, Angie, vamos para casa — papai chama mamãe de Angie quando está tentando convencê-la de alguma coisa. — Há outras pessoas para tomar conta de Lucas e da mãe dele. Ninguém espera que você faça tudo.

— Tudo bem — concordou ela. — Mas volto esta noite para ver se precisam de mim.

— Certo — disse ele, caminhando para o carro. Não foi uma grande visita, mas não me queixei. Estava satisfeito por sair dali.

Pensei em Lucas enquanto íamos para casa, na sua aparência e por que ele estava daquele jeito. Pensei no veneno nas suas veias, certo de que os médicos não iam poder curá-lo. Aposto que nenhum médico já tinha visto veneno de uma aranha como a Madame Octa.

Por pior que Lucas parecesse hoje, eu tinha certeza de que estaria pior dentro de alguns dias. Eu o imaginei ligado a uma máquina para respirar, o rosto coberto por uma máscara, tubos enfiados nele. Era uma imagem horrível.

Só havia um modo de salvar Lucas. Só uma pessoa devia saber qual era o veneno e qual o antídoto.

O Sr. Crepsley.

Quando chegamos em casa e descemos do carro, eu resolvi procurar o Sr. Crepsley e fazer com que dissesse o que era preciso para salvar Lucas. Assim que escurecesse, eu sairia de casa sem ser visto e encontraria o vampiro,

onde quer que ele estivesse. E se não pudesse obrigá-lo a dizer como curar Lucas...

... eu não voltaria nunca mais.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

TIVE DE esperar até quase onze horas. Teria saído mais cedo, enquanto mamãe estava no hospital, mas dois amigos de papai chegaram com os filhos e eu tive de bancar o anfitrião.

Mamãe voltou mais ou menos às dez horas. Estava tão cansada que papai logo se livrou das visitas. Os dois tomaram chá e conversaram na cozinha, depois subiram para o quarto. Esperei que estivessem dormindo, desci e saí pela porta dos fundos.

Corri no escuro como um cometa. Ninguém me viu ou ouviu. Tinha num bolso uma cruz que encontrei na caixa de jóias de mamãe e no outro um frasco com água benta, que um dos correspondentes de papai havia nos mandado há alguns anos. Não encontrei um pedaço de madeira. Pensei em levar uma faca afiada, mas provavelmente só ia me cortar com ela. Sou desajeitado com facas.

O velho teatro estava completamente escuro e deserto. Dessa vez entrei pela porta da frente.

Não sabia o que fazer se o vampiro não estivesse lá, mas de algum modo eu sentia que ele estava. Foi como no dia em que Lucas jogou os pedaços de papel para cima com a entrada no meio deles e eu fechei os olhos e estendi a mão sem olhar. Era o *destino*.

Levei algum tempo para encontrar o porão. Eu tinha uma lanterna mas a pilha estava quase no fim e apagou depois de alguns minutos, e fiquei tateando no escuro como uma toupeira. Quando encontrei a escada, desci direto sem dar tempo para que o medo dominasse.

Quanto mais descia, mais claro ia ficando e, quando cheguei ao fim da escada, vi cinco grandes velas acesas. Fiquei surpreso — os vampiros não tinham medo de fogo? —, mas satisfeito.

O Sr. Crepsley me esperava na outra extremidade do porão, sentado a uma pequena mesa, fazendo um jogo de paciência com cartas.

— Bom dia, Mestre Shan — disse ele, sem erguer os olhos.

Pigarreei antes de responder.

— Ainda não é de manhã — disse eu. — Estamos no meio da noite.

— Para mim, é de manhã — disse ele, então ergueu os olhos com um largo sorriso. Seus dentes eram longos e afiados. Era a primeira vez que eu o via tão de perto e esperava notar todo tipo de detalhes — dentes vermelhos, orelhas longas, olhos pequenos —, mas ele parecia um ser humano normal, embora tremendamente feio.

— Estava à minha espera, não é? — perguntei.

— Estava — ele inclinou a cabeça.

— Há quanto tempo sabia onde estava Madame Octa?

— Eu a encontrei na noite em que foi roubada, mas fiquei imaginando que tipo de garoto ousaria roubar de um vampiro e resolvi que você merecia ser mais bem estudado.

— Por quê? — perguntei, tentando fazer com que meus joelhos parassem de tremer.

— Sim, por quê? — respondeu ele, em tom de caçoada. Estalou os dedos e as cartas na

mesa se juntaram e se arrumaram na caixa sozinhas. Ele afastou a caixa e estalou as juntas da mão.

— Diga-me, Darren Shan, por que você veio? Para me roubar outra vez? Você ainda quer Madame Octa?

Balancei a cabeça.

— Nunca mais quero ver aquele monstro — disse eu, decidido.

Ele riu.

— Ela vai ficar triste ao saber disso.

— Não caçoe de mim — avisei. — Não gosto que façam pouco de mim.

— Não? — perguntou. — E o que vai fazer se eu continuar?

Tirei a cruz e o vidro de água benta do bolso e os ergui na frente dele.

— Eu o ataco com isto! — rugi, esperando que ele caísse para trás, gelado de medo. Mas nada disso aconteceu. Ele apenas sorriu, estalou os dedos outra vez e de repente a cruz e o frasco de plástico não estavam mais nas minhas mãos. Estavam nas mãos *dele*.

Ele examinou a cruz, riu e a amassou, transformando-a numa pequena bola, como se

fosse feita de papel. Depois, tirou a tampa do frasco e tomou toda a água benta.

— Sabe o que eu adoro? — perguntou. — Adoro gente que assiste a uma porção de filmes e lê livros de horror. Porque elas acreditam no que vêem e no que lêem e andam com bobagens como cruzes e água benta, em vez de armas que podem realmente fazer algum mal, como revólveres e granadas.

— Está dizendo... que cruzes... não fazem nenhum mal? — gaguejei.

— Por que fariam? — perguntou.

— Porque você é... malvado — disse eu.

— Sou mesmo? — perguntou ele.

— Sim, é. Deve ser. Você é um vampiro. Vampiros são maus.

— Você não devia acreditar em tudo que ouve — disse. — É verdade que nossos apetites são bastante exóticos. Mas só porque bebemos sangue não quer dizer que sejamos malvados. Os morcegos vampiros são malvados quando bebem o sangue das vacas e dos cavalos?

— Não — disse eu. — Mas isso é diferente. Eles são animais.

— Os seres humanos também são animais — disse ele. — Se um vampiro mata um ser humano, então sim ele é malvado. Mas um que só tira um pouco de sangue para encher o estômago vazio... Que mal há nisso?

Não consegui responder. Estava atordoado e não sabia mais no que acreditar. Eu estava à mercê do vampiro, sozinho e indefeso.

— Vejo que não está disposto a um debate — disse ele. — Muito bem. Deixo o discurso para outra hora. Então me diga, Darren Shan, o que você quer se não é a minha aranha?

— Ela mordeu Lucas Leonardo — disse eu.

— O que é conhecido como Lucas Leopardo — disse ele, balançando afirmativamente a cabeça. — Um caso horrível. Mas garotos que brincam com coisas que não compreendem não podem se queixar de...

— Quero que o faça ficar bom! — gritei, interrompendo.

— *Eu?* — perguntou, fingindo surpresa. — Mas eu não sou médico. Não sou um especialista. Sou apenas um artista de circo. Um monstro. Lembra?

— Não — disse eu. — Você é mais do que isso. Sei que pode salvar Lucas. Sei que tem esse poder.

— Talvez — disse ele. — A mordida de Madame Octa é mortal, mas para todo veneno existe um antídoto. Talvez eu tenha o remédio. Talvez eu tenha um frasco de soro que vai fazer voltar as funções naturais do seu amigo.

— Sim — gritei alegremente. — Eu sabia! Eu sabia! Eu...

— Mas talvez — disse o Sr. Crepsley, erguendo um dedo longo e ossudo para me fazer calar — seja um pequeno frasco. Talvez haja apenas um pouquinho de soro. Talvez seja muito precioso. Talvez eu queira guardá-lo para um caso de verdadeira emergência, para o caso de Madame Octa me morder. Talvez eu não queira gastar com um garoto malvado.

— Não — eu disse em voz baixa. — Tem de dar para mim. Tem de usar o soro em Lucas. Ele está morrendo. Não pode deixá-lo morrer.

— Claro que posso — riu o Sr. Crepsley. — O que o seu amigo é para mim? Você o ouviu na noite em que ele esteve aqui. Ele disse que

queria ser um caçador de vampiros quando crescesse.

— Ele não falava sério — disse eu, ofegante. — Ele só disse aquilo porque estava zangado.

—Talvez — disse o Sr. Crepsley, pensativo, passando a mão no queixo e na cicatriz. — Mas pergunto outra vez. Por que devo salvar Lucas Leopardo? O soro custou muito caro e não pode ser substituído.

— Eu posso pagar — exclamei e era isso que ele estava esperando. Vi nos olhos dele, no modo como ele os entrecerrou, inclinando-se para a frente, sorrindo. Por isso ele não pegou Madame Octa naquela primeira noite. Por isso ele não saiu da cidade.

— Pagar? — perguntou, astutamente. — Mas você é apenas um menino. Não pode ter dinheiro suficiente para comprar o remédio.

— Pagarei aos poucos — prometi. — Todas as semanas, durante cinquenta anos, ou o tempo que você quiser. Quando crescer vou arrumar um emprego e darei todo o dinheiro, eu juro.

Ele balançou a cabeça.

— Não — disse em voz baixa. — Seu dinheiro não me interessa.

— O que o interessa então? — perguntei também em voz baixa. —Tenho certeza de que tem um preço. Por isso esperou por mim, não foi?

— Você é um jovem muito esperto — disse ele. — Fiquei sabendo disso quando acordei e vi que minha aranha tinha sido roubada e encontrei o bilhete. Eu disse para mim mesmo: "Larten, esta é uma criança excepcionalmente notável, um verdadeiro prodígio. Um garoto que tem um grande futuro pela frente."

— Deixe de caçoar e diga o que você quer — disse eu.

Ele riu asquerosamente, depois ficou sério.

— Está lembrado da minha conversa com Lucas Leopardo? — perguntou.

— É claro — respondi. — Ele queria ser vampiro. Você disse que ele era muito novo e ele disse que então seria seu assistente. Você concordou, mas depois descobriu que ele era malvado, e disse não.

— Isso é um bom resumo — admitiu. — Mas, se está lembrado, não me entusiasmei muito com a idéia de um assistente. Eles podem ser uma ajuda, mas também um peso.

— Aonde quer chegar com tudo isso? — perguntei.

— Pensei outra vez no assunto, desde então — disse ele. — Decidi que não seria tão ruim, afinal de contas, especialmente agora que não estou mais no Circo dos Horrores e terei de trabalhar sozinho. Um assistente podia ser exatamente o que o médico feiticeiro recomendou. — Ele sorriu da própria piada.

Eu franzi a testa.

— Quer dizer que deixará que Lucas seja seu assistente agora?

— De modo nenhum! — gritou. — Aquele monstro? Não posso imaginar o que ele fará quando crescer. Não, Darren Shan, não quero Lucas Leopardo como assistente — apontou para mim com o dedo longo e ossudo outra vez e eu soube o que ia dizer segundos antes que ele começasse a falar.

— Você quer a *mim* — suspirei, antes que ele dissesse e seu sorriso sinistro me disse que eu estava certo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— VOCÊ ESTÁ louco! — gritei, recuando. — De jeito nenhum serei seu assistente! Você deve estar louco para pensar uma coisa dessas.

O Sr. Crepsley deu de ombros.

— Então, Lucas Leopardo morre — disse ele simplesmente.

Parei de recuar.

— Por favor, deve haver outro modo — implorei.

— O assunto não está aberto ao debate — disse ele. — Se você quer salvar seu amigo, deve ser meu assistente. Se recusa, não temos nada mais para conversar.

— E se eu...

— Não desperdice meu tempo! — disse ele, irritado, batendo com a mão na mesa. — Há duas semanas estou vivendo neste buraco imundo, aguentando pulgas, baratas e piolhos.

Se você não está interessado na minha oferta, diga logo e vá embora. Mas não me faça perder tempo com outras opções, porque não existe mais nenhuma.

Inclinei a cabeça assentindo e dei um passo à frente.

— Fale-me mais sobre um assistente de vampiro — disse eu.

Ele sorriu.

— Será meu companheiro de viagem — explicou. — Viajará comigo o mundo todo. Será minhas mãos e meus olhos durante o dia. Guardará meu sono. Encontrará alimento para mim quando for escasso. Levará as roupas à lavanderia. Engraxará meus sapatos. Tomará conta de Madame Octa. Resumindo, providenciará tudo de que preciso. Eu ensinarei a você como vive um vampiro.

— Tenho de me tornar um vampiro? — perguntei.

— Com o tempo — disse ele. — No começo, só terá alguns poderes de vampiro. Farei de você um meio-vampiro. Isso quer dizer que poderá se movimentar durante o dia. Não precisará de muito sangue para se manter vivo, terá certos poderes, mas não

todos. E só envelhecerá a um quinto da velocidade normal, em vez de a um décimo, como é comum aos vampiros.

— O que significa isso? — perguntei, confuso.

— Vampiros não vivem para sempre — explicou. — Mas vivemos mais do que os seres humanos. Envelhecemos apenas a um décimo do tempo normal. Ou seja, de dez em dez anos envelhecemos um ano. Como meio-vampiro, você envelhecerá um ano a cada cinco.

— Quer dizer, de cinco em cinco anos, ficarei somente um ano mais velho? — perguntei.

— Isso mesmo.

— Eu não sei — murmurei. — Parece estranho.

— A escolha é sua — disse ele. — Não posso obrigá-lo a ser meu assistente. Se você resolver que não gosta da idéia, pode ir embora.

— Mas Lucas morrerá se eu fizer isso! — exclamei.

— Sim. É você como assistente ou a vida dele.

— Não parece que tenho muita escolha — resmunguei.

— Não tem mesmo — admitiu. — Mas é a única oferta. Você aceita?

Pensei por um momento. Eu queria dizer não, sair correndo e nunca mais voltar. Mas, se fizesse isso, Lucas morreria. Será que ele valia essa troca? Eu me sentia bastante culpado para oferecer minha vida pela dele. A resposta foi:

Sim.

— Tudo bem — suspirei. — Não gosto, mas minhas mãos estão atadas. Só quero que saiba uma coisa. Se eu tiver alguma oportunidade de trair você, eu trairei. Se tiver oportunidade de retribuir o que está fazendo, retribuirei. Nunca poderá confiar em mim.

— Acho justo — disse ele.

— Falo sério — avisei.

— Eu sei disso. Por isso quero você. Um assistente de vampiro precisa ter espírito. Sua qualidade de luta foi exatamente o que me atraiu. Você será um jovem perigoso para se conviver, tenho certeza, mas numa luta, quando eu estiver na pior, tenho certeza de que você será um aliado de valor.

Respirei longa e profundamente.

— O que vamos fazer? — perguntei.

Ele levantou-se e empurrou a mesa para o lado. Andou para a frente até ficar a meio metro de mim. Parecia alto como um prédio. Senti um mau cheiro que não havia notado antes, o cheiro de sangue.

Ele ergueu a mão direita. Suas unhas não eram muito compridas mas pareciam afiadas. Ergueu a mão esquerda e enfiou as unhas da direita nas pontas dos dedos da esquerda. Então usou as outras unhas da esquerda para fazer o mesmo nos dedos da direita. Ele fez uma careta quando enfiou as unhas.

— Levante as mãos — rosnou. Eu olhava para o sangue que pingava dos seus dedos e não obedeci a ordem. — Agora — gritou, segurando minhas mãos e erguendo-as violentamente.

Enfiou as unhas nas pontas dos meus dedos, nos dez de uma vez. Gritei de dor e recuei, com as mãos ao lado do corpo, esfregando os dedos na jaqueta.

— Não seja criança — caçoou, puxando minhas mãos.

— Isso dói — gritei.

— É claro que dói — riu. — Dói para mim também. Achou que se tornar um vampiro era fácil? Acostume-se com a dor. Muito mais o espera.

Ele levou dois dos meus dedos à boca e sugou um pouco de sangue. Eu o vi girar o sangue na boca, para experimentar. Finalmente, fez um gesto afirmativo e engoliu.

— Sangue bom — disse. — Podemos continuar.

Apertou os dedos contra os meus, um por um. Por alguns segundos tive uma sensação de dormência nos braços. Então, urna sensação de alguma coisa jorrando e compreendi que meu sangue estava saindo do meu corpo para o dele através da minha mão esquerda, enquanto o sangue dele entrava no meu corpo através da direita.

Era uma sensação estranha de formigamento. Senti seu sangue subir por meu braço direito e descer pelo lado do corpo até o braço esquerdo. Quando chegou ao meu coração, senti uma dor aguda e quase desmaiei. A mesma coisa estava acontecendo com o Sr. Crepsley e eu o via apertar os dentes e suar profusamente.

A dor durou até o sangue do Sr. Crepsley subir por meu braço esquerdo e começar a voltar para o corpo dele. Permanecemos unidos mais alguns segundos, até ele se afastar com um grito. Caí de costas no chão. Estava atordoado e sentia náuseas.

— Dê-me seus dedos — disse o Sr. Crepsley. Olhei e vi que ele lambia os próprios dedos. — Minha saliva cura os ferimentos. Do contrário você vai perder todo o sangue e morrer.

Olhei para minhas mãos e vi o sangue que saía. Estendendo os braços, deixei que o vampiro levasse meus dedos à boca e passasse a língua nas pontas.

Quando ele soltou minhas mãos, o sangue tinha parado. Enxuguei o resto do sangue com um pedaço de pano. Examinei meus dedos e notei dez pequenas cicatrizes em todos eles.

— É assim que se reconhece um vampiro — disse o Sr. Crepsley. — Há outros meios de transformar um ser humano, mas pelos dedos é o método mais simples e menos doloroso.

— Isso é tudo? — perguntei. — Sou meio-vampiro agora?

— Sim — disse ele.

— Não me sinto nada diferente — disse eu.

— Levará alguns dias para que o efeito se torne aparente. Há sempre um período de ajustamento. Do contrário, o choque seria grande demais.

— Como a gente se torna um vampiro completo? — perguntei.

— Do mesmo modo — disse ele. — Só que ficam unidos mais tempo, de modo que maior quantidade do sangue do vampiro entra no seu corpo.

— O que vou poder fazer com meus novos poderes? — perguntei. — Posso me transformar num morcego?

A risada dele ecoou no porão.

— Um morcego? — disse ele. — Você não acredita nessas histórias tolas, certo? Como alguém do seu tamanho ou do meu pode se transformar num pequeno rato voador? Use a cabeça, menino. Não podemos nos transformar em morcegos, ratos ou rãs, como não podemos nos transformar em navios, aviões ou macacos.

— Então, o que podemos fazer? — perguntei.

Ele passou a mão no queixo.

— É muita coisa para explicar neste momento — ponderou. — Devemos cuidar do seu amigo. Se o antídoto não chegar antes de amanhã de manhã, não vai funcionar mais. Além disso, teremos muito tempo para falar sobre poderes secretos — continuou com um largo sorriso. — Pode dizer que teremos todo o tempo do mundo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O SR. CREPSLEY subiu a escada na minha frente e saímos do prédio. Ele andava com segurança no escuro. Achei que eu podia enxergar um pouco melhor do que quando cheguei, mas isso podia ser porque meus olhos se acostumaram ao escuro e não por causa do sangue do vampiro nas minhas veias.

Uma vez na rua, ele mandou que eu subisse nas suas costas.

— Mantenha os braços em volta do meu pescoço — disse. — Não solte nem faça movimentos bruscos.

Quando eu estava subindo nas suas costas, olhei para baixo e vi que ele estava de chinelos. Achei estranho mas não disse nada.

Assim que me instalei, ele começou a correr. Não notei nada estranho no começo, mas logo comecei a perceber a velocidade com que os prédios passavam. As pernas do

Sr. Crepsley não pareciam se mover com aquela rapidez. Era como se o mundo estivesse girando mais depressa e nós passando por ele.

Chegamos ao hospital em poucos minutos. Normalmente eu teria levado vinte minutos, e isso se fosse correndo.

— Como você faz isso? — perguntei, descendo das costas dele.

— A velocidade é relativa — disse ele, apertando o manto vermelho contra o corpo, e recuando para as sombras, para que ninguém nos visse.

— Em que quarto está seu amigo? — perguntou.

Eu disse o número do quarto de Lucas. Ele olhou para cima, contando as janelas, então fez um gesto afirmativo e me mandou voltar para suas costas. Tirou os chinelos e encostou os dedos das mãos e dos pés na parede e enfiou as unhas nos tijolos.

— Hummmm — resmungou. — É fraca mas vai aguentar. Não entre em pânico se a gente escorregar. Eu sei cair de pé. É preciso uma queda muito longa para matar um vampiro.

Ele subiu pela parede, enfiando as unhas, pondo uma mão para a frente, depois um pé, depois a outra mão e o outro pé, um depois do outro. Movia-se rapidamente e em poucos momentos estávamos na janela de Lucas, agachados no peitoril espiando.

Eu não tinha certeza da hora, mas era tarde. Lucas estava sozinho no quarto. O Sr. Crepsley tentou abrir a janela. Estava trancada. Ele pôs os dedos de uma das mãos ao lado do vidro, cobrindo a fechadura, depois estalou os dedos da outra mão.

O fecho se abriu. Ele levantou o vidro e entrou no quarto. Desci das suas costas. Enquanto ele verificava a porta, olhei para Lucas. Sua respiração estava mais rápida e mais áspera do que antes e havia novos tubos no seu corpo, ligados a máquinas de aparência ameaçadora.

— O efeito do veneno foi rápido — disse o Sr. Crepsley, olhando para Lucas por sobre meu ombro. — Talvez tenhamos chegado tarde demais para salvar sua vida. — Senti que tudo gelava dentro de mim ao ouvir essas palavras.

O Sr. Crepsley se inclinou e levantou uma pálpebra de Lucas. Por alguns segundos, ele

examinou o olho e segurou o pulso direito de Lucas. Finalmente ele rosnou.

— Chegamos a tempo. — Senti meu coração se animar. — Mas ainda bem que você não esperou mais. Mais algumas horas e ele estaria morto.

— Então vá em frente e trate de curá-lo — disse eu, irritado, não querendo saber o quanto Lucas estivera perto da morte.

O Sr. Crepsley tirou de um dos seus muitos bolsos um pequeno frasco de vidro. Acendeu a lâmpada de cabeceira e ergueu o frasco para a luz para examinar soro.

— Preciso ter cuidado — disse ele. — Este antídoto é quase tão letal quando o veneno. Algumas gotas a mais e... — Não precisou terminar a frase.

Inclinou a cabeça de Lucas para um lado e me mandou segurá-la naquela posição. Encostou uma unha no pescoço de Lucas e fez um pequeno corte. O sangue saiu devagar. Ele pôs o dedo sobre o ferimento e tirou a tampa do frasco com a outra mão.

Levou o frasco à própria boca e se preparou para beber.

— O que está fazendo? — perguntei.

— Precisa passar por minha boca — disse. — Um médico poderia injetar o soro, mas não sei nada sobre agulhas e coisas parecidas.

— Isso é seguro? — perguntei. — Não vai passar germes para ele?

O Sr. Crepsley disse com um sorriso:

— Se você quer chamar um médico, vá em frente — disse. — Do contrário, tenha um pouco de fé num homem que já fazia isso antes de seu avô nascer.

Ele rolou o soro na boca de um lado para o outro. Inclinou-se para a frente e cobriu o corte com os lábios. Encheu as bochechas e esvaziou, depois assoprou o soro para o corpo de Lucas.

Quando terminou, recuou, enxugou em volta da boca e cuspiu o resto do fluido no chão.

— Sempre tenho medo de engolir essa coisa acidentalmente — disse. — Uma dessas noites vou fazer um curso para aprender o modo mais fácil.

Eu ia responder, mas então Lucas se moveu. Seu pescoço perdeu a rigidez, depois ele moveu a cabeça e os ombros. Seu rosto se crispou e ele começou a gemer.

— O que está acontecendo? — perguntei, com medo de que alguma coisa tivesse dado errado.

— Está tudo bem — o Sr. Crepsley disse, guardando o frasco. Ele estava à beira da morte. A jornada de volta nunca é agradável. Vai sentir dor por algum tempo, mas vai viver.

— Há algum efeito colateral? — perguntei. — Ele não vai ficar paralítico da cintura para baixo ou coisa assim?

— Não — disse o Sr. Crepsley. — Vai ficar um pouco rígido e vai se resfriar facilmente, mas fora isso, será o mesmo de antes.

Os olhos de Lucas se abriram de repente e ele olhou espantado para mim e para o Sr. Crepsley e tentou falar. Mas a boca não obedeceu e então seus olhos ficaram sem expressão e ele os fechou outra vez.

— Lucas? — chamei, sacudindo. — Lucas?

— Isso vai acontecer muitas vezes — disse o Sr. Crepsley. — Ele vai perder e recobrar a consciência a noite toda. De manhã deve acordar e à tarde estará sentado e pedindo o jantar. Venha, vamos embora.

— Eu quero ficar um pouco mais para ter certeza de que ele está curado — respondi.

— Está dizendo que quer ter certeza de que não o enganei — riu o Sr. Crepsley. — Voltaremos amanhã e verá que tudo está bem. Precisamos ir agora. Se ficarmos mais...

De repente a porta se abriu e uma enfermeira entrou.

— O que está acontecendo? — gritou, espantada, ao nos ver. — Quem diabo são...

O Sr. Crepsley reagiu rapidamente, apanhou as cobertas de Lucas e jogou em cima dela. A enfermeira caiu, tentando se livrar dos lençóis.

— Venha — assobiou o Sr. Crepsley, correndo para a janela. — Temos de ir embora imediatamente.

Olhei para a mão que ele estendia, para Lucas, para a enfermeira e depois para a porta.

O Sr. Crepsley abaixou a mão.

— Compreendo — disse ele. — Você vai quebrar nosso acordo. — Hesitei, abri a boca para dizer alguma coisa, depois — agindo sem pensar — virei e corri para a porta.

Pensei que ele fosse me impedir, mas o Sr. Crepsley não fez nada, apenas gritou, enquanto eu corria.

— Muito bem. Fuja, Darren Shan! Não vai adiantar. Você é uma criatura da noite agora. É um de nós! Você voltará de joelhos, pedindo ajuda. Fuja, tolo, fuja!

E ele começou a rir.

Seu riso me seguiu pelo corredor, pela escada e fora do prédio. Eu corria olhando sempre para trás, esperando que ele caísse em cima de mim, mas não vi nem sinal dele até chegar em casa, nem uma sombra, nenhum cheiro, nenhum som.

Tudo que restou foi sua risada, que ecoava na minha cabeça como uma maldição.

CAPÍTULO VINTE E SETE

FINGI SURPRESA quando mamãe deixou o telefone naquela manhã e disse que Lucas tinha se recuperado. Ela ficou entusiasmada e dançou alegremente comigo e com Joana, na cozinha.

— Ele saiu dessa sozinho? — perguntou papai.

— Sim — disse ela. — Os médicos não compreendem, mas ninguém está se queixando.

— Incrível — murmurou papai.

— Talvez seja um milagre — disse Joana, e tive de virar a cabeça para esconder um sorriso. Sim, grande milagre.

Quando mamãe saiu para ver a mãe de Lucas, fui para a escola. Tive medo de que a luz do sol me queimasse quando saí de casa, mas é claro que isso não aconteceu. O Sr.

Crepsley tinha dito que eu podia me movimentar durante o dia.

Uma vez ou outra, eu imaginava se tudo não passava de um pesadelo. Lembrando agora, parecia loucura. Bem no fundo, eu sabia que era real, mas tentei acreditar o contrário, e algumas vezes quase consegui.

O que eu mais detestava era a idéia de ficar preso neste corpo por tanto tempo. Como ia explicar para mamãe e papai e para todo o resto? Ia parecer idiota depois de alguns anos, especialmente na escola, numa turma com alunos que pareciam mais velhos do que eu.

Fui visitar Lucas na terça-feira. Ele estava sentado, assistindo à TV, comendo chocolate de uma caixa. Ficou encantado ao me ver e me contou sobre sua estada no hospital, sobre a comida, os jogos que as enfermeiras levavam para ele, os presentes que se amontoavam.

— Eu devia ser mordido por aranhas venenosas mais vezes — brincou.

— Se fosse você, eu não faria disso um hábito. Você pode não se recuperar na próxima vez — disse eu.

Lucas olhou para mim pensativamente.

— Sabe, os médicos estão no ar — disse ele. — Não sabem o que me fez ficar doente e não sabem como fiquei bom.

— Você não disse nada sobre Madame Octa? — perguntei.

— Não. Achei que não ia adiantar muito. Podia criar problema para você.

— Obrigado.

— O que aconteceu com ela? — perguntou. — O que fez com Madame Octa depois que ela me mordeu?

— Eu a matei — menti. — Fiquei furioso e pisei nela até matar.

— No duro mesmo? — perguntou ele.

— No duro.

Ele assentiu com a cabeça, devagar, sem tirar os olhos de mim.

— Quando acordei da primeira vez, pensei ter visto você. Devo ter me enganado, porque foi no meio da noite. Mas foi um sonho que parecia real. Pensei até ter visto alguém com você, alto e feio, vestido de vermelho, com cabelo cor de laranja e uma longa cicatriz no lado esquerdo do rosto.

Eu não disse nada. Não podia. Olhei para o chão e fechei os punhos.

— Outra coisa engraçada — disse ele. — A enfermeira que descobriu que eu estava acordado jurou que havia duas pessoas no quarto, um homem e um menino. Os médicos acham que foi ilusão dela e disseram que não fazia mal. Estranho, você não acha?

— Muito estranho — concordei, sem poder olhar nos olhos dele.

Nos dois dias seguintes, comecei a notar mudanças no meu corpo. Era difícil pegar no sono quando eu me deitava e acordava muitas vezes no meio da noite. Minha audição melhorou e era capaz de ouvir as pessoas falando a grande distância. Na escola ouvia as vozes das duas turmas vizinhas, como se não houvesse paredes entre as salas.

Comecei a ficar mais forte. Podia correr no pátio no recreio e almoçar sem ficar suado. Ninguém podia me vencer. Estava também mais consciente do meu corpo e podia controlá-lo. Podia fazer com que a bola de futebol fizesse o que eu queria, driblando facilmente os adversários. Fiz dezesseis gols na quinta-feira.

Podia fazer quantas flexões quisesse. Não tinha novos músculos — mas a força fluía em

mim como nunca antes. Ainda precisava testar essa força, mas tinha a impressão de que era imensa.

Tentei esconder meus novos talentos, mas era difícil. Expliquei minha resistência na corrida e no futebol dizendo que estava me exercitando e praticando muito mais, porém outras coisas eram mais complicadas.

Como quando a campainha tocou, na quinta-feira, anunciando o fim do recreio. A bola acabava de ser chutada no ar pelo goleiro no qual eu tinha marcado dezesseis gols. Ela veio na minha direção e estendi a mão para pegar. Eu peguei, mas, quando apertei, enfiei as unhas e a bola estourou!

E quando eu estava jantando em casa, naquela noite, sem me concentrar. Ouvi nossos vizinhos brigando e escutei cada palavra. Eu comia batatas fritas e salsicha e depois de algum tempo notei que a comida estava mais dura do que devia. Olhei para baixo e vi que tinha mordido o cabo do garfo e o estava mastigando. Felizmente ninguém viu e pude jogar o que restou na lata de lixo, quando lavava os pratos.

Lucas telefonou na quinta-feira à noite. Tinha acabado de sair do hospital. Devia fazer repouso por alguns dias, e não ir à escola até a próxima semana, mas ele disse que estava louco de tédio e convenceu a mãe a deixá-lo ir no dia seguinte.

— Está dizendo que *quer* ir à escola? — perguntei, chocado.

— Parece esquisito, não é? — riu. — Normalmente, estou sempre procurando uma desculpa para ficar em casa. Mas agora, quando tenho a desculpa, quero ir! Você não imagina como é chato ficar preso dentro de casa, sozinho o tempo todo. Foi bom por uns dois dias, mas uma semana inteira... Brrr!

Pensei em contar a verdade mas não sabia como Lucas reagiria. Ele *queria* virar vampiro. Achei que não ia gostar de saber que o Sr. Crepsley me tinha escolhido em vez dele.

E contar para Joana estava fora de questão. Ela não mencionava Madame Octa desde a cura de Lucas, mas muitas vezes eu a surpreendia me observando. Não sei o que passava pela cabeça dela, mas devia ser mais ou menos isto: "Lucas ficou bom, mas não foi por sua causa. Você teve oportunidade de

salvá-lo e não salvou. Você mentiu e arriscou a vida dele para não se meter em encrenca. Teria feito o mesmo se fosse *eu*?”

Lucas foi o centro das atenções naquela sexta-feira. Todos o rodearam, querendo ouvir sua história. Queriam saber o que o tinha envenenado, como sobreviveu, como era o hospital, se eles o tinham operado, se tinha alguma cicatriz e assim por diante.

— Não sei o que me mordeu — disse. — Eu estava na casa de Darren sentado ao lado da janela. Ouvi um barulho, mas antes de ter tempo de olhar, fui mordido e apaguei. — Esta era a história que tínhamos combinado contar quando fui visitá-lo no hospital.

Eu me senti mais estranho do que nunca naquela sexta-feira. Passei a manhã olhando em volta, sentindo-me deslocado. Tudo parecia tão inútil. “Eu não devia estar aqui”, pensava. “Não sou mais um garoto normal. Eu devia estar ganhando a vida como assistente do vampiro. De que me adianta inglês, história e geografia agora? Este não é o meu lugar.”

Tom e Alan contaram para Lucas minha melhora no futebol.

— Ele corre como o vento — disse Alan.

— E joga como o Pelé — acrescentou Tom.

— É mesmo? — perguntou Lucas, olhando estranhamente para mim. — Qual é a causa da grande mudança, Darren?

— Não há nenhuma mudança — menti. — Só estou numa boa fase. Tenho tido sorte.

— Ouçam o Sr. Modesto — riu Tom. — O Sr. Dalton disse que talvez inscreva Darren no time de futebol juvenil. Imagine um de nós jogando nesse time! Ninguém da nossa idade jamais chegou lá.

— Não — disse Lucas, pensativo. — Ninguém.

— Ora, é só conversa do Sr. Dalton — disse eu, tentando não dar importância ao caso.

— Talvez — disse Lucas. — *Talvez*.

Naquele dia joguei mal de propósito. Sabia que Lucas estava desconfiado, mas não achava que ele soubesse o que estava acontecendo, apenas sentia que havia alguma coisa diferente comigo. Corri mais devagar e perdi chances que normalmente teria aproveitado mesmo sem os poderes especiais.

Meu plano funcionou. No fim do jogo ele tinha parado de observar todos os meus

movimentos e começou a brincar comigo outra vez. Mas então aconteceu uma coisa que botou tudo a perder.

Alan e eu corríamos para pegar a bola. Ele não devia estar correndo para a bola, porque eu é que estava mais perto. Mas Alan era um pouco mais moço do que o resto de nós e às vezes fazia coisas bobas. Pensei em parar, mas estava cheio de jogar mal. O recreio estava quase acabando e eu queria marcar pelo menos um gol. Então, resolvi, para o diabo com Alan. Essa bola é minha e vem direto na minha direção.

Colidimos um pouco antes de alcançar a bola. Alan gritou e voou no ar. Eu ri, prendi a bola entre os pés e virei para o gol.

Ao ver o sangue, parei.

Alan tinha caído e cortado o joelho esquerdo. O corte era fundo e sangrava. Ele começou a gritar e não fez nenhum movimento para cobrir o ferimento com um lenço de papel ou um pedaço de pano.

Alguém tirou a bola do meio dos meus pés e saiu correndo com ela. Eu nem notei. Meus olhos estavam fixos em Alan, especificamente

no joelho de Alan. Mais especificamente ainda, no *sangue* de Alan.

Dei um passo para ele. Então outro. Eu estava de pé ao lado dele bloqueando a luz. Alan olhou para cima e deve ter visto alguma coisa no meu rosto, porque parou de chorar e olhou para mim, inquieto.

Ajoelhei e, antes de saber o que estava fazendo, tinha coberto o corte da sua perna com minha boca e estava sugando seu sangue e engolindo!

Isso durou alguns segundos. Eu estava com os olhos fechados e o sangue enchia minha boca. Era delicioso. Não tenho idéia do quanto eu teria sugado nem do mal que teria feito para Alan. Felizmente não tive oportunidade de descobrir.

Percebi os alunos à minha volta e abri os olhos. Quase todos tinham parado de jogar e olhavam para mim, horrorizados. Afastei os lábios do joelho de Alan e olhei em volta para meus amigos, imaginando como ia explicar aquilo.

Então encontrei a solução. Levantei-me de um salto e abri os braços.

— Eu sou o senhor dos vampiros! — gritei. — Sou o rei dos mortos-vivos! Vou sugar o sangue de todos vocês!

Olharam para mim chocados, depois riram. Pensaram que era uma brincadeira. Eu estava só fingindo que era um vampiro.

— Você é louco, Shan — disse alguém.

— Isso é horrível! — gritou uma menina quando viu o sangue vivo escorrendo da minha boca. — Você devia ser internado!

A campainha tocou e estava na hora de voltar para a turma. Eu me sentia ótimo. Pensei ter enganado todo mundo. Mas então vi alguém atrás do grupo e minha alegria desapareceu. Era Lucas e sua expressão me dizia que ele sabia exatamente o que tinha acontecido. Lucas não foi enganado.

Ele *sabia*.

CAPÍTULO VINTE E OITO

EVITEI LUCAS naquela tarde e fui direto para casa. Estava confuso. Por que tinha atacado Alan? Eu não queria beber o sangue de ninguém. Não estava à procura de uma vítima. Então por que saltei para cima dele como um animal selvagem? E se acontecer outra vez? E se da próxima vez não houver ninguém por perto para me fazer parar e eu continuar a sugar até...

Não, era uma idéia louca. A visão do sangue me pegou de surpresa, foi tudo. Eu não esperava. Eu tinha aprendido com a experiência e da próxima vez poderia me controlar.

O gosto do sangue ainda estava na minha boca, por isso fui ao banheiro e lavei com vários copos d'água, e escovei os dentes.

Olhei para meu rosto no espelho. Parecia o mesmo. Meus dentes não estavam mais longos ou mais aliados. Meus olhos e orelhas

estavam iguais, o corpo também. Nenhum músculo a mais, nenhum aumento na altura, nada de novos pêlos. A única diferença visível estava nas unhas, mais duras e mais escuras.

Então, por que eu agia de modo tão estranho?

Passei a unha pela superfície do espelho e fiz um risco longo. “Tenho de ter cuidado com elas”, pensei.

Fora meu ataque contra Alan, eu não parecia muito mal. Na verdade, quanto mais eu pensava no caso, menos terrível parecia. Tudo bem, ia levar muito tempo para crescer e tinha de ter cuidado quando visse sangue fresco. Essas eram as desvantagens.

Mas, fora isso, a vida devia ser ótima. Eu era mais forte do que qualquer pessoa da minha idade, mais rápido e estava em melhor forma. Podia ser um atleta, um lutador de boxe ou um jogador de futebol. Minha idade seria algo contra mim, mas, se eu tivesse talento suficiente, isso não importava.

Imagine, um vampiro jogador de futebol. Eu ganharia milhões. Apareceria nos programas de entrevistas na televisão, escreveriam livros a meu respeito e podiam

me pedir para fazer uma canção com uma banda famosa. Talvez conseguisse trabalho no cinema como substituto para outras crianças nas cenas perigosas. Ou...

Meus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta.

— Quem é? — perguntei.

— Joana — foi a resposta. — Você ainda não terminou? — perguntou ela. — Há séculos estou esperando para tomar banho.

— Entre — disse eu. — Já terminei.

Ela entrou.

— Admirando-se no espelho outra vez? — perguntou Joana.

— É claro — sorri. — Por que não me admirar?

— Se eu tivesse uma cara como a sua, ficaria longe de espelhos — disse ela, rindo. Estava enrolada numa toalha. Abriu a torneira da banheira e pôs a mão na água para verificar a temperatura. Então, sentou na beirada da banheira e olhou para mim.

— Você parece estranho — disse ela.

— Não, não pareço — disse eu e olhei para o espelho. — Pareço?

— É — disse Joana. — Não sei o que é, mas tem alguma coisa diferente em você.

— Está imaginando coisas. Sou o mesmo de sempre.

— Não — disse Joana. — Vocês está definitivamente... — a banheira começou a encher, por isso ela parou de falar e virou para fechar as torneiras. Quando estava se inclinando, meus olhos se fixaram na curva do seu pescoço e, de repente, minha boca ficou seca.

— Como eu estava dizendo, você parece... — começou, virando outra vez para mim.

Parou quando viu meus olhos.

— Darren? — perguntou nervosa. — Darren, o que você...

Levantei a mão direita e ela ficou quieta. Arregalou os olhos, olhando em silêncio para meus dedos, que eu balancei lentamente de um lado para o outro, depois em círculos pequenos. Eu não sabia bem como, mas estava hipnotizando Joana!

— Venha cá — rosnei com voz mais profunda do que o normal. Joana se levantou e obedeceu. Parecia uma sonâmbula, olhos parados, braços e pernas rígidos.

Quando parou na minha frente, tracei a linha do seu pescoço com a ponta dos dedos. Eu respirava pesadamente e a via como se através de uma névoa. Passei a língua devagar nos lábios e meu estômago roncou. O banheiro estava quente como uma fornalha e eu via gotas de suor escorrendo no rosto de Joana.

Fui para trás dela, sem tirar as mãos da sua carne. Sentia as veias pulsando quando passava os dedos sobre elas e, quando apertei uma, perto da base do pescoço, eu a vi inchar, azul e bela, pedindo para ser aberta e sugada até o fim.

Arreganhei os dentes e me inclinei para a frente, com a boca aberta.

No último instante, quando meus lábios tocaram seu pescoço, vi meu reflexo no espelho e felizmente foi o suficiente para me fazer parar.

O rosto no espelho era uma máscara crispada e desconhecida, de olhos vermelhos, rugas acentuadas e um sorriso maldoso. Levantei a cabeça para ver mais de perto. Era eu, mas ao mesmo tempo não era. Era como se houvesse duas pessoas num único corpo.

Um menino humano normal e um animal selvagem da noite.

Enquanto eu olhava, o rosto feio desapareceu e a necessidade de beber sangue passou. Olhei para Joana horrorizado. Eu estava pronto para *morder* Joana. Ia me alimentar de minha irmã!

Eu me afastei dela com um grito e cobri o rosto com as mãos, com medo do espelho e do que eu podia ver. Joana cambaleou para trás, depois olhou em volta atordoada.

— O que está acontecendo? — perguntou. — Eu me senti esquisita. Entrei aqui para tomar banho, não foi? Está pronto?

— Sim, está — disse eu.

Eu também estava pronto. Pronto para me tornar um vampiro.

Encostei na parede do corredor, e passei alguns minutos respirando profundamente e tentando me acalmar.

Não podia ser controlado. A sede de sangue era uma coisa que eu não podia vencer. Agora, nem precisava mais ver sangue. Só pensar nele foi bastante para despertar o monstro em mim.

Fui para meu quarto com passo inseguro e me atirei na cama. Chorei porque sabia que minha vida como ser humano tinha acabado. Eu não podia mais viver simplesmente como Darren Shan. O vampiro em mim não podia ser controlado. Mais cedo ou mais tarde, eu faria alguma coisa horrível e ia acabar matando mamãe, papai ou Joana.

Não podia deixar que isso acontecesse. *Não ia deixar*. Minha vida não era mais importante, mas a das pessoas da minha família era. Por eles, eu teria de viajar para longe, para um lugar onde não pudesse fazer mal.

Esperei que a noite chegasse e saí de casa. Nada de esperar que meus pais adormecessem dessa vez. Eu não ousava, porque sabia que um deles subiria ao meu quarto antes de deitar. Eu podia imaginar, mamãe se inclinando para o beijo de boa noite, e levando o choque da sua vida quando eu mordesse seu pescoço.

Não deixei nenhum bilhete e não levei nada comigo. Não podia pensar nessas coisas. Tudo que eu sabia era que tinha de sair de

casa o mais depressa possível. Qualquer coisa que retardasse minha saída seria perigosa.

Caminhei rapidamente e logo cheguei ao teatro. Não parecia sinistro agora. Eu estava acostumado. Além disso, vampiros não têm nada a temer de prédios escuros ou assombrados.

O Sr. Crepsley esperava por mim no lado de dentro da porta da frente.

— Ouvi você chegando — disse. — Demorou mais tempo no mundo dos humanos do que imaginei.

— Suguei o sangue de um dos meus melhores amigos — disse. — E quase mordi minha irmã.

— Você escapou facilmente — disse. — Muitos vampiros matam alguém muito próximo deles antes de compreender que estão condenados.

— Não há nenhum modo de voltar, há? — perguntei tristemente. — Nenhuma poção mágica para me fazer humano outra vez ou evitar que eu ataque as pessoas?

— A única coisa que pode deter você agora é a boa e velha estaca no coração — disse.

— Muito bem — suspirei. — Eu não gosto, mas acho que não tenho outra escolha. Sou todo seu. Não fugirei outra vez. Faça comigo o que quiser.

Ele inclinou a cabeça afirmativamente.

— Provavelmente não vai acreditar — disse. — Mas eu sei o que está passando e tenho pena de você — balançou a cabeça. — Mas isso não quer dizer nada. Temos trabalho para fazer e não podemos nos dar ao luxo de perder tempo. Venha, Darren Shan — disse, pegando minha mão. — Temos muito que fazer antes de você assumir seu lugar como meu assistente.

— Como o quê? — perguntei, confuso.

— Para começar — disse ele com um sorriso malicioso. — Temos de *matar você!*

CAPÍTULO VINTE E NOVE

PASSEI MEU último fim de semana me despedindo silenciosamente. Visitei todos os meus lugares preferidos: biblioteca, piscina, cinema, parques, estádio de futebol. Fui a alguns desses lugares com mamãe ou papai, a outros com Alan Morris ou Tom Jones. Gostaria de passar algum tempo com Lucas, mas não tinha coragem de enfrentá-lo.

Muitas vezes tinha a sensação de estar sendo seguido e o cabelo na minha nuca se eriçava. Mas, sempre que virava para trás, não via ninguém. Finalmente, atribuí aos nervos e ignorei.

Tratei cada momento com minha família e meus amigos como especial. Prestei atenção a seus rostos e suas vozes, para jamais esquecer. Sabia que nunca mais os veria e isso também me partia o coração, mas era como tinha de ser. Não havia como voltar atrás.

Eles não podiam fazer nada errado naquele fim de semana. Os beijos de mamãe não me embaraçavam. As ordens de papai não me preocupavam. As piadas idiotas de Alan não me irritavam.

Passei mais tempo com Joana do que com os outros. Eu ia sentir muita falta dela. Eu a carreguei nas costas e a fiz girar segurando seus braços e a levei ao estádio de futebol comigo e Tom. Até brinquei de boneca com ela.

Às vezes eu tinha vontade de chorar. Olhava para mamãe, papai ou Joana e compreendia o quanto os amava, o quanto meu mundo seria vazio sem eles. Nesses momentos tinha de respirar fundo. Uma ou duas vezes tive de sair correndo para chorar sozinho.

Acho que eles sentiram que algo estava errado. Mamãe foi ao meu quarto no sábado à noite e ficou uma eternidade, me ajeitando na cama, me contando histórias, ouvindo-me falar. Havia anos não passávamos um tempo juntos assim. Quando ela se foi, senti pena de não termos tido outras noites como aquela.

De manhã, papai perguntou se eu queria conversar com ele sobre alguma coisa. Disse que eu estava crescendo e que passaria por muitas mudanças e que ele compreenderia se eu tivesse alterações no estado de espírito ou se quisesse sair sozinho. Mas que sempre estaria ali para conversar comigo.

"*Você* vai estar, mas eu não estarei", tive vontade de dizer chorando mas fiquei calado, fiz um gesto afirmativo e agradeci.

Comportei-me do modo mais perfeito possível. Queria deixar uma boa impressão para que se lembrassem de mim como um bom filho, um bom irmão, um bom amigo. Não queria que ninguém pensasse mal de mim quando eu fosse embora.

Papai ia nos levar para jantar num restaurante naquele domingo, mas eu perguntei se podíamos ficar em casa. Seria minha última refeição com eles e eu queria que fosse especial. Quando mais tarde me lembrasse do passado, queria lembrar de todos nós juntos, em casa, como uma família feliz.

Mamãe fez meu prato favorito: galinha, batata assada, milho na espiga. Joana e eu

tomamos suco de laranja fresco. Mamãe e papai tomaram uma garrafa de vinho. A sobremesa foi torta de queijo com morango. Todos estavam bem dispostos. Cantamos juntos. Papai contou piadas horríveis, mamãe tocou uma música com duas colheres. Joana recitou alguns poemas. Todos nós tomamos parte no jogo de charadas.

Desejei que aquele dia jamais acabasse. Mas, é claro, todos os dias devem acabar e finalmente, como sempre acontece, o sol desa-pareceu e a escuridão tomou conta do céu.

Papai levantou os olhos depois de algum tempo, depois consultou o relógio.

— Hora de ir para a cama — disse ele. — Vocês dois têm colégio de manhã.

“Não”, pensei. “Eu não tenho colégio nunca mais.” Isso devia me alegrar... mas a única coisa que cu pensava era: “Nada de colégio significa nada do Sr. Dalton, nada de amigos, nada de futebol, nada de viagens com a turma.”

Demorei para me deitar. Passei uma eternidade tirando a roupa e vestindo o pijama, mais tempo ainda lavando as mãos, o rosto e escovando os dentes. Então, quando

não podia evitar mais, desci para a sala de estar, onde mamãe e papai conversavam. Olharam para mim surpresos.

— Você está bem, Darren? — perguntou mamãe.

— Estou ótimo — disse eu.

— Não está se sentindo mal?

— Estou ótimo — garanti. — Só queria dizer boa noite. — Abracei papai e o beijei no rosto. Depois fiz a mesma coisa com mamãe. — Boa noite — disse a cada um deles.

— Isso é notável — disse papai, passando a mão no rosto onde eu o tinha beijado. — Há quanto tempo ele não nos beijava, Angie?

— Há muito tempo — sorriu mamãe, batendo de leve na minha cabeça.

— Eu amo vocês — disse. — Sei que não tenho dito isso tanto quanto devia, mas eu os amo e sempre amarei.

— Nós também o amamos — disse mamãe. — Não é, meu bem?

— É claro que sim — disse papai.

— Então, *diga* para ele — insistiu.

Papai suspirou.

— Eu o amo, Darren — disse ele, revirando os olhos para cima, sabendo que

isso me fazia rir. Então me deu um abraço apertado. — Amo de verdade — disse ele, sério dessa vez.

Eu saí da sala. Fiquei no lado de fora da porta algum tempo, ouvindo suas vozes, relutando em partir.

— Por que você acha que ele fez isso? — perguntou mamãe.

— Crianças — disse papai. — Quem sabe o que passa por suas cabeças?

— Alguma coisa está acontecendo — disse mamãe. — Há algum tempo ele está agindo de modo estranho.

— Talvez tenha arranjado uma namorada — sugeriu papai.

— Talvez — mamãe não parecia convencida.

Eu estava demorando muito. Tive medo de que, se esperasse mais tempo, entraria outra vez na sala e contaria a verdade a eles. Se fizesse isso, iam procurar evitar que eu prosseguisse com o plano do Sr. Crepsley. Diriam que vampiros não são reais e lutariam para que eu ficasse com eles, apesar do perigo.

Pensei em Joana e em como estive perto de morder seu pescoço e tive certeza de que não podia deixar que me impedissem. Subi para meu quarto. A noite estava quente e a janela aberta. Isso era importante.

O Sr. Crepsley esperava dentro do guarda-roupa. Apareceu quando me ouviu fechar a porta.

— É muito abafado lá dentro — queixou-se. — Fiquei com pena de Madame Octa por ter de passar tanto tempo no...

— Cale a boca — disse eu.

— Não precisa ser malcriado — fungou. — Eu estava apenas fazendo um comentário.

— Pois não faça — disse eu. — Você pode não achar que este lugar é grande coisa, mas para mim é. É meu lar, meu quarto, meu guarda-roupa, desde que me conheço por gente. E nunca vou ver tudo isso outra vez depois desta noite. São meus últimos momentos aqui. Portanto, não fale mal deste lugar, está bem?

— Desculpe — disse ele.

Com um longo c triste suspiro olhei para o quarto. Tirei uma mala debaixo da cama e a entreguei para o Sr. Crepsley.

— O que é isso? — perguntou ele, desconfiado.

— Coisas pessoais. Meu diário. Um retrato da minha família. Mais algumas coisas. Nada deve ser perdido. Quer tomar conta disso para mim?

— Sim — disse ele.

— Mas só se prometer não olhar o que está dentro da mala.

— Vampiros não têm segredos um para o outro — disse. Mas, quando olhou para mim, estalou os lábios e deu de ombros. — Não vou abrir — prometeu.

— Tudo bem — disse eu, respirando fundo. — Está com a poção? — Ele confirmou e me entregou um pequeno frasco escuro. O líquido era negro e cheirava mal.

O Sr. Crepsley ficou atrás de mim, com as mãos no meu pescoço.

— Tem certeza de que isto vai funcionar? — perguntei, nervoso.

— Confie em mim — disse ele.

— Sempre pensei que pescoço quebrado significa que a pessoa não pode mais andar nem se mexer — disse eu.

— Não — respondeu ele. — Os ossos do pescoço não são importantes. A paralisia só acontece quando a coluna vertebral — um músculo longo que sai do meio do pescoço — se parte. Terei cuidado para que não seja danificada.

— Os médicos não vão achar estranho? — perguntei.

— Não vão verificar — disse ele. — A poção diminui as batidas do seu coração de tal modo que terão certeza de que você está morto quando virem o pescoço quebrado. Se você fosse mais velho, podiam fazer uma autópsia. Mas nenhum médico gosta de cortar o corpo de uma criança. Agora, sabe exatamente o que vai acontecer e o que você deve fazer? — perguntou.

— Sim, eu sei.

— Não pode haver erros — avisou. — Se cometer o menor engano, o plano não dará certo.

— Não sou bobo! Sei o que tenho de fazer — disse eu, irritado.

— Pois então faça — disse.

E eu fiz.

Zangado, engoli o conteúdo do frasco. Fiz uma careta, depois estremeci e meu corpo começou a ficar rígido. Não sentia muita dor, mas uma sensação gelada se espalhou por meus ossos e veias. Meus dentes começaram a bater.

O efeito letal do veneno levou cerca de dez minutos para se manifestar. No fim desse tempo, eu não podia mover os braços nem as pernas, meus pulmões pararam de funcionar (bem, estavam funcionando, mas muito, muito devagar) e meu coração parou (também não completamente, mas o bastante para não ser detectado).

— Vou torcer o pescoço agora — disse o Sr. Crepsley, e ouvi um estalo quando ele virou minha cabeça para um lado. — Pronto — disse ele. — Isso deve bastar. Agora vou jogar você pela janela.

Ele me carregou e parou na janela por um momento, respirando o ar da noite.

— Tenho de jogar com força suficiente para parecer genuíno — disse. — Pode quebrar alguns ossos na queda. Vai doer quando a poção começar a perder o efeito, dentro de alguns dias, mas eu os conserto.

— Lá vamos nós.

Ele me levantou, parou por um momento, depois me jogou para fora.

Caí rapidamente de costas no chão, a casa passando por mim numa névoa. Meus olhos estavam abertos e olhavam para um ralo na base da casa.

Por algum tempo meu corpo não foi encontrado, e fiquei lá, ouvindo os ruídos da noite. Finalmente, um vizinho que passava me viu e foi ver o que tinha acontecido. Eu não podia ver seu rosto, mas ouvi a exclamação abafada quando ele viu meu corpo sem vida.

Ele correu para a frente da casa e bateu na porta. Ouvi sua voz chamando meu pai e minha mãe. Então as vozes deles quando o vizinho os levou para os fundos. Pensaram que era brincadeira ou um engano. Meu pai resmungava zangado.

Os passos pararam quando chegaram aos fundos da casa e me viram. Por um longo e terrível momento, fez-se completo silêncio. Então, papai e mamãe correram e me levantaram do chão.

— Darren? — gritou mamãe, apertando-me contra seu peito.

— Solte-o, Angie — gritou papai, tirando-me dos braços dela e me deitando na grama.

— O que há de errado com ele, meu bem? — exclamou mamãe, chorando.

— Eu não sei, deve ter caído. — Papai olhou para cima, para a janela aberta do meu quarto. Eu via suas mãos fechadas com força.

— Ele não se mexe — disse mamãe, calmamente, depois me segurou e sacudiu com força. — Ele não se mexe — gritou. — Ele não se mexe. Ele está...

Mais uma vez papai segurou as mãos dela. Chamou nosso vizinho.

— Leve-a para dentro — disse ele, em voz baixa. — Telefone para a ambulância. Eu fico aqui tomando conta de Darren.

— Ele está... morto? — perguntou o vizinho. Mamãe gemeu alto quando ouviu isso e cobriu o rosto com as mãos.

Papai balançou a cabeça lentamente.

— Não — disse ele, apertando de leve o ombro de mamãe. — Só está paralisado, como seu amigo.

Mamãe tirou as mãos do rosto.

— Como Lucas? — perguntou ela, esperançosa.

— Sim — sorriu papai. — E vai ficar bom, como Lucas. Agora, vá chamar ajuda, certo?

Mamãe fez que sim e acompanhou o vizinho. Papai continuou sorrindo até ela desaparecer no lado da casa, então se inclinou sobre mim e sentiu meu pulso. Como não percebeu nenhum sinal de vida, me deitou outra vez, afastou o cabelo dos meus olhos e fez uma coisa que eu jamais esperava ver.

Ele começou a chorar.

E foi assim que entrei numa nova e infeliz fase da minha vida — *na morte.*

CAPÍTULO TRINTA

NÃO DEMOROU muito para que os médicos dessem o veredicto. Não detectaram respiração, pulso ou movimento. Quanto a eles, era um caso resolvido.

A pior coisa era ver o que acontecia à minha volta. Desejei ter pedido ao Sr. Crepsley para me dar outra poção que me tivesse feito dormir. Era horrível ouvir mamãe e papai chorando, Joana gritando para eu voltar.

Amigos da família começaram a chegar depois de algumas horas, o sinal para mais soluços e gemidos.

Eu gostaria de ter evitado isso. Preferia ter fugido com o Sr. Crepsley no meio da noite, mas ele tinha dito que não era possível.

— Se você fugir, eles vão atrás — disse. — Vai haver cartazes por toda parte, retratos nos jornais e na polícia. Nunca teríamos paz.

Fingir a morte era o único meio. Se pensassem que eu estava morto, eu estaria livre. Ninguém procura um morto.

Agora, ouvindo toda aquela tristeza, amaldiçoei o Sr. Crepsley e a mim mesmo. Eu não devia ter feito aquilo. Não devia fazer com que eles passassem por isso.

Porém, vendo o lado positivo, pelo menos estava tudo acabado. Eles estavam tristes, e ficariam assim por algum tempo, mas finalmente iam superar (eu esperava). Se eu tivesse fugido no meio da noite, o sofrimento podia durar para sempre: podiam viver o resto da vida esperando que eu voltasse, procurando, acreditando que algum dia eu iria voltar.

O agente funerário chegou e mandou os visitantes saírem da sala. Ele e uma enfermeira me despiram e examinaram meu corpo. Alguns dos meus sentidos estavam voltando e eu sentia suas mãos frias na pele.

— Ele está em ótima condição — disse ele em voz baixa para a enfermeira. — Carne firme e sem marcas. Pouca coisa tenho de fazer com ele. Só um pouco de ruge para parecer mais corado.

Ele levantou minhas pálpebras. Era um homem gorducho e feliz. Tive medo de que notasse vida nos meus olhos, mas não notou. Apenas virou minha cabeça de um lado para o outro delicadamente, fazendo estalar os ossos quebrados do meu pescoço.

— O homem é uma criatura tão frágil — suspirou, continuando o exame.

Fui levado para casa naquela noite e me puseram sobre a mesa coberta por uma toalha, para que as pessoas pudessem se despedir.

Era sinistro ouvir toda aquela gente falando de mim como se eu não estivesse ali, falando sobre minha vida e sobre o que eu era quando bebê e que bom menino tinha sido e que bom homem eu seria, se vivesse.

Que choque seria se eu me levantasse gritando "*Buu!*"

O tempo se arrastou. Não sei se posso explicar como era tedioso ficar ali deitado durante horas e horas, sem poder me mexer ou rir ou coçar o nariz. Não podia sequer olhar para o teto, porque meus olhos estavam fechados.

Precisava ter cuidado quando meus sentidos começassem a voltar. O Sr. Crepsley tinha dito que começaria com picadas e coceiras, muito antes de tudo voltar ao normal. Eu não podia me mexer, mas, se fizesse um grande esforço, podia ter me virado um pouco, o que acabaria com o jogo.

A coceira quase me deixou louco. Tentei ignorar, mas era impossível. Estava em toda parte, subindo e descendo no meu corpo como aranhas. O pior era em volta da cabeça e do pescoço, onde os ossos tinham sido quebrados.

Finalmente, as pessoas começaram a ir embora. Devia ser tarde, porque assim que a sala ficou vazia o silêncio era total. Fiquei lá deitado por algum tempo, desfrutando o silêncio.

Então ouvi um ruído.

A porta da sala estava abrindo lenta e silenciosamente.

Passos cruzaram a sala e pararam ao lado da mesa. Senti um frio no estômago e não era por causa do veneno. Quem estava ali? Por um momento pensei que fosse o Sr. Crepsley, mas ele não tinha motivo para entrar na casa.

Tínhamos combinado de nos encontrar mais tarde.

Fosse quem fosse — ele ou ela — não fazia o menor ruído. Por alguns minutos não ouvi nada.

Então, senti as mãos no meu rosto.

Ele ergueu minhas pálpebras e as examinou com uma pequena lanterna. A sala estava muito escura para ver quem era. Ele rosnou, fechou as pálpebras, depois abriu minha boca e pôs alguma coisa na minha língua: parecia um pedaço de papel fino, mas tinha um gosto amargo estranho.

Depois de retirar o objeto da minha boca, ele segurou minhas mãos e examinou as pontas dos dedos. Em seguida ouvi o ruído de uma câmera tirando fotos.

Finalmente ele enfiou um objeto agudo — parecia uma agulha — em mim. Teve cuidado de não me picar nos lugares que podiam sangrar e nos meus órgãos vitais. Meus sentidos tinham voltado em parte, mas não completamente, por isso a agulha não provocou muita dor.

Depois disso ele se foi. Ouvi seus passos atravessando a sala, tão silenciosamente

quanto antes, depois a porta sendo aberta e fechada e acabou. O visitante, fosse quem fosse, se foi, deixando-me intrigado e um pouco temeroso.

Cedo na manhã seguinte, papai entrou e sentou-se ao meu lado. Falou por um longo tempo sobre as coisas que tinha planejado para mim, a faculdade para.onde eu teria ido, o trabalho que ele queria para mim. Ele chorou bastante.

Quase no fim da conversa unilateral, mamãe entrou e sentou-se ao lado dele. Choraram juntos tentando se consolar. Disseram que ainda tinham Joana e podiam talvez ter outro filho ou adotar. Pelo menos fora rápido e eu não tinha sofrido. E teriam as lembranças.

Detestei ser a causa de tanto sofrimento. Daria qualquer coisa no mundo para poupá-los dessa dor.

Houve grande atividade mais tarde, naquele dia. Um caixão foi trazido e me puseram dentro dele. Um padre chegou e sentou-se com a família e os amigos. As pessoas entravam e saíam da sala.

Afinal a tampa do caixão foi fechada e aparafusada. Fui tirado da mesa e levado para o carro fúnebre. Fomos vagarosamente até a igreja, onde eu não podia ouvir muito do que era dito. Então, terminada a missa, me levaram para o cemitério, onde eu ouvi cada palavra do padre e os soluços e gemidos dos que acompanhavam o caixão.

Então me enterraram.

CAPÍTULO TRINTA E UM

TODO SOM cessou quando me desceram para o buraco escuro e úmido. Houve um tranco quando o caixão chegou no fundo e então ouvi o som que parecia chuva dos primeiros punhados de terra sobre a tampa.

Depois disso um longo silêncio, até os coveiros começarem a jogar terra com a pá.

Os primeiros torrões caíram como tijolos. As pancadas pesadas e surdas fizeram o caixão estremecer. À medida que o túmulo enchia e a terra se amontoava entre mim e o mundo lá em cima, os sons dos vivos ficavam mais fracos até se transformarem em um zumbido distante.

No fim ouvi batidas fracas quando eles ajeitavam a terra em volta do caixão.

Depois, silêncio completo.

Eu estava deitado na escuridão silenciosa, ouvindo a terra, imaginando os sons dos

vermes se arrastando para mim. Pensei que seria aterrador, mas na verdade era uma grande paz. Eu me sentia seguro lá embaixo, protegido contra o mundo.

Comecei a pensar nas últimas semanas, a competição pela entrada do circo, a força estranha que me fez fechar os olhos e estender a mão cegamente, a minha primeira visita ao teatro escuro, o balcão frio onde vi Lucas conversando com o Sr. Crepsley.

Foram muitos os momentos vitais. Se eu tivesse perdido a entrada não estaria aqui. Se não tivesse ido ao espetáculo não estaria aqui. Se eu não tivesse ficado para ver o que Lucas ia fazer, não estaria aqui. Se eu não tivesse roubado Madame Octa, não estaria aqui. Se eu tivesse dito não à oferta do Sr. Crepsley, não estaria aqui.

Um mundo de "*ses*", mas não tinha importância. O que estava feito estava feito. Se eu pudesse voltar no tempo...

Mas não podia. O passado estava atrás de mim. A melhor coisa agora era não olhar para trás. Estava na hora de esquecer o passado e olhar para o presente e para o futuro.

Com o passar das horas, o movimento voltou. Primeiro nos dedos, que se fecharam, depois deslizaram do meu peito, onde tinham sido cruzados pelo agente funerário. Eu os flexionei várias vezes, devagar, aliviando a coceira nas palmas das mãos.

Meus olhos se abriram, mas pouco adiantou. Abertos ou fechados, tudo era igual lá embaixo: escuridão completa.

Começaram as dores. Minhas costas doíam por causa da queda. Meus pulmões e o coração — este desacostumado de bater — doíam. Tinha cãibras nas pernas, meu pescoço estava rígido. A única parte em que eu não sentia dor era no meu dedão do pé direito.

Foi quando comecei a respirar que comecei também a me preocupar com o ar no caixão. O Sr. Crepsley tinha dito que eu podia sobreviver mais de uma semana em estado de semicoma. Eu não precisava comer, nem usar o banheiro nem respirar. Mas agora que minha respiração voltou, comecei a perceber a pequena quantidade de ar e a rapidez com que eu o usava.

Não entrei em pânico. O pânico me faria respirar rapidamente e usar mais ar.

Permaneci calmo e respirando suavemente. Fiquei o mais imóvel possível. O movimento faz respirar mais.

Não tinha nenhum meio de saber as horas. Tentei contar mentalmente, mas perdia a sequência dos números e tinha de voltar e recomeçar tudo.

Cantei silenciosamente e contei histórias. Desejei que tivessem me enterrado com uma TV ou um rádio, mas acho que não há muita utilidade para essas coisas entre os mortos.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ouvi o barulho da terra sendo cavada.

Ele cavava mais depressa do que um ser humano, tão depressa que parecia sugar o solo. Alcançou-me no que deve ter sido um tempo recorde, menos de quinze minutos. No que me dizia respeito, não foi depressa demais.

Ele bateu três vezes no caixão, e depois começou a soltar os parafusos. Isso levou alguns minutos. Então abriu a tampa e me vi olhando para o mais belo céu que já tinha visto.

Respirei fundo e me sentei, tossindo. A noite estava escura, mas depois de passar tanto tempo debaixo do solo, parecia dia para mim.

— Você está bem? — perguntou o Sr. Crepsley.

— Estou morto de cansaço — sorri fracamente.

Ele sorriu da piada.

— Fique de pé para que eu o examine — disse ele. Levantei-me com uma careta. Tinha agulhas e alfinetes por todo o corpo. Ele passou os dedos de leve na frente, depois nas minhas costas. — Você teve sorte — disse. — Nenhum osso quebrado. Só algumas escoriações que vão desaparecer em alguns dias.

Ele saiu do túmulo, estendeu a mão e me ajudou a sair também. Eu estava ainda bastante rígido e dolorido.

— Sinto-me como uma almofada de alfinetes que foi apertada — queixei-me.

— Levará alguns dias para passar completamente o efeito — disse ele. — Mas não se preocupe, você está em ótima forma. Tivemos sorte de o enterro ter sido hoje. Se

tivessem esperado outro dia, você estaria se sentindo muito pior.

Ele pulou para dentro do túmulo e fechou a tampa do caixão. Quando reapareceu, apanhou a pá e começou a jogar a terra de volta.

— Quer que eu o ajude? — perguntei.

— Não — disse ele. — Você atrasaria meu trabalho. Vá dar um passeio para se livrar de parte da rigidez dos ossos. Eu chamo quando terminar.

— Você trouxe a minha mala? — perguntei.

Ele indicou com a cabeça a pedra de um túmulo próximo e vi a mala dependurada nela.

Eu a apanhei e abri para ver se ele a tinha revistado. Não havia sinal de minha privacidade ter sido violada, mas eu não podia ter certeza. Teria de acreditar na palavra dele. De qualquer modo, não tinha muita importância. Não havia nada no meu diário que ele já não soubesse.

Fui andar entre os túmulos, experimentando, sacudindo as pernas e os braços, com prazer. Qualquer sensação, até

agulhas e alfinetes, era melhor do que nenhuma.

Meus olhos estavam mais aguçados do que nunca. Eu podia ler nomes e datas a vários metros de distância. Era o sangue de vampiro em mim. Afinal, os vampiros não passam a vida inteira no escuro? Eu era só um meio-vampiro mas todos os...

De repente, quando pensava nos meus novos poderes, um braço apareceu de trás de um dos túmulos, cobriu com a mão minha boca e me arrastou no chão, para onde o Sr. Crepsley não podia me ver.

Sacudi a cabeça e abri a boca para gritar, mas então vi uma coisa que me fez ficar calado. Meu atacante, fosse quem fosse, tinha um martelo e uma grande estaca de madeira, cuja ponta afiada apontava *direto para meu coração*.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

— SE VOCÊ fizer o menor movimento, enfio isto no seu peito sem pensar duas vezes — avisou meu atacante.

As palavras assustadoras não tiveram a metade do impacto da voz familiar.

— *Lucas?* — disse eu, ofegante, olhando da ponta da estaca para o rosto dele. Era Lucas, sem dúvida, tentando parecer corajoso, mas na verdade apavorado. — Lucas, o que... — comecei, mas ele me fez calar com uma espetada da estaca.

— Nem uma palavra — cochichou ele, agachado atrás da pedra do túmulo. — Não quero que seu amigo ouça.

— Meu... ah, quer dizer, o Sr. Crepsley — disse eu.

— Larten Crepsley Vur Horston — disse Lucas, com desprezo. — Não me importa como

você o chama. Ele é um vampiro. É tudo que me interessa.

— O que está fazendo aqui? — murmurei.

— Caçando vampiros — rosnou ele, espetando-me outra vez com a estaca. — E olhe aqui: parece que encontrei dois.

— Escute — disse eu, mais aborrecido do que preocupado (se ele fosse me matar, teria feito imediatamente, e não ia ficar conversando primeiro, como nos filmes). — Se você vai enfiar essa coisa em mim, faça já. Se quer falar, guarde essa estaca. Estou bastante dolorido e não preciso que você comece a fazer buracos em mim.

Ele olhou espantado para mim e afastou a estaca alguns centímetros do meu corpo.

— Por que você está aqui? — perguntei. — Como sabia?

— Eu estava seguindo você — disse ele. — Eu o segui durante todo o fim de semana, depois de ver o que fez com Alan. Vi Crepsley entrar na sua casa. Eu o vi jogar você pela janela.

— Foi você quem entrou na sala! — disse eu, lembrando o misterioso visitante no meio da noite.

— Sim — assentiu ele. — Os médicos assinaram sua certidão de óbito muito depressa. Eu queria verificar pessoalmente para ver se você ainda estava vivo.

— O pedaço de papel na minha boca? — perguntei.

— Papel de tornassol — disse ele. — Muda de cor quando é posto em uma superfície úmida. Quando é posto numa pessoa viva. Isso e as marcas nas pontas dos seus dedos me deram certeza.

— Você sabe sobre as marcas nas pontas dos dedos? — perguntei, admirado.

— Eu li em um livro antigo — disse ele. — Na verdade, no mesmo onde encontrei o retrato de Vur Horston. Não havia menção em nenhum outro lugar, por isso pensei que fosse somente outro mito sobre vampiros. Mas examinei seus dedos e...

Ele parou de falar e inclinou a cabeça para o lado. Percebi que não ouvia mais o som da terra sendo jogada no túmulo. Por um momento fez-se silêncio. Então a voz do Sr. Crepsley sibilou entre os túmulos.

— Darren, onde você está? — chamou. — Darren?

O rosto de Lucas se crispou de medo. Eu ouvia as batidas do seu coração e via as gotas de suor escorrendo no seu rosto. Ele não sabia o que fazer. Não tinha pensado em um plano.

— Estou bem — gritei, fazendo Lucas dar um pulo.

— Onde você está? — perguntou o Sr. Crepsley.

— Aqui — respondi ficando de pé, ignorando a estaca de Lucas. — Minhas pernas estavam fracas, por isso deitei por alguns minutos.

— Você está bem? — perguntou ele.

— Estou ótimo. Vou descansar um pouco mais, depois tentar andar outra vez. Chame quando estiver pronto.

Eu agachei para ficar com o rosto na altura do de Lucas. Ele não parecia mais tão corajoso. A ponta da estaca estava virada para o chão, não mais uma ameaça, e todo o corpo dele parecia flácido. Tive pena de Lucas.

— Por que veio aqui, Lucas? — perguntei.

— Para matar você — disse ele.

— Para me matar? Por quê? — perguntei.

— Você é um vampiro — disse ele. — O que mais eu precisava?

— Mas você não tem nada contra vampiros — lembrei. — Você queria ser um deles.

— Sim — rosnou. — Eu queria, mas você é quem é o vampiro. Você planejou tudo isso o tempo todo, não foi? Você disse a ele que eu era malvado. Você o fez me rejeitar para poder...

— Está dizendo bobagem — suspirei. — Eu nunca quis ser vampiro. Só concordei em me juntar a ele para salvar sua vida. Você teria morrido se eu não tivesse concordado em ser seu assistente.

— Uma bela história — disse ele duvidando. — Pensar que eu acreditei que você era meu amigo. Hah!

— Eu sou seu amigo — exclamei. — Lucas, você não compreende. Eu nunca faria nada para prejudicar você. Detesto o que aconteceu comigo. Só fiz isso para...

— Poupe-me o sentimentalismo — disse ele com desprezo. — Há quanto tempo estava planejando isto? Você deve ter procurado o Sr. Crepsley na noite do espetáculo. Foi assim que conseguiu Madame Octa, não foi? Ele a deu a você para que fosse seu assistente.

— Não, Lucas, isso não é verdade. Não deve acreditar nisso. — Mas ele acreditava. Eu podia ver nos seus olhos. Nada que eu dissesse ia mudar sua opinião. Para ele eu o tinha traído. Tinha roubado a vida que devia ter sido sua. Ele jamais me perdoaria.

— Vou embora agora — disse ele, começando a se arrastar para longe. — Pensei que poderia matar você esta noite, mas estava enganado. Sou muito jovem, não sou bastante corajoso ou bastante forte para isso. Mas preste atenção, Darren Shan — disse ele. — Vou crescer. Vou ficar mais velho e mais forte e mais corajoso. Vou dedicar a vida toda a desenvolver meu corpo e minha mente e quando chegar o dia... quando eu estiver pronto... quando estiver devidamente equipado e preparado...

"Vou achar você e matá-lo", prometeu. "Vou ser o melhor caçador de vampiros do mundo e, em qualquer buraco em que você se esconder, vou encontrá-lo. Nenhum buraco, nenhuma rocha, nenhum porão.

"Vou perseguir você até os confins da terra, se for preciso", disse ele, com um brilho insano no rosto. "Você e seu mentor. E,

quando os encontrar, vou enfiar estacas com pontas de aço nos seus corações, depois decapitar os dois e encher suas cabeças de alho. Então, vou queimá-los e espalhar as cinzas na água corrente. Não vou correr nenhum risco. Vou me certificar de que vocês nunca mais voltem do túmulo.”

Ele fez uma pausa, tirou uma faca da cintura e cortou com ela uma cruz na palma da mão esquerda. Levantou a mão para que eu pudesse ver o sangue pingando do ferimento.

— Com este sangue eu juro! — declarou ele, depois virou e correu, desaparecendo nas sombras na noite.

Eu podia ter corrido atrás dele, seguido a trilha de sangue. Se eu tivesse chamado o Sr. Crepsley, podíamos encontrar e dar um fim a Lucas Leopardo e suas ameaças. Era a coisa mais sensata a fazer.

Mas eu não fiz. Eu não podia. Ele era meu amigo.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

O SR. CREPSLEY estava alisando o monte de terra quando eu voltei. Fiquei vendo-o trabalhar. A pá era grande e pesada mas ele a manejava como se tosse feita de papel. Imaginei o quanto ele era forte e o quanto eu seria forte algum dia.

Pensei em contar a ele sobre Lucas, mas tive medo de que fosse atrás dele. Lucas já tinha sofrido muito. Além disso, sua ameaça era vazia. Dentro de algumas semanas teria se esquecido de mim c do Sr. Crepsley.

Eu esperava.

O Sr. Crepsley ergueu os olhos e franziu as sobrancelhas.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou ele. — Parece muito tenso.

— Você também estaria se tivesse passado o dia dentro de um caixão — respondi.

Ele riu alto.

— Mestre Shan, passei mais tempo dentro de caixões do que muitos dos verdadeiros mortos — alisou pela última vez a terra, depois quebrou a pá em pequenos pedaços e jogou-a para longe. — A rigidez está melhorando? — perguntou ele.

— Está melhor do que antes — disse eu, girando os braços e a cintura. — Eu não gostaria de me fingir de morto muitas vezes.

— Não — disse, pensativo. — Bem, esperemos que não seja mais necessário. É um truque perigoso. Muitas coisas podem sair erradas.

Olhei para ele, atônito.

— Você disse que era perfeitamente seguro.

— Eu menti. A poção às vezes leva os pacientes a um estado de morte muito adiantado e eles nunca voltam. E eu não tinha certeza de que não iam fazer uma autópsia. E... você quer ouvir o resto? — perguntou.

— Não — disse eu, nauseado. — Não quero. — Saltei para ele, furioso.

Ele desviou facilmente, rindo.

— Você me disse que era seguro — gritei. — Você mentiu!

— Eu tive de mentir — disse ele. — Não havia outro meio.

— E se eu tivesse morrido?

Ele deu de ombros.

— Eu ficaria sem um assistente. Não seria uma grande perda. Tenho certeza de que posso encontrar outro.

— Você... você... Oh! — chutei a terra do chão, furioso. Eu podia chamar o Sr. Crepsley de muitas coisas, mas não queria usar palavrões na presença dos mortos. Eu diria o que pensava da sua falsidade mais tarde.

— Está pronto para ir? — perguntou.

— Só mais um minuto. — Subi no túmulo mais alto e olhei para a cidade. Eu não podia ver muito de onde estava mas era meu último olhar para o lugar onde nasci e vivi, por isso não me apressei e tratei cada ruela escura como uma rua particular, cada bangalô dilapidado como o palácio de um xeque, cada prédio simples de dois andares como um arranha-céu.

— Depois de algum tempo, vai se acostumar a deixar lugares e pessoas — disse o Sr. Crepsley. Ele estava atrás de mim, de pé numa pedra, pousado em pouco mais do que

ar. Seu rosto estava tristonho. — Vampiros estão sempre se despedindo. Nunca paramos em lugar algum. Estamos sempre arrancando nossas raízes e mudando para novas pastagens. É o nosso modo de ser.

— A primeira vez é a mais difícil? — perguntei.

— Sim — disse ele, confirmando. — Mas nunca fica fácil.

— Quanto tempo até eu me acostumar? — quis saber.

— Talvez algumas décadas — disse ele. — Talvez mais.

Décadas, disse ele, como se estivesse falando em meses.

— Nunca podemos fazer amigos? — perguntei. — Nunca podemos ter um lar, uma mulher, uma família?

— Não — suspirou ele. — Nunca.

— Sentimos a solidão? — perguntei.

— Terrivelmente — admitiu.

Fiz que sim com a cabeça, tristemente. Pelo menos ele estava sendo sincero. Como eu disse antes, sempre prefiro a verdade — por mais desagradável que seja — a uma mentira.

Com a verdade sempre sabemos onde estamos.

— Tudo bem, estou pronto — disse eu, descendo da pedra. Apanhei minha mala e limpei-a da terra do túmulo.

— Você pode ir nas minhas costas se quiser — ele disse.

— Não, obrigado — respondi educadamente. — Talvez mais tarde, mas prefiro andar para acabar com a rigidez das pernas.

— Muito bem — disse ele.

Passei a mão no estômago, e senti roncar.

— Não como desde domingo — disse eu. — Estou com fome.

— Eu também — disse ele. Então, segurou minha mão e sorriu, sedento de sangue. — Vamos comer.

Respirei longa e profundamente tentando não pensar no menu. Inclinei a cabeça nervosamente e apertei a mão dele. Demos as costas para os túmulos. Então, lado a lado, o vampiro e seu assistente começaram a andar...

... para dentro da noite.

CONTINUA...

Digitalização/Revisão/Formatação:

SAYURI

CIRCO DOS HORRORES

A SAGA DE DARREN SHAN

LIVRO 1

Darren Shan é apenas um estudante comum até receber um convite para visitar o Circo dos Horrores... até conhecer Madame Octa... até ficar cara a cara com uma misteriosa criatura da noite.

Logo Darren e seu amigo Lucas são apanhados em uma armadilha mortal. Darren deve fazer um acordo sinistro com a única pessoa que pode salvar Lucas. Mas essa misteriosa criatura só negocia com sangue.

"Um livro arrebatador... um enredo cheio de reviravoltas que deixam o leitor sedento por mais."

J. K. Rowling,
autora dos livros de Harry Potter